



Bonavides: "Precisamos seguir para energia limpa e renovável"

Engenheiro Clóvis Bonavides calcula que ainda será difícil para o mundo livrar-se do petróleo, mas este é o único caminho diante do aquecimento global. [Página 4](#)

Paraíba

Lixo é problema que persiste nas ruas e praias da capital

Com poucos depósitos espalhados pela cidade, o lixo é descartado na areia da praia, em terrenos baldios ou no meio da rua, incomodando turistas e moradores. [Página 6](#)

Cultura



Castro Pinto Historiador Flávio Ramalho de Brito lançará biografia do ex-presidente da Parahyba. [Página 9](#)

Economia

Empreendedorismo impacta de forma positiva as periferias

População mais vulnerável descobre em pequenos negócios a oportunidade de garantir renda e enfrentar as dificuldades financeiras impostas pela pandemia. [Página 17](#)

Colunas

/// Vanildo Brito era um poeta culto. Ao poeta se associava o ensaísta, o estudioso da filosofia e da teoria do sagrado, o leitor incansável de Nietzsche. [Página 11](#)

Hildeberto Barbosa Filho

/// Há muito que as investigações científicas abandonaram, no limbo das especulações metafísicas, questões relativas ao por quê? substituindo-as pelo como?. [Página 10](#)

Estevam Dedalus

/// Lima Barreto martelava nas elites do seu tempo, sobrando até para os juizes: 'Os maiores ladrões são os que têm por ofício livramo-nos de outros ladrões'. [Página 14](#)

Fábio Mozart



Economia criativa O Governo do Estado e a prefeitura de Monteiro inauguram na próxima quinta-feira o Centro de Referência da Renda Renascença. [Página 5](#)

Enem 2021: mais de 119 mil candidatos fazem provas na PB

Exame é o principal caminho de acesso ao ensino superior, um sonho acalentado pela maioria dos estudantes brasileiros, que buscam chance de mudança de vida. [Página 3](#)



Foto: Marcus Antonius

Um guia de planejamento para João Pessoa

Até o próximo ano, a capital paraibana deve ganhar o novo Plano Diretor, que norteará as políticas públicas e os rumos do desenvolvimento urbano. [Página 13](#)



Pensar Nesta edição, o suplemento discute a imposição de paradigmas de beleza e a luta contra a gordofobia, um preconceito que agride e fere pessoas que fogem a esses padrões



Foto: Roberto Guedes

Patrimônio cultural O Muriçocas do Miramar pode ganhar um memorial para contar e preservar a história da agremiação. [Página 25](#)

Editorial

Nova história

Quase tudo na vida precisa servir, para poder existir. É o caso dos monumentos artísticos e históricos, que não necessitam apenas de restauração e manutenção permanentes, providências elementares. Os prédios que representam marcos sociais ou estéticos de um lugar, principalmente os mais longevos, precisam de finalidades que ultrapassem o simbólico e os façam estabelecer um diálogo e um contato físico com a sociedade contemporânea.

O sopro de vida dos edifícios de outrora, evidentemente, não vem dos fantasmas que o habitam ou daqueles que os contemplam de outra dimensão qualquer. O oxigênio novo que lhes infla os pulmões e renova o sangue vem das pessoas que fazem uma cidade ser o que ela é no presente, embora a saúde geral de seu corpo e de sua mente dependem mais, por exemplo, dos cuidados médicos do poder público e do empresariado.

O governador João Azevêdo tem demonstrado habilidade incomum quando o assunto é dar destino ao patrimônio cultural. Vejam-se os casos do Museu da Cidade e do Museu da História da Paraíba, ambos na cidade de João Pessoa. O primeiro já foi instalado em um palacete da Praça da Independência, e o segundo será brevemente inaugurado no Palácio da Redenção, sede do Governo do Estado, na Praça dos Três Poderes.

O Museu da Cidade e o Museu da História são instituições cuja funcionalidade, além de amparada por tecnologias de diferentes idades, foi estabelecida a partir de conceitos contemporâneos de museologia, de maneira a humanizar ao máximo a relação das pessoas com a memória que guardam os objetos socialmente relevantes da Paraíba e de sua capital. A sintonia dos acervos com seu meio ambiente também é muito valorizada.

O caso da Fundação Casa de José Américo, na Praia do Cabo Branco, também é exemplar. A história e o conjunto de bens da instituição, além de eventos formais (palestras, seminários etc.), também chegam às pessoas por meio de uma política de boa vizinhança, que inclui feira de produtos típicos e até um censo, para identificar os problemas do bairro. Sem dúvida, uma nova história que está sendo escrita, lida, vista e ouvida, na Paraíba.

Crônica

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com | Colaborador

Paraibanos que honraram a História

Ernani Sátiro foi um dos mais brilhantes políticos paraibanos. Destacou-se no cenário nacional por sua inteligência e pela forma autêntica com que expressava suas opiniões e as suas convicções políticas. Por ser líder da ARENA na Câmara dos Deputados, nos primeiros anos da ditadura militar, era considerado homem de direita. Entretanto, todos o respeitavam pela postura digna e ética com que se comportava como político. No episódio do processo de cassação de Márcio Moreira Alves, em 1968, há um fato registrado pela Revista Veja que define bem a personalidade desse nosso conterrâneo. Estava afastado da liderança, por motivos de saúde, quando estourou a repercussão do discurso do deputado Márcio Moreira Alves, e que deu causa à iniciativa do governo em propor à Câmara a cassação do seu mandato.

Sendo figura destacada do mundo político nacional e desfrutando da confiança dos militares no poder, mesmo convalescendo em um hospital, era o deputado Ernani Sátiro consultado sobre os acontecimentos e o desenrolar da crise. Informado de que o presidente da ARENA, senador Daniel Krieger, havia encaminhado carta ao presidente Costa e Silva manifestando sua discordância do processo contra o deputado Márcio Moreira Alves, Ernani Sátiro, do seu leito de hospital, decidiu telefonar para o general Jaime Portela, chefe da Casa Militar da Presidência da República, indagando se o mesmo teria tido conhecimento da correspondência do senador Krieger ao presidente. Recebendo resposta afirmativa, voltou a indagar: “E então?”. O general Portela afirmou: “Acho que ninguém é insubstituível”. Para surpresa do militar, Ernani Sátiro terminou o telefonema declarando:

“Olha, Jaime, eu estou inteiramente de acordo com as palavras do alemão”.

A posição assumida por Ernani Sátiro, mesmo ausente da Câmara, foi acompanhada pelo presidente José Bonifácio, defendendo a imunidade parlamentar em termos absolutos. Preocupado com a reação de influentes lideranças do seu partido, o presidente Costa e Silva mandou chamar, um a um, todos os deputados da ARENA, e a todos repetia: “Márcio Moreira Alves tem que ser cassado para aplacar a animosidade dos militares”. Sabendo disso, o senador Daniel Krieger fez o mesmo, chamou todos

aqueles que antes haviam estado com o presidente, e afirmou: “Hoje é Márcio Moreira Alves, amanhã poderá ser um de nós. Não se pode abrir mão das prerrogativas parlamentares. Do contrário estamos fritos”.

O governo percebeu então que não seria tão fácil conseguir seu objetivo e ameaçou endurecer o jogo, encontrando pela frente políticos que honraram a nossa história, não se curvando ao império da força do autoritarismo. A exemplo, também, do deputado paraibano Pedro Gondim, da ARENA dissidente, que assim se manifestou da tri-

buna da Câmara: “Não é um movimento organizado e caracterizadamente contra o governo dentro da ARENA. O que se evidencia é a existência de um ponderável número de parlamentares que, não obstante integrantes do partido governista, votam contra a concessão da licença pleiteada para processar deputado, seja ele qual for, na decorrência de palavras e de votos proferidos no intrínseco exercício do seu mandato. Neste número, igualmente me incluo. Eu, por exemplo, voto declaradamente pela desaprovação da licença”.

Artigo

Sitônio Pinto
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Zé de Viagem

O velho João Sitônio tinha uma loja em Princesa, na esquina do pátio da Feira com a Rua Grande, ou coronel Marcolino Pereira Lima, seu sogro por duas vezes. O prédio da loja foi dote de uma das filhas do coronel. Era um sobrado imponente, com detalhes barrocos, uma estátua em louça portuguesa de Diana, a Caçadora, na esquina do prédio, ladeada por abacaxis do mesmo material.

A loja de João Sitônio era um empório onde se vendia de tudo: tecidos nacionais e ingleses, calçados, chapéus e meias para homens e senhoras, miudezas de armarinho; conhaques e vinhos portugueses (estes ele comprava em barris), cachaças brasileiras, queijos do reino e da França; doces e biscoitos importados, manteigas nacionais e francesas, Lírio e Le Pelletier; e os produtos da padaria que ele tinha ao lado.

O primeiro andar servia de depósito para o estoque de mercadorias. Na esquina, nos dias de feira, o Velho do Pife executava seus números da música popular mais brasileira, fazendo os ouvidos de um jovem balconista, o trompetista e compositor José Siqueira, de precoce talento, membro da Sociedade Musical Pereira Lima, e que morava e trabalhava com o lojista João Sitônio.

Um dia, entrou na loja um vivaldino conhecido por Zé de Viagem. Era um homem de pequena estatura, atarracado, claro, de fala apressada e gestos nervosos. Bem vestido, calça e camisa de linho, chapéu de massa na cabeça grande, apresentava-se como um pequeno burguês digno de crédito.

O apelido advinha do mau costume que ele tinha de comprar e pedir fiado, alegando, na hora e pagar, que estava de viagem, e que liquidaria o débito na volta. Zé de Viagem fez sua compra na loja do velho Sitônio e veio com a conversa de sempre:

— Seu João Sitônio, eu agora estou de viagem e pagarei ao senhor na volta. O carro está esperando por mim. Embrulhe logo a mercadoria.

João Sitônio, com sua calma budista que o acompanhava em todos os momentos e situações, detrás do basto bigode, de cima de seu colarinho alto e de dentro do colete do terno de casimira, disse ao famoso mau pagador:

— Espere aí, seu Zé de Viagem. O senhor tem um débito antigo comigo.

— Será possível, seu João Sitônio, que eu estou devendo na casa?

— Está sim, — respondeu o tranqüilo João Sitônio, — e foi buscar o livro de créditos.

O velho João Sitônio folheou as páginas e encontrou a despesa antiga feita por Zé de Viagem.

— Olhe aqui o que você comprou e ainda não pagou — disse o lojista.

— Está certo, seu João, pagarei na volta.

— Na volta não, Zé de Viagem. Eu estava esperando você há muito tempo, para lhe cobrar. Quero que você pague agora o que me deve.

— Agora, seu João Sitônio?

— Sim, agora, seu Zé de Viagem.

Zé de Viagem não podia opor resistência à autoridade serena, gentil, delicada, educada, mas firme do velho João Sitônio, presente nos olhos profundos e na mansuetude da fala e dos gestos. O velho era uma pessoa diferente do comum daqueles sertões, a calma sobrepondo-se a qualquer tipo de força.

Zé de Viagem lembrou-se e reconheceu sua velha dívida. Diante do olhar penetrante do velho, fez um esgar, torceu o corpo, ficou de costas e disse, submisso, para João Sitônio:

— Seu João, pode tirar a carteira do meu bolso, que eu não tenho coragem nem costume!

Fotolegenda

Foto do leitor: Allan Luna



Cidades tomadas por cruzeiros

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

Enem: a chance de realizar sonhos e melhorar de vida

Exame é principal porta de acesso ao Ensino Superior e considerado um propulsor de transformações sociais

Beatriz de Alcântara
alcantarabtriz@gmail.com

Para muitos brasileiros e paraibanos, o acesso à graduação ainda é um sonho e uma oportunidade de mudar sua realidade e das pessoas ao seu redor. O Exame Nacional do Ensino Médio, que tem seu primeiro dia de prova hoje em todo o Brasil, é atualmente o principal caminho de ingresso ao Ensino Superior. Através do Sistema de Seleção Unificada, o SisU, mais de 130 universidades federais e estaduais adotam a nota do Enem como fase única de admissão. Cerca de 70% de todas as instituições de Ensino Superior brasileiras (e algumas fora do país) consideram o desempenho no exame de alguma forma, seja para descontos ou como uma das fases de seleção.

Na Paraíba, 119.155 pessoas se inscreveram para o Enem deste ano, entre estudantes, treineiros, isentos e população privada de liber-

dade. Deste número total, 115.455 farão a prova impressa e 3.700 optaram pelo Enem digital. Para contemplar todos os inscritos distribuídos entre os 223 municípios paraibanos, 55 cidades possuem locais de prova.

O Ensino Superior público no Brasil ainda não é tão democrático como deveria ser – oferecendo oportunidades de ingresso e de continuidade na graduação para todos. O acesso à universidade pública, seja ela federal ou estadual, dependente do Enem é um exemplo de como existe uma falsa percepção de nivelamento de conhecimento entre os estudantes, considerando que todos eles possuem as mesmas oportunidades de educação. Contudo, a graduação é considerada por muitas pessoas como uma porta aberta para transformações sociais e de realidades próprias e das pessoas ao redor.

A jovem Juliana Miranda, de 19 anos, tem o sonho de ser médica e, para realizá-lo, vai



Foto: Arquivo Pessoal

Um dos desafios presentes na vivência universitária, segundo os estudantes, é a fase de adaptação à nova realidade

tentar o Enem pela quarta vez. O curso de Medicina é o mais concorrido em todo o país e o exame é a principal via de entrada para as universidades públicas. “Desde muito nova, quando me perguntavam o que eu queria ser quando crescesse, eu respondia que queria ser médica. Apesar de ser bastante indecisa em muitos

aspectos da vida, sempre tive certeza sobre a profissão que eu queria seguir, o que eu gostaria de fazer”, contou.

O desejo pela profissão nasceu da admiração por profissionais da área, que, curiosamente, sua cidade natal possui a fama de ser o berço deles – e em breve a estudante deverá comprovar esta teo-

ria. “A cidade em que nasci e me criei, Brejo dos Santos, é conhecida como “cidade dos médicos/doutores”. Grande parte da população brejosantense admira essa profissão e, quem gosta da área de medicina, certamente tem em quem se inspirar. Medicina é o curso dos meus sonhos”, afirmou Juliana.

Para seguir na busca por essa realização, Juliana conta com o apoio de toda a família, que se mostra como uma estrutura fundamental para que a jovem se dedique ao seu futuro. “Eles nunca mediram esforços para que eu conseguisse realizar esse sonho. Nasci e me criei em uma cidade pequena no interior do Sertão paraibano, que não tinha nenhum cursinho pré-vestibular e, por isso, tive que me mudar para João Pessoa, a fim de ter acesso a uma melhor preparação para prestar o Enem. Nesse momento, minha família foi a minha rede de apoio em tudo que precisei”, relembrou.

Juliana destaca que os pais, tios e avós se uniram para contribuir, cada um da maneira que podia, para que ela tivesse condições de se mudar para a capital paraibana e fazer um bom cursinho. Atualmente, por conta da pandemia, a jovem não tem mais aulas presenciais e os estudos se concentram nas plataformas de ensino virtual.

Trajetória de quem já conseguiu entrar na universidade

Com todos os percalços no caminho de quem está tentando ingressar em um curso superior, há quem considere que mais difícil que isso é se manter – e concluir. A trajetória dentro da universidade também possui diversas adversidades que, na maioria das vezes, estão além do curso em si. Deslocamento, necessidade de trabalhar e inflexibilidade de horários são alguns dos desafios mais comuns. Júlia Oliveira, de 22 anos, cursa Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba, mora na cidade de Santa Rita e, em cerca de dois anos de graduação, já encarou algumas dessas dificuldades.

“Eu moro com meus pais, Joana D’arc e José Ivanildo, e

meu irmão, Davi, mas sou de uma família simples, então, antes de iniciar o estágio, pensei em trancar o curso para poder trabalhar e ajudar em casa. Graças a Deus não foi preciso, consegui um estágio no terceiro período do curso e atualmente sou jovem aprendiz na mesma empresa”, contou a jovem. Durante o ensino presencial, antes da pandemia, Júlia precisava se deslocar cerca de 20 quilômetros diariamente para assistir às aulas.

De acordo com Júlia, outro desafio presente na vivência universitária é a fase de adaptação a esta nova realidade, porque “o ambiente escolar é muito diferente do ambiente acadêmico”. Contudo, para a futura

jornalista, a experiência em si é muito rica e agrega em diversos sentidos, seja socialmente, culturalmente, cientificamente e/ou profissionalmente.

Na casa da jovem de 22 anos, ela é a primeira a entrar na faculdade. É um sonho construído junto com toda a família. “Meus pais, tios e avós ficam muito orgulhosos. Da minha família serei a primeira a me formar, dos familiares tenho primos paternos que já se formaram. Somos a primeira geração que eles estão vendo concluir a graduação. Meus pais possuem apenas o Médio incompleto, então sempre me estimularam a prosseguir nos estudos”, afirmou Júlia.

A educação é um ato de amor

e, portanto, um ato de coragem.

E, se sonho que se sonhar junto é realidade, no lar de Nilberlandio Lucena essa realização chegou em julho deste ano. O rapaz de 27 anos concluiu a graduação de Jornalismo também na UFPB e conta que o diploma do Ensino Superior era um sonho compartilhado com sua mãe, Maria Uberlândia da Silva. “Ela sempre fez questão de destacar a importância da educação na vida das pessoas. A princípio eu sonhava muito com o Direito, mas com o tempo e algumas experiências eu me via muito dentro da comunicação e decidi então cursar Jornalismo”, destacou.

Segundo Nilberlandio, foram muitas pedras no caminho, “desde sair de Bayeux até a UFPB de bicicleta por não ter como pagar passagem e foi uma situação que perdurou por vários meses, como também conseguir conciliar com a necessidade de trabalhar e em muitos momentos pensei em desistir, a luta pela sobrevivência, pelo ter o que comer, fala mais alto”, relembrou. Entretanto, a Universidade também é um lugar de construção de pontes e redes de apoio. “Tive o apoio de muita gente, desde colegas de sala até professores e servidores do CCTA, apoio que foi fundamental para que eu tivesse forças para continuar”, observou.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

“OS INTERESSES ESTADUAIS NÃO SE CONCILIAM COM OS INTERESSES NACIONAIS”, DIZ GALDINO SOBRE FEDERAÇÃO

O instituto das federações tem contribuído para gerar incertezas nos estados. Prioritariamente, esse modelo tenta dar mais relevância ao projeto nacional, uma vez que a formação desses blocos partidários tem por objetivo a viabilização de candidaturas à Presidência da República. Dito isso, uma pergunta se impõe: e como ficaria a situação nos estados, onde, não raro, há legendas que atuam em lados opostos? Enquanto as direções partidárias dialogam, em Brasília, para tentar viabilizar a formação de federações, nos estados essas possíveis movimentações têm causado apreensão entre os que pretendem disputar cargo eletivo no próximo ano. Pela regra, ao se unirem numa federação, os partidos são obrigados a ficar juntos por um período mínimo de quatro anos, nas esferas municipal, estadual e federal e, na prática, passam a atuar como se fossem uma legenda única. Para alguns políticos, as federações tenderão a não funcionar nos estados. Entre os que não concordam com o modelo está o presidente da ALPB, Adriano Galdino (foto). “Não acredito nessa federação. Os partidos em Brasília estão antenados uns com os outros, mas quando vêm para os estados, começam as divergências. Não funciona nos estados. Os interesses estaduais não se conciliam com os interesses nacionais”, argumenta o deputado estadual.

À ESPERA DE DEFINIÇÕES

Ruy Carneiro é outro que cogitou mudar de partido para ampliar suas chances de reeleição – iria para o PL. Porém, decidiu esperar um pouco mais, devido, possivelmente, às incertezas que rondam o bloco da oposição. A possibilidade de Pedro Cunha Lima não disputar a reeleição, em tese, lhe deixaria mais à vontade para permanecer no PSDB.

“ENGANOU O POVO”

O deputado Julian Lemos (PSL), que trabalhou para eleger Bolsonaro, em 2018, diz que o presidente “enganou o povo brasileiro” ao prometer acabar com a corrupção no país e não se aliar com políticos envolvidos em escândalos – certamente estava pensando na iminente ida de Bolsonaro para o PL de Valdemar Costa Neto, condenado no ‘mensalão’.

“EM DEZEMBRO OU JANEIRO”

O deputado Jeová Campos informa à coluna que a realização da visita técnica em todo Eixo Norte do Projeto de Integração de Bacias do Rio São Francisco deverá ocorrer no período do recesso parlamentar na ALPB, “em dezembro ou janeiro”. Esta semana, requerimento dele para a viabilizar essa visita foi aprovado no Legislativo Estadual.

“USO ADEQUADO DAS ÁGUAS”

“Antes, a preocupação era a conclusão das obras da Transposição. Agora, as atenções devem se voltar para o uso adequado das águas”, que deve “ter seu uso direcionado em prol do desenvolvimento dos arranjos produtivos e das comunidades”, defende Jeová Campos. A visita será iniciada em Cabrobó (PE) e terminará na Barragem de Engenheiro Ávidos, em Cajazeiras (PB).

“APAIXONADO PELA POLÍTICA TANTO QUANTO PELA AVIAÇÃO”

O projeto de lei que altera o nome do Aeroporto Castro Pinto para Aeroporto Governador José Maranhão, da senadora Nilda Gondim (MDB), deverá tramitar nos próximos dias na Comissão de Constituição e Justiça. “Era um apaixonado pela política tanto quanto pela aviação”, ressalta a senadora, enfatizando que ele foi o relator do Código Brasileiro de Aeronáutica.

ELENCOU TRÊS SIGLAS

Com o fim das coligações, que facilitava a vidas dos partidos na formação de chapas proporcionais e ampliava a possibilidade de os partidos menores elegerem representantes, a troca de partidos será uma realidade, em 2022. Adriano Galdino, por exemplo, que ainda é filiado ao PSB, tem conversado com o Avante, o Republicanos e o União Brasil

Clovis Bonavides,
Engenheiro eletrônico

“O carro elétrico não vai durar mais de 30 anos”

O que se espera é que a tecnologia desenvolva a fusão nuclear controlada para mover os veículos

Luiz Carlos
lulajp@gmail.com

A indústria está se preparando para um novo salto tecnológico com o carro elétrico, que já chegou e tornou-se esperança de ser um veículo confortável, econômico, seguro, sobretudo, capaz de preservar o ambiente, e não contribuir para o aquecimento global. Para o engenheiro eletrônico, Clovis Bonavides, nem tudo o que se diz sobre

essa nova engenhoca é verdade. “O processo de produção é de seis a oito vezes mais poluente do que o do carro a combustão”, embora, a médio prazo, polua menos, pondera acrescentando que até 2050, o motor que impulsiona o carro deverá ter como força motriz a fusão nuclear controlada. Clovis Bonavides não descarta também as células de combustível, à base de hidrônio, cujo resíduo é, basicamente, água.

Para ele, todo o problema para se mudar do petróleo para as energias limpas é a transição. Se não houver uma administração racional, acredita que o mundo terá sérios problemas, porque energia é fundamental e se faltar haverá queda de produção, desemprego e inflação, “cujos efeitos todos conhecemos”, lembra. Nessa conversa com **A União**, o engenheiro brasileiro, formado pelo Instituto de Tecnologia

Para Clovis Bonavides, o Brasil poderia, pelo menos, estar trabalhando para ser um grande produtor das tecnologias que forem necessárias para a produção de energia eólica, para produção de energia solar, mas ele não vê nada disso como prioridade



Foto: Luiz Carlos

da Aeronáutica (ITA), que já trabalhou na norte-americana Halliburton e na prospecção de petróleo na Arábia Saudita acredita que não será fácil para o mundo

“O carro elétrico será apenas uma transição. O pessoal fala muito e há desvantagens no processo de produção”

se livrar do petróleo, porque como matéria primeira ele serve como combustível fóssil e, também, no processo de produção de plásticos, adubos e até medicamentos. “O petróleo terá mais uns 50 anos pela frente e minha intuição diz que temos petróleo para mais 300 anos de exploração”, afirma para ser enfático: mas a gente tem de sair disso por causa do aquecimento global”. Bonavides não tem dúvidas: “Teremos

que caminhar obrigatoriamente para uma matriz e energia limpa e renovável”. Em relação ao Brasil, ele é otimista. Diz que o país é privilegiado em recursos, mas faltam conhecimento, investimento e gerenciamento. Temos água, vento, sol e petróleo. Nosso problema é a falta de uma educação de qualidade, despolitizada. Se vamos conseguir, não sei, mas que é preciso não resta dúvida”.

A entrevista

Que futuro o senhor imagina para geração de energia?

Nós teremos que caminhar obrigatoriamente para uma matriz de energia limpa e renovável. O que se sabe hoje, o que aparentemente já está comprovado, e eu gostaria de frisar a palavra aparentemente, é que tem que diminuir a quantidade de dióxido de carbono, CO2, na atmosfera. Se o mundo continuar usando combustíveis fósseis, como petróleo e carvão, essa quantidade de CO2 vai aumentar e a temperatura da terra vai aumentar também. Então, isso não é nenhum alarme de conservacionista, de ambientalista, de ecologistas que acham que o mundo vai se acabar se a gente não tomar providência, não. Agora uma coisa é saber que tem que partir para a energia renovável e a outra coisa também tem que saber como administrar essa transição e a administração dessa transição é extremamente importante, porque isso pode indicar se vamos ter problemas econômicos muito sérios, porque o problema econômico se transforma no problema social. E pode haver consequências desastrosas se essa transição do petróleo, do carvão para energia renovável, eólica, energia solar, energia mais hidroelétrica, mais também biomassa ou energia nuclear mesmo não for bem planejada.

Por que essa preocupação com a transição?

Essa transição não vai se dar de um dia para o outro, porque exige formação de mão de obra, produção de equipamentos, formação

de capital de investimento, tem que ter conhecimento. É muito, muito complexo. Não se consegue produzir os insumos de um dia para o outro. Por exemplo, não dá para dizer: quero fazer 10 milhões de geradores eólicos. Antes disso acontecer tem que aumentar a produção de cobre, a produção de níquel, produção provavelmente de cobalto, de vários outros insumos que se começar hoje só vai ter 10 anos depois. E esses problemas, essas limitações estão começando, a gente tá começando a ouvir sobre ela, porque antes é muito oba-oba em cima disso. Não se pode sair de A para Z sem passar pelas outras letras do alfabeto.

O petróleo vai continuar sendo a principal força motriz do planeta?

A gente vai ter que pelo menos economicamente conviver com petróleo, com carvão, com os combustíveis fósseis muito tempo ainda. Eu diria que por pelo menos uns 30 anos se a coisa for muito bem feita e não é que isso vai acabar de uma vez não, porque do petróleo se produz matéria plástica, se produz insumos para adubos, se produz medicamentos. O petróleo não é apenas usado para energia, mas para várias outras coisas. Claro que o volume vai ser muito menor, mas que o uso de petróleo vai acabar para sempre, isso é quase impossível.

Como o senhor analisa a posição do Brasil nesse contexto?

O Brasil é privilegiado porque nós temos aqui água e altitude para gerar energia hidrelétrica bastante ainda,

tem urânio, tem vento, tem mar, tem sol e o Brasil tem petróleo. É um país super privilegiado. O que tá faltando, talvez, seja gerenciamento, planejamento.

No caso do Brasil, dá para fazer essa transição sem despolitizar o tema?

Se é possível despolitizar, não posso nem responder, mas que ela é necessária é. Ou a gente despolitiza isso e passa a tratar o assunto com a seriedade que ele merece, ou o futuro é negro. O Brasil poderia, pelo menos, estar trabalhando para ser um grande produtor das tecnologias que forem necessárias para a produção de energia eólica, para produção de energia solar e eu não vejo nada disso acontecendo. A gente compra tudo da China ou do Japão, da Coreia sei lá de quem, e isso ia gerar emprego aqui e isso evitaria exportação de capital, enfim transferência de renda.

“Se é possível despolitizar, não posso nem responder, mas que ela é necessária é. Ou a gente despolitiza isso e passa a tratar o assunto com a seriedade que ele merece, ou o futuro é negro”

Vou insistir nessa questão: como é equalizar essa necessidade de desenvolvimento com a disparidade política, esse desentendimento político?

No fundo no fundo vai a raiz de todo problema: qualidade da educação. Se há uma educação de qualidade teremos leitores, que vão fazer escolhas conscientes e tudo mais. O que a gente ainda tem hoje em dia é talvez até pior do que via 50, 60, 70 anos atrás: o político desonesto, os políticos, de uma maneira geral, não têm o mínimo compromisso com o país. Os partidos políticos hoje em dia, os diretórios, desculpa a palavra, mas são praticamente covis, com raras exceções. São controlados por gente que não pensa no país, por mafiosos. Mas os políticos e tudo mais estão na raiz de tudo: na educação. Mas eu sou otimista.

Há alternativa para se desenvolver o país economicamente fora de uma segurança energética que não deixe mais a dúvida de que haverá esse suprimento básico, fundamental para o fomento?

Energia é o principal insumo para tudo que você quiser fazer na vida. Não é só para você é para produzir um bem. Para tudo, da construção de um prédio, para o conforto, para a locomoção, precisa-se de energia. O setor energético é o setor principal, primordial de qualquer país e qualquer sociedade, de qualquer organização. Em segundo lugar vem a questão do conhecimento e em terceiro vem a questão dos insumos. Não adianta ter todos os insumos, ter energia à vontade se não há conhecimento para transformar esses insumos, usando essa energia, em algo que tenha valor, que tenha utilidade, que agregue valor.

O senhor falou no começo da nossa conversa que o Brasil é um país afortunado porque tem vento, tem sol, tem petróleo, tem água, tem biomassa...

Tem tudo exatamente. Tem energia, tem matéria-prima abundante, tem quase tudo. Agora na parte de conhecimento e organização social o problema é grave. Falta gerenciamento.

Como o senhor vê essa corrida da indústria pelo carro elétrico? Ele vai aposentar o combustível fóssil?

Eu acho isso um grande ponto de interrogação. O carro elétrico será apenas uma transição. O pessoal fala muito e há desvantagens. O carro elétrico - e isso é comprovado - a fabricação dele, se não me engano é 6 a 8 vezes mais poluente do que a fabricação de um carro a combustão. Agora, ao longo de alguns anos, ele reduz - não resta nenhuma dúvida - passa a ser, ecologicamente, melhor, mais viável, como quiser chamar, mas a produção dele é altamente poluente.

Que poluição é essa no processo de produção?

Ela é altamente nociva ao meio ambiente, porque tem que pensar no que é que leva um carro elétrico? Todos os minerais e a mineração é uma das atividades mais poluidoras, senão a mais poluidora atividade humana. E há vários outros quesitos. E para produzir um carro elétrico tem que usar energia tradicional. Como não se inventou algo ainda melhor do ponto de vista ecológico ele está aí, mas eu acho que, no máximo até 2040 talvez

2050, ele vai ser substituído possivelmente por um motor que todo mundo está aguardando: fusão nuclear controlada. Há apostas nas células de combustível, que basicamente tem como resíduo a água. Mas ainda não se chegou lá. Então, infelizmente, o que existe atualmente é o carro elétrico. Mas, para mim, ele é uma fase que não vai ser muito duradoura.

E o petróleo?

O petróleo já tem mais de cem anos e acho que terá mais uns 50 pela frente. E duvido que o carro elétrico terá mais de 30 anos. Minha intuição é de que temos petróleo para, pelo menos, 300 anos. Mas a gente tem que sair disso por causa do aquecimento global.

Como fica a questão dos custos para se mudar a matriz energética do petróleo para as renováveis e limpas?

Essa é a questão da transição. Se a mudança não for bem administrada vai ter desemprego, que gera revolta. Se essa transição não for bem administrada, os custos para você ter os mesmos quilowatts na sua casa - se hoje você paga R\$ 1000 para ter tantos quilos - você poderá estar pagando até cinco vezes mais daqui a pouco, se não administrar essa transmissão, porque simplesmente não vai haver energia suficiente para o consumo que a sociedade vai requerer. E quando o custo da energia sobe, imediatamente o custo de tudo no mundo sobe e aí tem a tal da inflação que a gente já conhece muito bem os seus efeitos.

O município de Paulista, no Sertão paraibano, é conhecido pela grande produção de queijo, que é comercializado em toda a Paraíba e no Ceará e Rio Grande do Norte. [Página 8](#)



Foto: Arquivo PMP

Crença tornará o Cariri uma vitrine de economia criativa

Governador João Azevêdo vai inaugurar na próxima quinta-feira, em Monteiro, o Centro de Referência da Renda Renasença

José Alves

zavieira2@gmail.com

O governador João Azevêdo (Cidadania), em parceria com a prefeita de Monteiro, Anna Lorena (PL), irão inaugurar na próxima quinta-feira (25), no município, a restauração e ambientação do prédio histórico onde funcionará o Centro de Referência da Renda Renasença (Crença) que já está sendo visto pelo Sebrae como uma 'vitrine da economia criativa'. Trata-se de uma grande conquista das rendeiras do Cariri paraibano que vão ter um espaço exclusivo para mostrar a produ-

ção artesanal de mais de três mil mulheres que amam e sobrevivem da arte da renda.

Para a presidente de honra do Programa do Artesanato da Paraíba, Ana Maria Lins, as renderias do Cariri estarão finalmente realizando um grande sonho. O Crença trará dignidade a todas as rendeiras do Cariri. "As ações do Governo do Estado são uma alternativa real para aumentar a comercialização dessa arte fortalecendo o estímulo à sua confecção e principalmente à cultura paraibana", exaltou Ana Lins.

A inauguração do Centro de Referência, que já desponta como o novo ponto turístico da cidade, acontecerá às 19h, e na ocasião será realizado um desfile com as peças das rendeiras que participaram da coleção #somosTODOSParaiba orientada pelo estilista mineiro Ronaldo Fraga, que também estará presente no evento. O desfile será inspirado na obra do artista plástico Flávio Tavares.

A trilha sonora do evento ficará a cargo da cantora Sandra Belê, artista caririzeira de Zabe-



Prédio construído na década de 20 do século passado foi restaurado para sediar o Crença, que contará com áreas para comercialização e capacitação das rendeiras

lê. O Centro, que será um ponto de encontro das artesãs para que elas possam expor e vender seus produtos, também funcionará como um laboratório permanente com cursos e oficinas.

O ambiente ficará de portas abertas de terça-feira a domingo, das 9h às 17h, e tende a ser parada obrigatória de turistas e clientes que queiram comprar produtos extremamente tradicionais e

de rara beleza. Lá, os visitantes e apreciadores da renda renasença terão oportunidade de conhecer o processo de elaboração das peças e a história de luta das mulheres rendeiras.

Sonho antigo de três mil rendeiras se torna realidade

A prefeita de Monteiro, Anna Lorena, enfatizou que a parceria com o governador João Azevêdo e o Sebrae acabou realizando um sonho antigo de mais de três mil mulheres guerreiras artesãs. "O projeto foi apresentado primeiramente para a presidente de honra do Programa do Artesanato da Paraíba, Ana Maria Lins, que abraçou a causa que vai atender rendeiras de cinco municípios", frisou.

Lorena também destacou a importância do espaço e disse que essa parceria vai fomentar a economia do Cariri. "Esperamos que este Centro seja referência para

tudo o Estado, para o Brasil e para a Europa. Já temos inclusive uma empresária que abriu uma loja de renda renasença em Nova Iorque que vende a produção que é feita aqui no Cariri paraibano", revelou a prefeita, destacando que agora haverá um espaço à altura da arte produzida pelas rendeiras.

A gestora do Programa do Artesanato da Paraíba (PAP), Marielza Rodriguez, comentou sobre o Centro de Referência do Artesanato para a região. "Esse projeto é o maior exemplo de resultado do planejamento compartilhado entre instituições parceiras. O turis-

ta que visitar o ambiente vai poder comprar as peças que quiser, conhecer as rendeiras e principalmente o processo produtivo, ou seja, como é feito aquele trabalho que cada peça é exclusiva, já que é manual", observou.

Marielza enfatizou, ainda, que o Crença é acima de tudo, uma conquista de preservação cultural. "O governador João Azevêdo, sensível que é, quis exatamente referenciar a cultura do Cariri. Ter um marco em sua administração para deixar esse legado para toda a população caririzeira", declarou.



Rendeira Antônia Maria, de São João do Tigre, e a prefeita de Monteiro, Anna Lorena

+

Espaço de referência da produção, comércio e pesquisa da renda renasença

O coordenador do Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú (Procace), Aristeu Chaves, disse que as obras de reforma do Crença tiveram investimento de cerca de R\$ 400 mil. "O Centro, instalado em um prédio histórico no centro de Monteiro, vai chamar a atenção de todos os turistas que visitarem a cidade por sua beleza. O prédio foi todo climatizado e no térreo vai funcionar a boutique das rendei-

ras", destacou Aristeu Chaves, lembrando que no prédio já funcionou há mais de 50 anos, a mais famosa farmácia da cidade, conhecida como Farmácia de Antônio Velho.

A gerente regional do Sebrae, Madalena Arruda, enfatizou que a instalação do Crença em Monteiro será um grande marco para a região do Cariri e para a Paraíba. "Eu não conheço no país um empreendimento dessa magnitude que tenha a proposta de divulgar

a arte da renda renasença. Hoje, não seremos referência apenas para a região, seremos uma referência interestadual para o Brasil e para o mundo. Seremos uma grande vitrine do artesanato da renda renasença com perspectivas para o mundo com economia criativa", pontuou.

Ela enfatizou que o Centro não será apenas um ponto comercial, mas também um laboratório de tecnologia para o desenvolvimento de novos produtos com designe interessante: "Será um centro de economia criativa viável economicamente e culturalmente".

Rendeiras

Marlene Leopoldino Vital, presidente da Associação das Rendeiras Renasença do Cariri, contou que seu amor pela arte da renda começou com sua avó e, em seguida, pela sua mãe. "Agradeço ao governador João Azevêdo pela sensibilidade de nos proporcionar essa vitrine. O Crença é um grande presente e um sonho para todas as rendeiras do Cariri. Nós estávamos precisando de um espaço assim,

para valorizar nosso trabalho, e esse sonho enfim está se realizando", comemorou.

Já a rendeira Antônia Maria da Silva, do município de São João do Tigre, disse que o Crença chegou para coroar o trabalho de todas as rendeiras do Cariri. "É um espaço grandioso para o município e para o Estado. Um local que vai nos proporcionar melhor qualidade de vida, uma vez que será uma grande vitrine para o Brasil e para o mundo", destacou, lembrando que no passado a renda era desvalorizada, mas atualmente traz oportunidade de melhoria de vida. "É uma arte que ganhou glamour e espaço nos desfiles de moda nacionais e internacionais. Enfim, é um trabalho que vem fazendo com que a gente possa crescer", afirmou Antônia

A concepção do projeto

Com séculos de existência, a tradição da renda renasença estava ameaçada no Cariri. Faltavam estímulos, como cursos de qualificação, chamando a atenção para a importância da tipologia como

patrimônio cultural e geração de renda, e políticas públicas que oferecessem melhores condições de comercialização da tipologia. Então, a chegada do Centro de Referência do Artesanato, ao lado de uma série de ações adotadas pelo Governo do Estado, concretiza um dos maiores anseios das rendeiras: ter o seu próprio espaço.

No prédio de 190 m² os espaços foram distribuídos da seguinte forma: salas de atividades de exposição (comércio), no térreo. No pavimento superior foi instalado cozinha, banheiro e salas para treinamento e laboratórios. Para isso foi restaurado um edifício histórico, construído na década de 20 do século passado.

O Centro funcionará numa parceria entre o Governo do Estado, por meio do Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú (Procace). A prefeitura de Monteiro e o Sebrae ficarão encarregados de oferecer melhores condições de venda, colocando a riqueza cultural da renda renasença em contato direto com os paraibanos e turistas.



Renda renasença ganhou as passarelas da moda com o apoio de ações do Governo do Estado

Turistas reclamam do lixo nas praias de João Pessoa

Frequentadores se queixam que existem poucos locais para depositar resíduos e ressaltam a falta de educação das pessoas

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

O Verão está se aproximando e o turismo tenta se reerguer do baque da pandemia. Descontos em estadias, promoções, cuidado redobrado com a saúde dos hóspedes, todas as formas possíveis para atrair o turista. Para conter o avanço do mar e fortalecer o setor, foi anunciada recentemente a possibilidade de alargamento da faixa de areia em parceria com universidades da Europa e a UFPB, um projeto de tamanho porte. Porém, além de iniciativas robustas, problemas estruturais na orla de João Pessoa persistem há anos e exigem solução, como a sujeira deixada por quem frequenta o espaço. Ações mais simples do que a ampliação da faixa de areia, como a conservação da infraestrutura, podem ter um impacto muito positivo no turismo.

As pessoas descartam o lixo em qualquer local, ignorando os tonéis que, segundo os próprios banhistas, são em número insuficiente na areia e na calçadinha. A escritora Shirleni Lopes afirmou que viaja por todo o Brasil e ressaltou que a sujeira na Praia do Cabo Branco impressiona. “Aqui foi o local mais sujo que eu já vi. Acho que deveriam contratar pessoas para limpar. Isso ajudaria inclusive a dar oportunidade de emprego para muita gente. Lixeira não resolve porque já existe uma cultura de jogar na rua”, observou.



Foto: Roberto Guedes

População defende que sejam realizadas campanhas frequentes na orla sobre o descarte correto do lixo, melhoria da infraestrutura e menor intervalo na coleta do resíduos

As mesas com guarda-sóis para aluguel colocadas no espaço público são importantes para quem quer ficar à beira-mar com conforto. No entanto, nem sempre há cestos de lixo e o resultado é o descarte na areia. Além disso, alguns barraqueiros que ocupam a área também não colaboram com a limpeza. O vendedor de coco José Ferreira comprou um tambor para acondicionar as cascas, mas afirmou que falta a contribuição das pes-

soas, que abandonam o coco vazio em qualquer lugar.

Para o garçom Marco Antônio da Silva, que trabalha há 30 anos na Praia de Tambaú, a solução está nas pequenas-grandes ações. “Tem que investir na infraestrutura, construir banheiros públicos, instalar mais lixeiras, consertar a calçadinha sempre que aparecer um buraco”, enumerou. Os coletores grandes, segundo ele, devem ser esvaziados com mais frequên-

cia. “Restos de frutos do mar estragam rápido e nenhum turista vai se sentir atraído a frequentar um quiosque ao lado do mau cheiro desse lixo”, acrescentou.

Dênis dos Santos Silva, que trabalha com viagens de catamarã, enfatizou que há outro problema sério em Tambaú, o vandalismo. “As pessoas não usam as lixeiras e os vândalos passam e arrancam mesmo. Falta consciência”, lamentou.

Já a vendedora Jéssica

Ferreira afirmou que campanhas de conscientização apenas no Verão não resolvem. Ela acredita que é preciso fazer um trabalho educativo todos os dias. “Aqui sempre tem turista e tem também as pessoas que moram na cidade e frequentam as praias. Esse trabalho de orientação deve ser permanente porque as pessoas precisam aprender que têm responsabilidade também pela limpeza da cidade”, observou.

Necessidades

O presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis na Paraíba (ABIH-PB), Rodrigo Pinto, existe a necessidade, de fato, em algumas áreas, de intervenção para proteção da calçada na orla da capital. “Não adianta ficar gastando dinheiro para recuperar a calçada quebrada se o mar não vai permitir que a calçada fique lá. Se for para proteger e criar um ambiente mais seguro para os frequentadores, sejam turistas ou moradores, eu apoio”.

Na opinião dele, algumas mudanças já podem ser observadas na gestão atual, como a colocação de contêineres grandes, novos, ao lado das vagas de estacionamento, o que é positivo, incentivando os banhistas a utilizarem as lixeiras. A mudança da mídia ‘Eu Amo Jampa’ para ‘João Pessoa – O primeiro sol das Américas’ também foi positiva e funciona como uma mídia espontânea nas redes sociais.

O setor trabalhou abaixo do ponto de equilíbrio financeiro desde março de 2020. Agora, com a evolução da vacinação, a ocupação na rede hoteleira está entre e 10% e 25% maior do que no período pré-pandemia, em 2019. A expectativa é que os índices se mantenham até o Carnaval. Depois do Carnaval, a baixa estação será um novo desafio, já que a pandemia promoveu uma mudança nos hábitos dos executivos e no turismo de eventos.

Emlur planeja reforço nas operações de limpeza na alta estação

A Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur) informou que realiza diariamente a limpeza da faixa de areia, varrição da calçadinha e ciclofaixa – manual e com o auxílio de maquinário – e faz a coleta dos resíduos sólidos domiciliares. No Verão, com o aumento de fluxo de usuários nas praias, haverá reforço nas operações de limpeza para atender a demanda. O planejamento está sendo realizado pela Diretoria de Operações.

Atualmente, os caminhões compactadores passam quatro vezes ao dia nas vias à beira-mar para recolher os resíduos dos contentores e evitar acumulação. Os equipamentos comportam tanto os resíduos dos estabelecimentos comerciais, como os provenientes da catação da faixa de areia e da varrição da calçadinha e da ciclofaixa.

Em maio deste ano, a Autarquia substituiu tambores de lixo por 32 contentores com maior capacidade de armazenamento de resíduos e instalou estrategicamente mais 40 papeleiras, no trecho que vai da Feirinha de Tambaú até o final do Cabo Branco. Também há coletores em toda a faixa de areia.

O superintendente da Emlur, Ricardo Veloso, afirmou

que as equipes de Educação Ambiental e de Fiscalização realizam continuamente ações de conscientização com os comerciantes e trabalhadores de bares, restaurantes e quiosques das praias sobre o correto descarte de resíduos. “O objetivo é evitar problemas como mau cheiro, vazamento de líquido (chorume) nos contentores de resíduos e proliferação de insetos. Os resíduos devem ser acondicionados corretamente em sacolas plásticas vedadas, antes de serem colocados nos contentores. Toda a população precisa contribuir com o trabalho de limpeza urbana”, enfatizou.

Conforme a diretora de Educação Ambiental da Emlur, Carol Estrela, o processo educativo é contínuo e também é feito com os frequentadores das praias. Ainda neste mês de novembro serão traçadas novas estratégias para as campanhas ambientais, sobretudo nas praias, considerando a proximidade do Verão e o maior fluxo de banhistas. Ela também reforçou que a Emlur disponibiliza os equipamentos de coleta de resíduos e necessita da participação das pessoas no correto descarte.

Os contentores das praias de Tambaú e Cabo Branco são lavados semanalmente. A hi-

gienização dos equipamentos e das vias onde estão instalados evita o mau cheiro do chorume – líquido gerado pela decomposição de matéria orgânica – e a possível proliferação de insetos. A lavagem é feita aos domingos, às 6h, com o auxílio de um carro-pipa. Em seguida, os agentes de limpeza continuam o serviço utilizando uma solução desincrustante para espumar e tornar a higienização mais eficaz.

Sobre buracos na calçadinha, a Secretaria de Infraestrutura (Seinfra) informou que o conserto e manutenção do piso em vários trechos entre o Hotel Tambaú e o final da Avenida Cabo Branco foi concluído no final de outubro. A ação durou dez dias, recuperando, inclusive, trechos danificados da calçada oposta da Avenida Cabo Branco, trocando o piso intertravado e melhorando a ciclovía com aplicação de uma camada de cimento.

Serviço

A Seinfra disponibiliza um telefone (0800 031 1530) para solicitação de trabalhos de manutenção – tapa-buracos, recuperação de calçadas públicas, limpeza, desobstrução e recuperação de galerias, além da iluminação pública. A ligação é gratuita e pode ser feita de segunda a sexta-feira, das 7h às 22h.



Foto: Roberto Guedes

Copos plásticos e outros resíduos ficam espalhados por entre a vegetação das praias

Medicina e tecnologia: aliados para salvar vidas

Técnicas e equipamentos médicos criados através de avanços tecnológicos aperfeiçoam diagnósticos e tratamentos dos pacientes

Ana Flávia Nóbrega

anafavia@epc.pb.gov.br

Prática milenar, a medicina está presente desde as histórias orais e contadas ainda nas paredes por civilizações passadas. Antes mesmo de ser considerada ciência, a prática estava ligada ao curandeirismo para ajudar enfermos de diversas épocas e lugares. A transformação em ciência ocorreu ainda na Grécia Antiga, com estudos de observação clínica e aplicação de experimentos a partir de Hipócrates.

Diferente de outros pensadores da época que se concentravam no entendimento da construção política e social, Hipócrates, considerado o Pai da Medicina, focava suas atenções ao estudo racional do organismo humano, numa tentativa de encontrar controle, e formas de manipular visando a cura, dos males que afligiam a saúde humana.

Considerada a idade das trevas, a Idade Média proporcionou uma

regressão aos estudos sobre o corpo humano e, consequentemente, o que viria a se consolidar como medicina. Uma mudança de atitude só veio com o movimento renascentista, tendo Leonardo da Vinci, considerado o desbravador do corpo humano. Ele participava constantemente de dissecação de corpos humanos e de animais, suas obras poderiam ter revolucionado a medicina com as revelações da anatomia, mas não foram publicados antes da obra de Andreas Vesalius, "De Humani Corporis Fabrica", em 1543, o tornando em "o pai da anatomia".

Já na Segunda Guerra Mundial, no período de 1939 a 1945, os avanços na área foram providenciais para evitar que os exércitos perdessem seus homens para patologias.

No entanto, foram com os avanços e marcos civilizatórios que a tecnologia e a inovação puderam estreitar, de vez, os laços com a medicina. Reconhecida como ciência e com sua importância confirmada para manter a vida humana, o mundo passou

a buscar evoluções em tratamentos, cura de doenças, formas de facilitar os diagnósticos laboratoriais, aprimoramento de procedimentos e tratamentos e, ainda, a própria forma de lidar com o paciente, através de equipamentos tecnológicos.

Na prática

"Passei meses com o incômodo, todos os dias com dores, mas achava sempre que era por conta de alguma coisa na minha rotina, algo que eu estava comendo. Quando fui ao hospital, ele me pediu um exame de

A laparoscopia é uma técnica cirúrgica menos invasiva que reduz riscos e acelera a recuperação do paciente, exemplo do avanço tecnológico na medicina

imagem para o dia seguinte e, em 24 horas, eu já sabia o que tinha (pedras na vesícula) e que precisava operar com urgência. Marquei a cirurgia não invasiva, sai do hospital em três dias e pude voltar a rotina normal logo no mês seguinte", relatou a dona de casa Maria das Dores, 55 anos.

O procedimento descrito pela dona de casa é a laparoscopia. O que antes era necessário realizar de forma invasiva, com incisão, perdendo sangue do paciente e complicando o procedimento e não descartando a evolução ao óbito.

Hoje a remoção pode ser realizada através de pequenas incisões na região superior do abdômen, geralmente quatro que medem de três a cinco milímetros. Após isso, pinças cirúrgicas são introduzidas no interior da cavidade abdominal e usadas para extrair a vesícula biliar. O procedimento é realizado com o uso de uma câmera, também introduzida no abdômen que conduz, visivelmente, o trabalho da equipe médica,

que permite acompanhar visualmente toda a intervenção.

Inúmeros são os procedimentos e tratamentos que seguem a linha da laparoscopia: menos invasiva, com uso de câmera para auxiliar, reduzindo as chances de morte dos pacientes e proporcionando uma rápida recuperação no retorno à vida normal.

Contra a covid-19

Lidando com uma nova doença, desconhecida pela ciência, a tecnologia foi fundamental para lidar com todos os aspectos da covid-19 desde o primeiro caso. Descobrir sua origem, sua formação, causas, efeitos no corpo humano, desmembrar todo o vírus para entender e buscar vencê-lo.

Foi a ciência, aliada a tecnologia, que possibilitou as primeiras descobertas, o que fazer e o que, definitivamente não fazer, para controlar a doença enquanto cientistas trabalhavam em busca do método mais funcional para erradicá-lo ou controlar a disseminação do vírus: a vacina.

Avanços da ciência que agilizam atendimento de pacientes e diagnósticos

A telemedicina foi substancial para o atendimento massivo da população durante a pandemia. O Hospital Universitário Lauro Wanderley, da Universidade Federal da Paraíba, foi um dos pioneiros e referências no uso da prática. Hoje, a unidade vem buscando avançar ainda mais. De acordo com Richelieu Ramos de Andrade Costa, engenheiro da computação do Centro de Informática da UFPB e atualmente chefe da Unidade de E-Saúde, informou que o hospital fechou parceria para cooperação para investimentos em tecnologia da informação.

A partir disso, atividades de telemedicina e telessaúde poderão ganhar incrementos. "A Unidade de E-Saúde tem como propósito subsidiar a Gerência de Ensino e Pesquisa com material necessário para articulação e promoção das atividades de Telessaúde e Telemedicina junto ao hospital.", informou.

Para além disso, a cooperação busca avanços de diagnóstico e a ampliação para todo o Estado, legado que poderá ser ampliado para além da covid-19. "Estamos trabalhando em um projeto de extensão que levará o atendimento em nefrologia à atenção primária de algumas cidades do Estado. O objetivo é identificar os doentes renais e tratá-los para evitar que haja um agravamento da doença no futuro. Isso tudo será feito sem que o paciente precise vir ao hospital. Dentre alguns planejamentos, um bem interessante é que em breve nós vamos implantar um modelo de acompanhamento de alguns procedimentos cirúrgicos sem que os espectadores precisem estar presencialmente na sala de cirurgia", declarou Richelieu Ramos de Andrade Costa.

Com a tecnologia associada à assistência à saúde, segundo o engenheiro, o processo se torna mais econômico e cômodo para o paciente. "O serviço de nefrologia do hospital tem sido um exemplo. Um paciente que faz acompanhamento aqui e periodicamente precisava se deslocar de Cajazeiras ao hospital, ou seja, viajar 476 km, agora é atendido por videoconferência através do serviço Telerim.", finalizou.

Mais avanços tecnológicos

Precisando de diagnósticos cada vez mais ágeis durante a pandemia, o Laboratório Central de Saúde Pública da Paraíba (Lacen-PB) implementou vários avanços tecnológicos, conforme afirma o diretor do Lacen-PB, Bergson Vasconcelos. "O distanciamento social, as restrições para aglomerações e a necessidade contínua de quebra as cadeias de transmissão do vírus SARS CoV-2, fez com que o Lacen-PB se reinventasse para continuar mantendo canais de comunicações com os 223 municípios da Paraíba, para fortalecer os fluxos e processos de coleta, acondicionamento e envio de amostras para diagnóstico rápido e em momento oportuno", relatou.

Pesquisas impulsionam

Algumas das ações impulsionadas pelos avanços tecnológicos foram: Núcleo de Pesquisa e Educação Continuada, responsável pela qualificação, por vídeo aulas, das equipes de saúde dos municípios paraibanos em diversas metodologias para o diagnóstico da covid e outros agravos de interesse em saúde pública; Outro marco histórico para a Medicina Laboratorial da

Paraíba foi a participação ativa da equipe do Lacen-PB em conjunto com a Escola Técnica em Saúde da UFPB na detecção do primeiro caso de reinfecção do SARS CoV-2 na América Latina. "O sucesso dessa descoberta se deu pela utilização de ferramentas tecnológicas empregadas nas ações de vigilância epidemiológica e laboratorial", completou o diretor.

Outros exemplos são: Núcleo de Vigilância Laboratorial, Núcleo de Gestão da Qualidade e Biossegurança, Núcleo de Biologia Molecular, Núcleo de Biologia Médica, Núcleo de Produtos e Meio Ambiente, Núcleo de Tecnologia da Informação.

"Todas as ações citadas interagem com inovações tecnológicas que têm impacto substancial no tempo de respostas das in-

vestigações analíticas e no fornecimento de dados científicos para nortear as ações estratégicas nos cenários de saúde do Estado da Paraíba", destacou Bergson Vasconcelos.

Durante a pandemia, o laboratório recebeu o incremento do Parque Tecnológico. "O domínio da tecnologia de sequenciamento genômico, a expansão dos diagnósticos para metodologias moleculares, a investigação por vigilância laboratorial e a utilização de metodologias enxutas de gestão já são realidade, ou seja, não tem como retrocedermos. O impacto desse crescimento tecnológico e das inovações implantadas nos últimos dois anos pode ser observado com os números e indicadores de desempenho da gestão da saúde em tempo de crise", finalizou o diretor do Lacen-PB.

Bergson Vasconcelos, diretor do Lacen-PB, frisa que os avanços tecnológicos foram fundamentais na melhoria do atendimento à população

Foto: Ortilo Antonio



Foto: Reprodução



Paulista produz cerca de 200 toneladas de queijo por mês

Cidade é responsável pelo abastecimento dos mercados públicos da Paraíba, do Ceará e do Rio Grande do Norte

Iracema Almeida
iracemalubarino@epc.pb.gov.br

A cidade pode até ser pequena, em relação a quantidade de habitantes, com cerca de 12,5 mil, mas quando o assunto é produção de queijos – sobretudo de manteiga – Paulista é a maior do Sertão paraibano. Por mês são produzidas cerca de 200 toneladas, abastecendo toda a Paraíba e estados vizinhos do Ceará e Rio Grande do Norte. Por dia, são ordenhados mais de 70 mil litros de leite bovino.

Mais da metade de sua população mora na zona ru-

ral (60%), nos sítios e distritos, onde ficam as mais de 25 pequenas e médias fábricas de queijos (as queijeiras) da cidade. Lá, também existe uma empresa de laticínio. É através da pecuária, com a produção de leite, que a maioria dos moradores de Paulista consegue sustentar suas famílias. “Trabalho com leite, há 28 anos e não saberia amanhecer sem ter as vacas para ordenhar, isso é o que me deu oportunidade de criar meus filhos. Tenho muito orgulho de ser um pecuarista leiteiro”, garante o produtor rural Derosse de Almeida Júnior, 56 anos.

Seu território é cortado pelo Rio Piranhas, principal ponto turístico da cidade, onde os visitantes podem desfrutar de um bom banho, além de se deliciar com as belas paisagens e pôr do sol às margens das águas doces. O prefeito Valmar Oliveira também destaca que a gestão já estuda a implantação do turismo de experiência, para incentivar os turistas a conhecerem as fábricas de queijos da cidade. “Nossa intenção é proporcionar a quem visita nossa cidade memórias sobre a nossa bacia leiteira, que é a principal da região. Para que todos possam conhecer de

perto o processo de transformação do leite no queijo que chega em nossas mesas”, diz o gestor municipal.

“Filho de Paulista”

Guttemberg Farias, 43 anos, demonstra seu amor pela cidade através de seus escritos. Ele diz que sempre observou uma lacuna pela ausência de uma obra que contasse a história do lugar, então decidiu escrever um livro contando como se deu o povoamento do município. “Sinto-me honrado e tenho gratidão por ter nascido em uma terra com tantas belezas. Paulista não conhecia

sua própria história, apenas havia uma narrativa secular que era transmitida por gerações, sem nenhum fundamento científico. Por 10 anos, realizei uma enorme pesquisa, reuni o conteúdo possível e assim surgiu ‘O arrayal queimado do paulista’”, conta o servidor público federal, poeta e pesquisador.

A religião católica e a cultura andam de mãos dadas, em Paulista. Pois as suas principais manifestações culturais acontecem nas festas em homenagem ao padroeiro municipal, São José, sempre no dia 19 de março, com procissão, quermesses, novenas

e missas. A capela que leva o nome do santo ‘Pai de Jesus’ é considerada uma das mais antigas do Sertão paraibano, construída em 1777.

A cidade também é considerada o berço da literatura de cordel. Foi na fazenda Melancias, na zona rural do município que nasceu o poeta Leandro Gomes de Barros, conhecido nacionalmente como o pai desse gênero literário. O escritor Carlos Drummond de Andrade até o chamava de ‘o rei da poesia do Sertão’. Inclusive, o Dia do Cordelista é celebrado na mesma data de seu nascimento: 19 de novembro.

Povoado teve início no século 18

Prestes a completar 60 anos de emancipação política, em 31 de dezembro, Paulista começou a ser povoada ainda no século 18, com a construção da Capela de São José, em um terreno doado pelo fazendeiro capitão-mor José Félix Machado, quando ainda pertencia à cidade de Pombal. Sua povoação se intensificou durante a década de 1930, com a plantação de lavouras à beira do Rio Piranhas, que corta toda a cidade.

Segundo o pesquisador Guttem-

berg Farias, o nome da cidade foi em homenagem ao paulista Domingos Jorge Velho, que morou um tempo na região e contribuiu para o povoamento da localidade, fundando seu arraial. Após sua partida, o local foi incendiado pelos índios, dando origem ao seu primeiro nome: Arraial Queimado. Quando ainda era distrito de Pombal, passou a ser chamada de Piranha, de 1944 a 1948. Mas, em 1949 o povoado voltou a denominar-se de Paulista.



Foto: Reprodução

Através da pecuária, com a produção de leite, a maioria dos moradores de Paulista consegue sustentar suas famílias



Foto: Reprodução



Foto: Reprodução



Foto: Divulgação

Historiador lançará biografia de João Pereira de Castro Pinto

Na obra, Flávio Ramalho de Brito faz uma radiografia completa do ex-presidente da então Parahyba do Norte

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

Apesar de ser um intelectual, o político, magistrado e professor João Pereira de Castro Pinto (1863-1944) tinha, sim, perfil administrativo. Quem garante é o escritor e historiador Flávio Ramalho de Brito, que em seu novo livro, *O Tribuno – Castro Pinto e sua época*, desmonta essa tese, que até hoje é defendida por alguns historiadores. A data ainda está indefinida, mas o lançamento da obra – considerada uma biografia política com 300 páginas e publicada pela Ideia Editora – será realizado no próximo mês de dezembro. “O evento terá a participação do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), do qual eu faço parte e que teve Castro Pinto, em 1905, como um dos seus fundadores e o seu primeiro conferencista”, disse o autor.

A obra é dividida em 11 capítulos, tem 440 notas e os textos de apresentação assinados pelo jornalista Gonzaga Rodrigues, o poeta e ensaísta Sérgio de Castro Pinto, que é sobrinho-bisneto do presidente Castro Pinto e pelo professor e historiador Ângelo Emílio Pessoa. “A capa do livro utiliza uma caricatura de Castro Pinto, feita em 1913 por J. Carlos, que muitos consideram o maior caricaturista do país em todos os tempos e que era amigo de Castro Pinto”, informou Flávio Ramalho.

O autor disse que utiliza, no livro, não apenas documentos históricos, mas os próprios textos de alguns dos historiadores para assegurar que seu biografado tinha perfil administrativo. “Se Castro Pinto era um ‘filósofo’ no sentido popular do termo, sem sentido prático, como

caracterizam alguns, como explicar, então, que em um governo curto e muito conturbado politicamente, de apenas dois anos e 9 meses, Castro Pinto tenha desenvolvido ações tão significativas como: afastar os juízes das atividades políticas (vários magistrados eram chefes políticos nos municípios, prática que vinha desde os tempos da Monarquia); acabar com a acumulação remunerada de cargos; combater o cangaceirismo que assolava o Estado e que tinha, em alguns locais, a colaboração das chefias políticas (ele colocou dois oficiais do Exército para comandar a polícia estadual)”, argumentou Ramalho.

O historiador ainda enumera outros feitos de Castro Pinto. “Reequipou o Liceu e criou uma Escola de Comércio; implementou o ensino noturno aos alunos que trabalhavam no período diurno; mandou elaborar um livro para ser usado no ensino da História da Paraíba nas escolas primárias; determinou a reformulação gráfica do jornal *A União* e contratação do recebimento de notícias, através dos meios mais avançados da época; providenciou o primeiro projeto de saneamento da capital, que foi elaborado pelo engenheiro Saturnino de Brito, a maior autoridade nacional no assunto; entre tantas outras realizações que fizeram com que as ações do seu governo tivessem grande repercussão na imprensa nacional”, elencou ele.

“Muitas das medidas republicanas que foram adotadas por Castro Pinto anteciparam, em uma década e meia, decisões que foram tomadas por João Pessoa, com uma diferença de métodos entre eles. Enquanto João Pessoa exercia o poder de forma autoritária, forte,

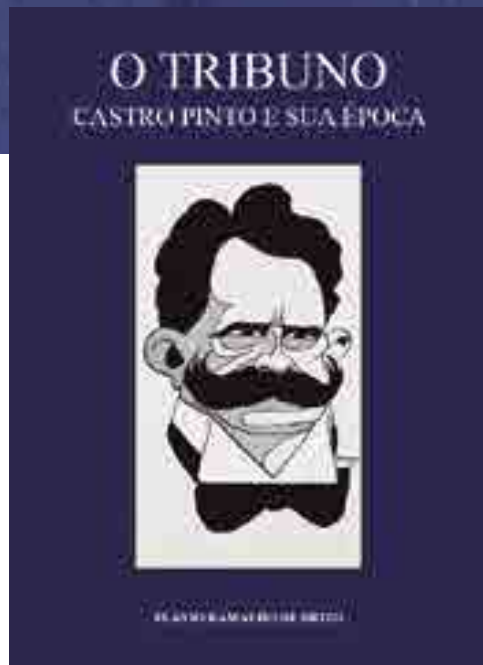
Castro Pinto, ao contrário, era um doutrinador, que eliminava a resistência aos seus atos pelo convencimento”, observou Ramalho.

O autor também esclareceu a razão de Castro Pinto ter renunciado ao Governo da Paraíba. “Castro Pinto era senador quando foi escolhido como um nome de conciliação para o Governo da Paraíba pelos dois grupos que se abrigavam no situacionismo estadual: o grupo político do senador Álvaro Machado e do padre Walfredo Leal, que, há 20 anos, dominava a política do Estado, e o do ainda ministro do Supremo Tribunal Federal, Epitácio Pessoa, mas que já ensaiava seu retorno à política. Castro Pinto havia sido eleito para o Congresso com o apoio dos alvaristas, mas era amigo de Epitácio Pessoa desde os tempos da Faculdade de Direito do Recife. Foi feito um acordo político que já se sabia, de antemão, que não ia dar certo, em razão dos interesses conflitantes. No início de 1915, nas eleições federais, houve o rompimento das duas correntes políticas. Castro Pinto ficou neutro. Proibiu qualquer ingerência da máquina do governo em favor das candidaturas. O jornal *A União* que, costumeiramente, fazia a propaganda dos candidatos governistas, noticiou, unicamente, os resultados oficiais do pleito”, detalhou ele.

Ao término da disputa, os perdedores voltaram-se contra ele, pela falta de apoio, segundo o historiador. “Os vitoriosos, ligados a Epitácio Pessoa, cobravam de Castro Pinto a demissão dos perdedores que ocupavam cargos no governo. Castro Pinto desagradou aos dois lados e, a partir daí, se iniciou uma agressiva campanha de



Foto: Acervo Pessoal



Livro de Ramalho (foto maior) tem textos de apresentação de Gonzaga Rodrigues, Ângelo Emílio Pessoa e Sérgio de Castro Pinto, que é sobrinho-bisneto do biografado; a capa é uma caricatura de 1913 por J. Carlos

Imagem: Divulgação

achincalhe contra ele, que envolveu até aspectos da sua vida pessoal, com relação a um relacionamento amoroso não convencional que ele mantinha, inaceitável para os padrões da provinciana sociedade paraibana da época. Castro Pinto renunciou ao governo e deixou a Paraíba para nunca mais voltar, apesar de, até o final dos seus dias, continuar reverenciando a sua terra”, relatou Flávio Ramalho.



Foto: Reprodução



Retrato de Castro Pinto produzido em dezembro de 1969 pela artista paraibana Nevinha Araújo

Um dos políticos de maior expressão intelectual da Paraíba, segundo o autor

“O objetivo fundamental do livro foi resgatar a figura de Castro Pinto, que estava totalmente esquecida, ao ponto de surgirem até propostas de mudança do nome do Aeroporto Internacional. Castro Pinto e Epitácio Pessoa foram os dois políticos de maior expressão intelectual da Paraíba, durante o período da República Velha”, apontou Flávio Ramalho, que é natural da cidade de Campina Grande. Autor de outra obra, *Um Político da República Velha*, com mais de 500 páginas e publicada pela Ideia Editora em 2017, ele foi eleito com 21 votos, no mês de abril passado, para ocupar a Cadeira nº 8 do IHGP, sucedendo Marcus Odilon.

Ramalho ainda detalhou as razões que o motivaram a escrever sobre Castro Pinto. “Há alguns anos, ao realizar

pesquisas sobre a chamada República Velha (1889-1930) na Paraíba tive um conhecimento mais aprofundado com a figura de Castro Pinto. Como, na ocasião, as minhas pesquisas tinham outro enfoque, apenas arqueei as informações interessantes que eu havia obtido sobre ele para utilizá-las no futuro”, disse.

“O tempo foi passando e eu continuei a coletar dados sobre Castro Pinto. Em determinado momento, constatei que apenas duas obras haviam sido escritas sobre ele, insuficientes para uma avaliação sobre a sua vida: uma antologia dos seus discursos no Congresso Nacional, publicada pela Câmara dos Deputados, nos anos 1980, e um livreto publicado, há mais de 20 anos, pela Editora A União na série *Paraibanos do Século*, que é mais uma peça de apologia

à sua figura”, prosseguiu o historiador.

O pesquisador disse que dois fatos, os quais considera “inquestionáveis”, dão a ideia da dimensão de Castro Pinto, que foi gestor do Estado no período de 22 de outubro de 1912 até 24 de julho de 1915. “Primeiro, ele foi um dos mais brilhantes parlamentares do país, no período da nossa Primeira República, na Câmara dos Deputados e no Senado Federal. Segundo, ele foi o governador da Paraíba de maior preparo intelectual, do início da República até 1930. Apesar disso, há um grande desconhecimento sobre Castro Pinto, ao ponto de se chegar ao absurdo de surgirem propostas quase inacreditáveis de retirada do seu nome do Aeroporto Internacional, localizado na Região Metropolitana da capital”, ressaltou Flávio Ramalho.

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

O amor à ciência

Foto: Divulgação

A vida dedicada à ciência parece estéril para quem procura encontrar verdades eternas ou fama imortal. Há muito que as investigações científicas abandonaram, no limbo das especulações metafísicas, questões relativas ao *por quê?* substituindo-as pelo *como?*. Além dessa importante mudança de perspectiva, os bons trabalhos científicos hoje em dia são obras de especialistas e tendem a possuir validade curta.

Aquele “intelectual enciclopédico” que manjava de todas as áreas se tornou uma espécie extinta. O conjunto de conhecimentos acumulados numa área como a física, por exemplo, é tão volumoso que soa bastante improvável que alguém seja capaz de conhecê-los, um a um, com propriedade. Isso me deixa com uma pontinha de tristeza.

Enquanto cientista social estou dedicado a um enorme e limitado conjunto de conhecimentos, mas que chega a parecer infinito. Como não bastasse, desejo estudar astronomia – como na infância – agora com mais profundidade. Matemática, filosofia, biologia, história, paleontologia, química, neurociência, arqueologia e teoria quântica. Meu apetite é grande, pantagruélico!

E tem mais: quero dedicar-me à arte – são muitas composições engavetadas. Tenho um plano de aprender a surfar que até hoje nunca realizei. Para além de tudo, o surgimento da vida



Raul: “dois problemas se misturam, a verdade do Universo e a prestação que vai vencer”

e do universo exerce sobre minha imaginação fascínio deslumbrante.

Uma vida parece ser pouco demais. E é. Problema que se agrava com as exigências do perverso mundo do trabalho. A maior parte das pessoas gasta horas e horas diárias com atividades desprazerosas que poderiam ser destinadas a atividades de lazer, descanso e ócio criativo.

Esse é um ideal que desagrada os mais ávidos por dinheiro e os parasitas do trabalho alheio. Não tenho esperança de presenciar o “fim do trabalho”, longe disso. Mas, se isso acontecer um dia, a experiência de viver será mais alegre e prazerosa. Temos as

condições técnico-científicas necessárias, falta apenas condições políticas.

Não é difícil entender o que Raul Seixas quis dizer com: “dois problemas se misturam, a verdade do Universo e a prestação que vai vencer”.

Os cientistas e, de modo geral, os trabalhadores intelectuais se “proletarizaram”. Eles se tornaram empregados do Estado e de grandes e poderosas corporações.

Tal relação tende a gerar efeitos nocivos sobre a autonomia do pensamento e problemas de ordem ética. Interesses políticos e econômicos que se imiscuem em questões científicas, desprezando o bem-estar humano e a natureza, constituem alguns dos principais males de nossa sociedade.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Dignidade da dor

O compositor russo Pyotr Ilyich Tchaikovsky (1840-1893) conviveu dignamente com seus insuportáveis transtornos psíquicos e frustrações. Ele sempre apresentou ciclos depressivos, entretanto, procurou a beleza e o sentido da vida diante das decepções morais e religiosas. Numa carta ele escreveu: “Estou sentado à janela aberta e respirando o ar encantador de uma manhã de primavera... A vida ainda é boa e vale a pena viver numa manhã de maio... Afirmando que a vida é bela apesar de tudo! Este tudo inclui: Doença. Estou me sentindo muito forte apesar de meus nervos estarem todos em frangalhos; o Conservatório me oprime à extinção. Cada vez me convenço mais de que estou absolutamente incapacitado para ensinar teoria musical; (...) Em poucas palavras, há muitos espinhos, mas as rosas também estão lá”.

O primeiro contato de Tchaikovsky com a música foi ouvir as canções populares cantadas pela própria mãe. Aos 5 anos, ele aprendeu a tocar piano. Aos quatorze anos, sofreu uma depressão devido a morte de sua mãe, que o marcou por toda vida. Ele iniciou os estudos em advocacia na Escola de Direito de São Petersburgo. Ao trabalhar no Ministério da Justiça, foi considerado um péssimo funcionário. Sempre esteve infeliz, mas compreendeu a força do amor. A partir dos 20 anos de idade, ingressou no Conservatório de São Petersburgo e seguiu os cursos de composição, piano, flauta e órgão. Meses depois, abandonou o trabalho no Ministério da Justiça. Aos vinte e seis anos, tornou-se professor do Conservatório de Moscou. Naquele período, compôs suas primeiras peças eruditas, em especial, a sinfonia ‘Sonhos de Inverno’. Essa composição quase o levou à loucura e sofreu alucinações, também, complicações intestinais, enxaqueca e sintomas de neurastenia aguda. Naquele período, aproximadamente em 1866, apresentou intensamente transtornos psíquicos e desejou se afastar da convivência social e apresentou os primeiros sinais das tentativas de suicídio. Logo depois, realizou uma série de concertos internacionais e o conjunto da obra foi consagrada em diversas capitais europeias, e o seu sucesso foi crescente, apesar da sua vida solitária e das angústias insuportáveis e a extrema timidez, tudo isso o manteve sempre diante de um colapso nervoso. Tchaikovsky casou, porém foi



Imagem: Reprodução

Do compositor russo Tchaikovsky: “Há muitos espinhos, mas as rosas também estão lá”

um relacionamento desastroso, que se separou em pouco tempo.

O pensamento musical de Tchaikovsky priorizou a força emocional dos sentimentos e condensou estilos ocidentais e orientais, que incorpora o folclore russo e contribui para a identidade do seu povo e massificar a beleza da arte soviética. Suas peças são patrimônio da humanidade. Ele compôs cento e cinquenta e nove peças, que estão organizadas em sinfonias; concertos; óperas; ballets; música de câmara; peças para coro e liturgias da Igreja Ortodoxa Russa. Seus temas nostálgicos apresentam emoções a partir das forças inatas da natureza humana. Suas obras mais conhecidas são estas: ‘O Lago dos Cisnes’; ‘O Quebra-Nozes’ e ‘A Bela Adormecida’; ‘Abertura 1812’ e ‘A Abertura-fantasia Romeu e Julieta’; seus concertos para piano e orquestra e para violino e orquestra; as Sinfonias quatro, quinta e sexta; ‘Marcha Eslava’ e ‘A Dama de Espadas’.

As contribuições de Tchaikovsky criam uma revolução a partir da estética. Elas permitem uma sensibilidade mais humanizada diante da luta pela sobrevivência, por ser uma atitude estético-política, como participantes ativos na construção da experiência e da subjetividade. No entanto, deve-se dar importância à imaginação e seus processos da consciência, que devem sustentar as possibilidades transcendentais de liberdade. Nesse contexto, prioriza-se a potencialidade subversiva das estruturas pulsionais e a dinâmica sociológica da repressão: como baseia-se em uma repressão interna, resultado da interiorização da autoridade, para que a

gestão da nova sensibilidade se dê é preciso antes libertar-se internamente. Essa revolução no âmbito cultural se estende a valorização da subjetividade e sua preservação na arte apontam para a importância dos processos mentais na própria ação política, pois o indivíduo torna-se o ponto de partida da reconstrução radical da sociedade. O surgimento de novas necessidades e de uma sensibilidade apta à transformação qualitativa da realidade somente pode se dar se os próprios agentes da transformação social forem dotados de uma nova maneira de sentir e pensar. Esse processo deverá basear-se em um conceito crítico de razão, pois se é a racionalidade que molda a cultura intelectual e material da sociedade, a redefinição desse entendimento deverá prever a transformação da racionalidade que a sustenta. Nesse caso, a apropriação do âmbito estético pelo processo formativo poderá orientar uma redefinição e novos comportamentos tendo o objetivo de supervalorizar a dignidade da existência.

A partir da crítica à realidade opressiva, Tchaikovsky apresentou a sensibilidade como transcendência dessa realidade, que rompe a totalidade repressiva a partir do próprio interior para fora de si, e impulsionada pela força transformadora da arte. Nesse sentido, a arte é uma expressão das necessidades e desejos primários da natureza humana. Há na dimensão estética elementos que a mantêm essencialmente atrelada à liberdade, não somente em sua forma cultural sublimada, mas também em sua forma política e existencial. Desse modo, a estética pode converter-se em uma técnica de produção, transformando possibilidades em que se desenvolvem as necessidades materiais e intelectuais e ao conceito de beleza como um critério universal de valor estético.

A beleza reúne o prazer e terror. A ideia da beleza sempre será um processo da reconstrução da natureza e da sociedade. Logo, a obra de arte bela é aquela que se opõe a ordem opressora e perversa.

■ Sinta-se convidado à audição do 345º Domingo Sinfônico, deste dia 21, das 22h às 0h. Em João Pessoa (PB) sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos analisar peças do compositor e pianista russo Pyotr Ilyich Tchaikovsky. Irei comentar suas peças, que foram influenciadas pelo folclore e romantismo russo.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

As cores de Milton

A canção ‘Cidade Encantada’, que está no disco *Yauaretê*, de Milton Nascimento, fala de um amor que vem de nós, que pode nos trazer esperança. E a esperança está na cor de Milton.

A canção começa com badaladas de sinos e deixa a gente em silêncio. Fala das pedras. “Essas pedras, teus sobrados/São visões que já vivi/Numa história do passado/Hoje, Sua luz que me comove/Mil pedaços de saber/São as cores da esperança/Sempre”. De Nelson Ayres e Milton Nascimento.

A segunda faixa é ‘O Vendedor de Sonhos’ que Milton canta com Paul Simon. A letra e a melodia invadiram as janelas da minha casa, a velha mobília. Corações emoldurados, como se estivéssemos felizes, no momento do vento, como se Milton nos convidasse para cantar juntos.

Nossa viagem é longa e nunca esteve tão frágil, desde o momento em que nascemos e cantamos a vida. Eu queria vender sonhos, na verdade eu não venderia, daria de presente às pessoas que passam em minha rua, na minha vida.

Yauaretê é o único disco que eu não tenho do Milton Nascimento, o álbum é muito caro no Mercado Livre, mas agora a Sony Music lançou nas plataformas, aí eu senti vontade de dançar sozinho, entoando sonhos até provocar calor no meu rosto e vieram as lágrimas.

Lançado em 1987, pela gravadora CBS, o ano que meu pai fez sua viagem, antes que o dia amanhecesse. Foi gravado entre Rio de Janeiro e Los Angeles sob a produção de Marco Mazzola e traz músicas inéditas, como ‘Canções e momentos’, ‘Carta à República’ com base na carta que foi apresentada em Araxá, pedindo mais liberdade para os artistas e compositores durante o I Congresso Nacional de Música Popular, além de ‘Mountain’, feita em parceria com Márcio Borges e também do inglês Cat Stevens.

Também ‘Planeta blue’ – *Yauaretê* tem ainda a participação de Herbie Hancock junto de Paul Simon na faixa ‘O vendedor de sonhos’, do grupo Uakti em ‘Dança dos Meninos’, e ‘Carta à República’ além de Wayne Shorter e de Hancock novamente na faixa ‘Mountain’. É arrepiante.

O disco traz também a faixa ‘Morro velho’, que fora lançada originalmente em seu primeiro disco, de 1967, nesse disco reaparece com um arranjo diferente. Tudo é tão bonito que a gente consegue ver a cor na luz que dizem existir no final da estrada, para não nos enganar mais com a palavra túnel.

Olhos que são meus, olhos cansados, nunca ouvidos, apesar de eu ainda escutar horrores de uma caravana que passa pra lá e pra cá e os cachorros já não ladram.

Li que originalmente o disco tem esse nome pelo fato de certa vez o músico Tom Jobim chamou Milton de “yauaretê”, que é uma das formas de chamar a onça ou jaguar e que acabou dando nisso, o nome de um disco clássico.

No encarte do disco, há um poema curto no qual o músico reverência Milton comparando-o com o felino e o chamando de “meu carioça mineiro” Só Tom para se juntar a Miltons e muitos Jobins afins.

Em ‘Carta à República’, Milton não esconde a amargura, com tanta mentira solta, mas seguimos com a sensação que a gente vai carregar até a outra margem do rio: nossa fé. Na letra ele pergunta o que fizeram da nossa fé?

Nesse disco Milton Nascimento nos convida para sonhar com nosso País. Vejam bem, em 1987. Mas logo o sonho se desmancha no ar. “Ao ver que o sonho anda pra trás / E a mentira voltou / Ou será mesmo que não nos deixara? / A esperança que a gente carrega / É um sorvete em pleno sol”.

Isso dele dizer um sorvete em pleno sol, não enche mais minha boca d’água.

Quais são as cores da esperança, Milton?

Kapetadas

1 – Se alguém tiver esse disco em *cedê* e queira me vender, entre em contato pelo *imêio*.

2 - Muitas vezes cortamos as pessoas de nossa vida com a tesoura que elas nos deram.

3 - Som na caixa: “Que na cidade tranquila, sadrada cada ferida, tudo se transforme em vida”, de Milton e Gilberto Gil.

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

O Super-8 na Paraíba a partir de novo enfoque

Lendo recentemente uma matéria no Jornal **A União**, que vem assinada por Joel Cavalcanti sobre a história do cinema Super-8 na Paraíba, digo ser bem posta mais uma argumentação sobre um dos períodos mais singulares da produção audiovisual paraibana, que ficou conhecida como “movimento superoitista”.

Busquei na internet e consegui encontrar os textos da segunda versão, em PDF, assinados pelo professor Bertrand Lira, quando no seu intertítulo *Revisão de literatura*, ao se referir à produção dos anos 1970/80, o autor escreve:

“A literatura sobre o cinema superoitista não é um problema exclusivo da Paraíba, ela é escassa também em termos de Brasil. O que se tem publicado sobre o Super-8 resume-se a manuais de instruções técnicas para o manuseio de equipamentos. O único livro que menciona o assunto no nosso estado é *Cinema e Revisionismo*, do crítico Alex Santos (grifo nosso), mesmo assim em apenas três páginas, onde ele lista os filmes paraibanos realizados nesta bitola.”

Inicialmente, recebo esta referência elogiosa ao pioneirismo do meu livro publicado há 40 anos, pelo que agradeço, fazendo aqui uma ressalva justa e merecida ao arrazoado publicado, sobre ter mencionado, naquela época em que publiquei *Cinema e Revisionismo* (1982), citando o Super-8 *Trabalhadores do Icó* como sendo de Bertrand Lira e Torquato Joel. Quando na realidade o filme chama-se *Emer-*



Capa de ‘Cinema e Memória’, publicação de 2013

gência, sendo este do segundo aqui mencionado. A rigor, isso se deveu ao fato de, à época, os enfoques no Departamento de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba eram voltados mais para um “superoitismo de exaltação gay” (veja-se, então, a produção em Super-8 daquele período), e que muitas das informações fora do Decom nos chegavam desconstruídas, como é o caso. Mesmo que o Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc), também influente da UFPB, do qual fui oficialmente um dos fundadores em 1979, no final do reitorado de Lyndalvo Cavalcanti, tivesse na produção superoitista e no 16mm uma postura diferenciada e não tão notadamente influenciada como aqoutra.

Albergando comigo um exemplar de *Cinema e memória: o Super-8 na Paraíba nos anos 1970 e 1980*, de Lara Santos de Amorim e Fernando Trevas, publicação de dezembro de 2013, consigo ver melhor as diferenças que existem de interpretações sobre aquela época. Em ambos *scripts*, a perspectiva de novos ajustes históricos futuros. Principalmente, no que se refere a uma revisão mais abrangente sobre as obras superoitistas fora dos muros da UFPB. Um ciclo de realizações que foi igualmente importante para o cinema paraibano, inclusive de obras premiadas nacionalmente, como foi um dos nossos curtas-metragens.

Um exemplo foi *O Coqueiro*, que realizei em 1977, de forma independente, não sob os áditos da UFPB, mesmo dela já fazendo parte. Curta-metragem em Super-8, vindo a ser premiado naquele ano pela Sudene como Melhor Filme de Temática Nordestina, no Festival de Cinema Brasileiro realizado em Recife. Fato que foi relatado como um dos poucos curtas em Super-8 a ser premiado fora da Paraíba naquela época, o que vem a ser registrado no livro de Lara Santos, textualmente: “*O Coqueiro*, ‘Prêmio 18 Anos de Sudene’, Direção Alex Santos; Prod. Solama Filmes de 1977; Dur: 13’; Super-8; Colorido; Sonoro. Narração e apresentação: professor José Cornélio; Fotografia, Câmera e Montagem: Alex Santos; Apoio: ACCP, Cinema Educativo da Paraíba e Antonio Barreto Neto.” – Mais “Coisas de cinema”, acesse o blog: www.alex santos.com.br.



APC se congratula com seu acadêmico

A Diretoria da Academia Paraibana de Cinema (APC) se congratula com o seu acadêmico Dr. Manoel Jaime Xavier (Cadeira 16 — cujo Patrono é o exibidor Pedro Honorato, do antigo Cine São Pedro nesta capital), pela publicação de seu mais novo livro sobre a cidade de João Pessoa e seus monumentos.

Espaços, Vivências e Pessoas é o título do novo livro de Jaime (Edições CRM-PB e Ideia, 2021), “em que recupera a história dos antigos prédios da Faculdade de Medicina e dos mestres fundadores da importante instituição”, segundo escreveu o colunista Carlos Romero, recentemente.

Em cartaz

ESTREIAS

CHERNOBYL - O FILME (Kogda padali aisty. Rússia. Dir: Danila Kozlovsky. Drama e Histórico. 16 anos). As consequências da explosão na usina nuclear de Chernobyl, em 1986, quando centenas de pessoas sacrificaram suas vidas para limpar o local da catástrofe e para prevenir um desastre ainda maior. CINEPOLIS MANAÍRA 8 (leg.): 15h - 20h45.

A CRÔNICA FRANCESA (The French Dispatch. EUA, França. Dir: Wes Anderson. Drama e Comédia. 14 anos). Ambientada em um posto avançado de um jornal americano em uma cidade pacata fictícia na França do século 20, o filme traz à vida crônicas e coleções de histórias publicadas no jornal The French Dispatch Magazine. CINEPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 13h50 - 19h - 21h30.

GHOSTBUSTERS MAIS ALÉM (Ghostbusters: Afterlife. EUA. Dir: Jason Reitman. Fantasia e Comédia. 12 anos). Uma mãe solteira seus filhos acabam descobrindo uma conexão com os Caça-Fantasmas originais e o que o seu avô, um dos integrantes dos Caça-Fantasmas, deixou para trás como legado para sua família. CINEPOLIS MANAÍRA 4 (leg.): 15h15 - 18h15 - 21h15; CINEPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 13h45 - 16h30 - 19h30 (exceto dom.); CINEPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 18h (somente dom.); CINEPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE: 14h45 (dub.) - 17h30 (dub.) - 20h20 (leg.); CINEPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 15h - 17h45 - 20h30; CINEPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 19h (somente dom.); CINEPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 13h40 - 16h20 - 19h30 (exceto dom.); CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 15h30 - 17h50 - 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h30 - 17h50 - 20h15.

HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFA (Harry Potter and the Philosopher's Stone. EUA, Reino Unido. Dir: Chris Columbus. Fantasia e Aventura. Livre). Harry Potter (Daniel Radcliffe) é um menino órfão de 10 anos que recebe um convite para ingressar em famosa escola para jovens bruxos. Sessões somente neste dom. CINEPOLIS MANAÍRA 6 (3D, leg.): 15h30 - 19h; CINEPOLIS MANAÍRA 7 (3D, leg.): 19h30; CINEPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (3D, leg.): 20h30; CINEPOLIS MANGABEIRA 4 (3D, dub.): 19h; CINEPOLIS MANGABEIRA 5 (3D, dub.): 14h45 - 18h - 21h20; CINE SERCLA TAMBIA 6 (3D, dub.): 14h50 - 17h40 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 2 (3D): 14h50 (dub.) - 17h40 (leg.) - 20h30 (dub.).

NOITE PASSADA EM SOHO (Last Night in Soho. Reino Unido. Dir: Edgar Wright. Terror, Drama e Suspense. 16 anos). Eloise (Thomasin McKenzie) é uma jovem apaixonada

por design de moda que consegue, misteriosamente, voltar à década de 1960. Lá, ela encontra Sandy (Anya Taylor-Joy), uma deslumbrante aspirante a cantora por quem é fascinada. O que ela não contava é que a Londres dos anos 1960 pode não ser o que parece. CINEPOLIS MANAÍRA 2: 13h30 (dub.) - 16h (dub.) - 18h40 (dub.) - 21h20 (leg., exceto dom.) - 21h45 (leg., somente dom.); CINEPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 16h15 - 21h30; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 16h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h.

CONTINUAÇÃO

DEUS NÃO ESTÁ MORTO - O PRÓXIMO CAPÍTULO (God's Not Dead: We the People. EUA. Dir: Vance Null. Drama. 12 anos). Após uma inspeção inesperada de uma funcionária do governo local, famílias que educam seus filhos em casa são obrigadas a colocá-los na rede pública de ensino. A funcionária acredita que as crianças estão recebendo uma educação inferior em relação à escola tradicional e estão sendo doutrinadas por suas famílias a crerem na Bíblia. CINEPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 14h15; CINEPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 13h45.

ETERNOS (Eternals. EUA. Dir: Chloé Zhao. Super-Herói, Ficção Científica e Fantasia. 12 anos). Os Eternos são uma raça de seres imortais que viveram em segredo durante a antiguidade da Terra, moldando sua história e suas civilizações ancestrais. Seguindo os eventos de Vingadores: Ultimato, uma tragédia inesperada os força a sair das sombras para se reunirem contra os mais antigos inimigos da humanidade, Os Deviantes. CINEPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 18h35 (somente dom.); CINEPOLIS MANAÍRA 6 (3D): 14h30 (dub., exceto dom.) - 17h45 (leg., exceto dom.) - 21h (leg., exceto dom.); CINEPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 14h - 17h15 - 20h30 (exceto dom.); CINEPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 20h30; CINEPOLIS MANGABEIRA 5 (3D, dub.): 14h45 (exceto dom.) - 18h (exceto dom.) - 21h15 (exceto dom.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 14h30 (somente dom.) - 17h30 (somente dom.) - 20h30 (somente dom.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 20h; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 20h; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 14h30 (exceto dom.) - 17h30 (exceto dom.) - 20h30 (exceto dom.); CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h30 (exceto dom.) - 17h30 (exceto dom.) - 20h30 (exceto dom.); CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 20h; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 14h30 (somente dom.) - 17h30 (somente dom.) - 20h30 (somente dom.); CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 20h.

A FAMÍLIA ADDAMS 2: PÉ NA ESTRADA (The Addams Family 2. EUA. Dir: Conrad Vernon e Greg Tiernan. Animação, Comédia e Aventura. Livre). Perturbados que

seus filhos estão crescendo rápido, Morticia e Gomez estão fazendo coisas que não faziam antes: eles decidem colocar a família inteira no trailer assustador para uma miserável viagem de férias. Percorrendo os Estados Unidos inteiro, a família Addams encontra primos distantes e novos amigos. O que poderia dar errado? CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 16h20; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h20.

MARIGHELLA (Brasil. Dir: Wagner Moura. Drama e Biografia. 16 anos). Comandando um grupo de jovens guerrilheiros, Marighella (Seu Jorge) tenta divulgar sua luta contra a ditadura para o povo brasileiro, mas a censura descredita a revolução. Seu principal opositor é Lúcio (Bruno Gagliasso), policial que o rotula como inimigo público. CINEPOLIS MANAÍRA 3: 19h15; CINEPOLIS MANGABEIRA 3: 17h; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 19h45 (exceto dom.); CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 19h45 (exceto dom.).

A PROFISSIONAL (The Protégé. EUA. Dir: Martin Campbell. Ação e Suspense. 16 anos). Anna (Maggie Q) é uma matadora de aluguel extremamente habilidosa treinada pelo lendário assassino Moody (Samuel L. Jackson). Quando ele é brutalmente assassinado, Anna jura se vingar. CINEPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 18h (exceto dom.); CINEPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 19h (exceto dom.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 17h40 (exceto dom.); CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 17h40 (exceto dom.).

QUERIDO EVAN HANSEN (Dear Evan Hansen. EUA. Dir: Stephen Chbosky. Musical e Drama. 14 anos). Uma história que gira ao redor de Evan Hansen (Ben Platt), jovem ansioso e com dificuldades de se conectar com os outros, que acaba envolvido numa mentira sobre um colega de classe que cometeu suicídio, se aproximando da família do falecido. Adaptação cinematográfica do musical vencedor do Tony e do Grammy de Steven Levenson, Benj Pasek e Justin Paul. CINEPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 16h10.

VENOM: TEMPO DE CARNIFICINA (Venom: Let There Be Carnage. EUA. Dir: Andy Serkis. Aventura, Terror e Fantasia. 14 anos). Depois de um ano dos acontecimentos do primeiro filme, Eddie Brock (Tom Hardy) está com problemas para se acostumar na vida com o simbioite Venom. Eddie tenta se estabelecer como jornalista ao entrevistar o serial killer Cletus Kasady, também portando um symbiote chamado Carnage e que acaba escapando da prisão após sua execução falhada. CINEPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 16h50; CINEPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 14h30; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 18h10; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 18h10; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 18h10; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 18h10.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Vanildo Brito

Vanildo Brito costumava me ligar tarde da noite. Perguntava pelo clima de minha Comarca, sempre com estas palavras curiosas: “E, lá em nós, tem chovido?”

Caririzeiro como eu, só que lá das bandas de Monteiro, guardava, dentro de si, o gosto da terra árida, o uivo dos ventos, o silêncio das pedras e, mais que tudo, a “verdade vazia e perfeita” dos céus de verão, azuis e imaculados, que cobrem os rios e riachos temporários, as serras e as planícies distendidas por uma geografia sem fim.

Este mundo distante está bem representado nos alcantis de seus versos longos, tocados, aqui e ali, pelas mãos sagradas da melhor poesia telúrica. Se há, nos seus poemas, a vertente lunar e oceânica dos motivos metafísicos, como uma de suas faces mais sólidas, há, de outra parte, a índole solar e agreste que traz, para dentro de seu ritmo lírico, o “claro enigma” da paisagem desnudada em sua desolada e melancólica beleza.

Naqueles solitários telefonemas, o chão natal como que voltava de sua origem mítica, com seus emblemas ritualísticos, seus símbolos litúrgicos, seus idiomas feitos de sol, cinza e poeira, na miragem das lembranças mais longínquas.

Como Vanildo Brito era poeta, uma das maneiras de ele se relacionar com o mundo consistia no socorro da recordação. Recordação enquanto categoria lírica por excelência, uma vez que, só pela recordação é possível trazer, de volta ao coração, as coisas do mundo. As dores e as alegrias que passaram; os afetos e os sonhos que se foram; aquilo que poderia ter sido e que não foi, como nos diz o antológico verso de Manuel Bandeira.

O poeta me falava dos invernos de sua terra, das ruas largas de sua terra, da oralidade poética de sua terra. Falava-me, também, de seus costumes e credences, de suas tardes mornas, de suas noites espantadas, de suas criaturas simples e mágicas, condenadas à liberdade do dia a dia.

O pai Sumé, imperador único dos vales e montanhas daquela região inóspita, reinava na regência da música medida de sua dicção poética. O Rio Paraíba lhe deu um dos mais belos e intensos poemas da lírica local, principalmente pelo que contém de eficácia estética e de valor filosófico, sem qualquer teor doutrinário nem qualquer apelo pedagógico.

Vanildo Brito era um poeta culto. Ao poeta se associava o ensaísta, o estudioso da filosofia e da teoria do sagrado, o leitor incansável de Nietzsche que, na rotina do lar e em alemão, devorava as páginas do Assim falou Zaratustra naquela típica intimidade dos eleitos. Isto sei porque vi e porque testemunhei sua paixão por idiomas complexos, como o russo, o grego e o latim.

Certa feita, por exemplo, já doente num leito de hospital, recitou, para meu deleite, um poema de Puschin no original, comentando, em seguida, as nuances da cadência dos vocábulos, a lógica das acentuações e os problemas intrínsecos à métrica e ao ritmo. Também neste capítulo, não devo esquecer a sua tradução hexamétrica de textos de Da natureza das coisas, de Lucrécio, que levou Francisco Pereira Nóbrega a afirmar: “(...) Tamanha aventura intelectual valeria em universidades europeias um título de doutoramento em letras”.

Não foi por acaso, portanto, ter sido o epônimo de uma geração. A Geração 59, responsável, aqui na Paraíba, pela procura de uma nova estética e por uma das mais agudas reações contra os paradigmas artísticos do passado. Geração que deu, entre outros, e a se considerar os nomes que integram a antologia homônima, um Jurandy Moura, um Luiz Correa, um Celso Almir Japiassu, um Tarcísio Meira César e um Jomar Moraes de Souto.

Num daqueles telefonemas noturnos, confessou-me uma curiosa idiossincrasia de sua personalidade literária. Disse-me que gostaria muito de ter sido mais conhecido na sua terra como poeta. Dias depois, em outro telefonema, disse-me que gostaria de ser conhecido como poeta apenas na cidade de João Pessoa onde residia há muitos anos. Para ele, isto já bastava. Fiquei matutando no pequeno infortúnio do poeta.

Passado algum tempo, atendo outro telefonema de Vanildo Brito, depois da meia noite. O que ele me disse dessa vez? Ora, disse-me que desistira de ser conhecido como poeta na sua terra e na sua cidade. Basta-lhe-ia ser conhecido tão somente no seu bairro, na sua rua ou mesmo no seu prédio!

Este foi um dos últimos telefonemas que recebi. Imagino quantas pessoas o viram de perto, conheceram o homem e nunca o poeta.

Flip 2021 será transmitida de forma gratuita pela internet

Programação da Festa Literária de Paraty tem nomes internacionais e foco nas questões ambientalistas e indígenas

M^a Fernanda Rodrigues
Agência Estado

Alice Walker, Margaret Atwood, David Diop, Djaimilia Pereira de Almeida, Elif Shafak, Han Kang, Conceição Evaristo, Leonardo Fróes e Ailton Krenak são alguns dos autores convidados da Festa Literária Internacional de Paraty, que será realizada pelo segundo ano consecutivo *on-line*, por causa da pandemia da covid-19. A Flip 2021 será entre os dias 27 de novembro e 5 de dezembro, com transmissão gratuita pelo canal do evento no YouTube.

A programação da 19ª Flip foi anunciada na última quinta-feira (dia 18). Serão, ao todo, 19 mesas (duas por dia; às vezes três no sábado e domingo) – os encontros realizados às 20h e os dos dois finais de semana poderão ser vistos também pela TV, com transmissão pelo Arte 1. Quem não puder acompanhar ao vivo poderá assistir depois, já que as mesas serão gravadas.

Esta é a primeira vez que a Flip terá um tema: Literatura e plantas. E é a primeira vez que haverá um conselho curatorial. O antropólogo Hermano Vianna coordena esse coletivo, e sugere que a “experiência da Flip” deve ser percebida como um todo – da primeira

Nesta 19ª edição, que acontece no final do mês, será a primeira vez que a Flip terá como tema “Literatura e plantas”, além de debutar um conselho curatorial

à última mesa – e que todos os convidados pensam a questão das plantas e meio ambiente ou já publicaram livros relacionados ao tema. Uma cerimônia guarani transmitida direto de Paraty dará as boas-vindas.

Autora de *A Cor Púrpura*, Alice Walker, que acaba de participar, virtualmente, da Feira do Livro de Porto Alegre, publicou este ano pela Bazar do Tempo o livro *Em Busca do Jardim de Nossas Mães*. “Esse é um livro de referência para a Conceição Evaristo, que está passando a pandemia no interior de Minas Gerais e desenvolveu uma relação com as plantas do jardim”, comentou Vianna.

Ele destacou também a participação de Kim Stanley Robinson, autor de ficção científica que acompanhou os bastidores da COP-26. “Ele escreveu um livro fundamental, *The Ministry for*

The Future, sobre a crise climática, e vai conversar com Eliane Brum, que vai lançar um livro que é fruto de uma longa pesquisa que ela fez na Amazônia.”

Pedro Meira Monteiro, professor da Princeton University, também está no conselho, ao lado de Viana, Evando Nascimento, Anna Dantes e João Paulo Lima Barreto. Para ele, esta Flip será marcada por encontros inusitados, de gente que talvez não se conhece e que vai começar a dialogar sobre um tema em comum. “Não tem ninguém na programação que não tenha sido tocado por esse recado das plantas”, disse.

Em 2022, a Flip deve voltar a ser realizada presencialmente, em Paraty. “Este ano, ela vai ser muito presencial para o paratiense, mas não queremos atrair mais visitantes do que os que já estão indo a Paraty”, disse Mauro Munhoz, diretor artístico da Flip.

Flipinha

A 19ª Flipinha também terá transmissão ao vivo e *on-line* pelos canais da Flip, com 12 mesas e a participação de 21 autores e educadores indígenas, entre os dias 22 e 27 de novembro, em dois horários, pela manhã e à tarde. São eles: Ani Ganzala, Beatriz

Chachamovits, Ciça Fittipaldi, Daniel Munduruku, Edmilson de Almeida Pereira, Elaine Marcelina, Erika Balbino, Heloísa Pires de Lima, Índigo, Janaína Tokitaka, Juka, Josias Marinho, Kaká Werá Jecupé, Luciana Grether, Marie Ange Bordas, Marina Miranda, Sheila Perina, Simone Motta, Rosinha, Waldete Tristão, Yaguarê Yamã.

Nesta edição, além dos autores convidados, a ‘Ciranda dos Autores’ contará com a mesa “Um livro de arte Iny Karajá nas escolas indígenas”, com os educadores Waxiaki Karajá e Wahuká Karajá e Rosani Leitão, que atua na Educação Intercultural de Formação Superior Indígena em conversa com a escritora Ciça Fittipaldi.

Algumas das atividades, envolvendo os alunos de Paraty, são realizadas ao longo do ano, de forma presencial e *on-line*.



Através do QR Code acima, acesse a página oficial da Flip na internet

CONFIRA A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DA FLIP 2021

■ Sábado, 27/11

16h - Mesa 1: Nhe'éry Jerá (Abertura)
Com Carlos Papá e Cristine Takuá

18h - Mesa 2: Literatura e plantas
Com Stefano Mancuso e Evando Nascimento
Mediação: Prisca Agustoni

■ Domingo, 28/11

16h - Mesa 3: Naturalismo e violência
Com Micheliny Verunschik e David Diop
Mediação: Milena Britto

18h - Mesa 4: Folhas e verbos
Com Véronique Tadjo e Edmilson Pereira de Almeida
Mediação: Joselia Aguiar

■ Segunda, 29/11

18h - Mesa 5: Plantas e cura
Com João Paulo Lima Barreto e Monica Gagliano
Mediação: Mônica Nogueira

20h - Mesa 6: Em definição

■ Terça, 30/11

18h - Mesa 7: Zé Kleber: Micélios
Com Jorge Ferreira e Merlin Sheldrake
Mediação: Alice Worcman

20h - Mesa 8: Tecnotônicas
Com K Allado-McDowell e Giselle Beiguelman

■ Quarta, 1/12

18h - Mesa 9: Fios de palavras
Com Leonardo Fróes, Júlia de Carvalho Hansen e Cecília Vicuña
Mediação: Ludmila Lis

20h - Mesa 10: Utopia e distopia
Com Margaret Atwood e Antonio Nobre
Mediação: Renata Tupinambá

■ Quinta, 2/12

18h - Mesa 11: Botânicas migrantes
Com Djaimilia Pereira de Almeida e Elif Shafak

20h - Mesa 12: Políticas vegetais
Com Kim Stanley Robinson e Eliane Brum
Mediação: Lucia Sá

■ Sexta, 3/12

18h - Mesa 13: Em definição
20h - Mesa 14: Vegetalize
Com Adriana Lisboa e Han Kang
Mediação: Guilherme Henrique

■ Sábado, 4/12

16h - Mesa 15: Em definição
18h - Mesa 16: Em busca do jardim
Com Alice Walker e Conceição Evaristo
Mediação: Djamilia Ribeiro

20h - Mesa 17: Ouvir o verde
Com Alejandro Zambra e Ana Martins Marques
Mediação: Rita Palmeira

■ Domingo, 5/12

16h - Mesa 18: Metamorfoses
Com Emanuele Coccia e Adriana Calcanhotto
Mediação: Cecília Cavalieri

18h - Mesa 19: Cartografias para adiar o fim do mundo
Com Ailton Krenak e Muniz Sodré
Mediação: Vagner Amaro

Foto: Divulgação



Foto: Divulgação



Foto: Lis Pedreira/Divulgação

Evento terá a autora de ‘A Cor Púrpura’, Alice Walker (foto maior), que está lançando ‘Em Busca do Jardim de Nossas Mães’; Margaret Atwood (acima), escritora de ‘O Conto da Aia’; e a expoente da literatura contemporânea no Brasil: a romancista, poeta e contista Conceição Evaristo (abaixo)



Reuniões comunitárias estão sendo realizadas sob a supervisão da Prefeitura para debater que tipo de mudança o Plano Diretor deve trazer para o planejamento do futuro da cidade

Novo Plano Diretor da capital será guia para política pública

Audiências e debates abrirão espaço para sugestões da sociedade antes da votação pela Câmara de Vereadores

Pettrônio Torres
pettroniotorres@yahoo.com.br

A cidade de João Pessoa ganhará, em breve, um Plano Diretor totalmente revisado e atualizado. Trocando em miúdos, a capital paraibana, basicamente, terá um novo guia de como será planejada e caminhará com suas políticas urbanas. No entanto, este novo norte só valerá após a realização de algumas audiências públicas restantes e também a

sua aprovação pela Câmara Municipal e homologação do prefeito Cícero Lucena, algo que só acontecerá em 2022.

O ‘novo’ Plano Diretor de João Pessoa ainda tem algumas etapas a serem cumpridas e um caminho a ser percorrido, mesmo ele já ter sido iniciado, lá atrás, em setembro último passado.

Nesta terça-feira, uma audiência pública, às 19h00, e oficinas de propostas nos dias subsequentes (quarta,

quinta e sexta-feira) com a participação de representantes de instituições, associações, e entidades da sociedade civil marcam o início da terceira fase do processo de revisão do Plano Diretor.

Durante a audiência noturna da terça, que será no Centro de Formação dos Professores, em Mangabeira, a Prefeitura de João Pessoa vai apresentar à população o Diagnóstico Técnico e Comunitário da cidade, fruto da segunda fase da revisão.

As oficinas acontecerão também no mesmo local.

A Prefeitura de João Pessoa pôs na rua, em junho deste ano, sob a coordenação da Secretaria Municipal de Planejamento (Seplan), um debate em torno da revisão do Plano Diretor do município. E desde então, vem acontecendo dezenas de reuniões comunitárias e encontros técnicos setoriais. E, neste mês de novembro, uma segunda audiência pública e oficinas de propostas.

O secretário de Planejamento de João Pessoa, José William, ressaltou a importância que tem um plano diretor para qualquer cidade. Para ele, este instrumento ordena o crescimento sustentável de um município. Uma espécie de norte para a gestão.

“Estamos tratando da lei municipal que estabelece as regras e normas, os incentivos e instrumentos para o desenvolvimento ordenado da cidade, para que seu

crescimento socioeconômico aconteça de forma sustentável e harmônico”, explicou o secretário.

Na sua opinião, os debates em torno de sua revisão são essenciais porque “o Plano Diretor é uma construção coletiva. Daí a importância da participação do cidadão, dos setores público e privado, das universidades, dos técnicos, das entidades profissionais e empresariais, das associações comunitárias”, observou.

Revisão partiu da atual gestão

A iniciativa de promover a revisão do Plano Diretor foi da atual gestão da Prefeitura da capital. Atrasada há três anos, ela teve respaldo numa licitação internacional do Banco Interamericano de Desenvolvimento (PID), para consultoria ao município durante o processo de revisão no âmbito do Programa João Pessoa Sustentável.

“O processo de atualização chega nesses primeiros meses da atual gestão, como que para compensar um atraso de três anos de uma adequação que deveria ter sido feita em 2018, quando se completaram 10 anos da revisão obrigatória prevista no Estatuto da Cidade”, explica o secretário José William.

Integrantes da Equipe Técnica de Integração Municipal (ETIM) e do consórcio vencedor do certame (Urbtec/Technum) já promoveram dezenas de apresentações on-line e presenciais em encontros técnicos setoriais com entidades profissionais, instituições públicas e privadas, além do Ministério Público – por suas promotorias do Patrimônio Público e do Meio Ambiente.

E fizeram também reuniões comunitárias para elaboração de diagnósticos de problemas locais e oportunidades nas 14 regiões comunitárias distribuídas no município. Tudo em conformidade com o disposto na legislação e, principalmente, no Estatuto da Cidade. Ao final, após uma Conferência Municipal, em 2022, será enviado o documento final à Câmara dos Vereadores, para a aprovação definitiva.

A Prefeitura, enquanto instituição do poder público, está fazendo sua parte. A Câmara dos Vereadores, igualmente, vai precisar fazer a sua, no momento oportuno. E para os cidadãos, não custa lembrar: o Plano Diretor é o instrumento básico da política de desenvolvimento e expansão urbana que tem influência direta no “funcionamento” da cidade e melhoria da qualidade de vida dos seus habitantes.

Calendário das atividades

19 de Abril, ordem de serviço dada pelo prefeito Cícero Lucena para início dos trabalhos com o consórcio João Pessoa Sustentável, formado pelas empresas Urbtec e Technum, vencedoras da licitação internacional feita pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID.

30 de junho – 1ª Audiência Pública (realizada on-line para) apresentação de todas as etapas do processo de revisão

Julho e Agosto – Debates, em Encontros Técnicos Setoriais, com instituições públicas e privadas, conselhos profissionais (CREA, CRECI, CAU), universidades, etc; além de reuniões comunitárias com representantes das 14 regionais do município.

Setembro e Outubro – Continuação das discussões, envolvendo novamente conselhos profissionais; de universidades públicas e privadas; mas trazendo ao debate também os representantes de centros de atividades inclusivas; e de associações de Pessoas Com Deficiência (PCD). Além de órgãos federais e estaduais de controle e proteção do patrimônio histórico e ambiental.

23 de Novembro – Fechando a 2ª etapa do processo de revisão do Plano Diretor, será realizada a 2ª Audiência Pública, no Centro de Formação dos

Professores, em Mangabeira. Nesta audiência, a prefeitura vai apresentar à população o Diagnóstico Técnico e Comunitário da cidade.

24 a 26 de Novembro – Abertura da 3ª fase da revisão do Plano, por meio da realização de várias oficinas de propostas, com a participação de representantes de entidades da sociedade civil organizada.

Em meados de 2022 – Realização da Conferência Municipal para referendo das propostas apresentadas e envio do documento da revisão do Plano Diretor à Câmara dos Vereadores, para discussão e aprovação final.

Plano será determinante para o crescimento sustentável

O Estatuto da Cidade acaba de fazer 20 anos. Passadas duas décadas, um Brasil de inúmeros contrastes e fortes desigualdades felizmente começa a compreender, ainda que a passos lentos, a dimensão que a Lei 10.257, de 10/07/2001 tem para a organização espacial das cidades e para a melhoria da qualidade de vida dos seus cidadãos.

Em 2019, exatos 2.886 municípios do país dispunham de Plano Diretor, segundo os dados da Pesquisa de Informações Básicas Municipais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (Munic/IBGE). Pela lei, municípios acima de 20 mil habitantes precisam ter Plano Diretor.

O estatuto fixou as diretrizes gerais, mas estabeleceu que a especificidade das normas ficasse a cargo de cada município, uma maneira de atender as necessidades e interesses locais. Daí que vem a principal função de um Plano Diretor: servir de guia para a criação de políticas públicas relativas ao desenvolvimento econômico sustentável e ao crescimento urbano ordenado.

Na prática, o Estatuto da Cidade regulamentou os artigos 182 e 183 da Constituição Federal de 1988, estabelecendo cerca de 20 diretrizes gerais de política urbana, um avanço até então sem registro na história de nossas Constituições. E, o mais importante: a lei elege os planos diretores, entre outros mecanismos, como um dos seus instrumentos fundamentais à promoção

do desenvolvimento urbanístico, ambiental, econômico e social dos municípios.

Trata-se, portanto, não apenas de reordenar a cidade objetivando garantir a função social da propriedade e do uso do solo urbano, disciplinando sua ocupação, melhorando o sistema viário e a mobilidade urbana e humana. Significa, principalmente, identificar e valorizar potencialidades locais que garantam o fortalecimento econômico municipal, por meio do estímulo a cooperação entre os setores público e privado no processo de urbanização, de modo a gerar mais oportunidades de emprego e renda.

O próprio estatuto dispõe, claramente, sobre a necessidade evitar e/ou corrigir as distorções inerentes ao crescimento urbano. O

que, na prática, só acontece mais facilmente quando o poder público, as empresas, as entidades profissionais e de movimentos organizados, as instituições acadêmicas e a sociedade civil criam uma espécie de pacto permanente de defesa das cidades, de compromisso de transformação do ambiente urbano, capazes de resultar, sim, na melhoria da qualidade de vida das pessoas.

A Prefeitura de João Pessoa vai avançar com o debate em torno da revisão do Plano Diretor do município. Reuniões setoriais e temáticas iniciadas em setembro passado, que foram de forma on-line, indo até outubro, serão retomadas esta semana.

Os debates contaram com a participação de representantes da Universidade

Federal da Paraíba (Departamento de Engenharia Civil) e outras cinco entidades: Conselho Regional dos Corretores de Imóveis (Creci-PB); Associação Paraibana de Engenharia (Apenge-PB); Instituto Brasileiro de Avaliação e Perícia de Engenharia (Ibape/PB); Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-PB) e Sindicato da Indústria da Construção Civil de João Pessoa (Sinduscon-JP).

Os debates envolveram, durante vários dias, dezenas de entidades interessadas em contribuir com o processo de revisão, de forma democrática e participativa. São representantes de conselhos profissionais; de universidades públicas e privadas; de centros de atividades inclusivas; e de associações de portadores de deficiência.

Além de órgãos federais e estaduais de controle e proteção do patrimônio histórico e ambiental.

O debate contou com a participação de representantes de 17 entidades e instituições, públicas e privadas, representativas de movimentos e segmentos inclusivos e de pessoas com deficiência.

Outras discussões aconteceram com dirigentes e representantes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), da Superintendência do Meio Ambiente (SUDEMA), e da Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão do Estado da Paraíba (SEPLAG).

Conquista social

Lei de Acesso à Informação é conquista da sociedade. Em 10 anos, ferramenta legal mudou o patamar da transparência pública, mas ainda há resistência e dificuldades. Página 14



Foto: Divulgação

Lei de Acesso à Informação completa 10 anos no Brasil

Ferramenta garantiu mais transparência num contexto em que agentes públicos ainda resistiam a expor dados

Katia Brembatti
Agência Estado

O Brasil se juntou, há 10 anos, a uma lista que, à época, já tinha quase 100 países: a de territórios com uma política sistematizada para a consulta de dados de interesse público. A Lei de Acesso à Informação (LAI), ainda que tardia, foi uma conquista num contexto em que havia resistência em mostrar as entranhas dos órgãos governamentais - veio na sequência da obrigatoriedade de portais de transparência e da divulgação de salários de servidores.

A Lei 12.527 comemora dois aniversários por ano, por ter duas datas de nascimento: em 18 de novembro do 2011, com a publicação em Diário

Oficial, e em 16 de maio de 2012, quando efetivamente passou a vigorar - os órgãos públicos tiveram seis meses de prazo para se adequar e criar sistemas de atendimento.

A legislação permite pedidos para todas as esferas (municipal, estadual e federal) e todos os Poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário). Em algumas circunstâncias específicas, também organizações e até empresas privadas são obrigadas a responder às dúvidas dos cidadãos.

Na época da criação da lei, muito se discutia sobre a divulgação de documentos do tempo da ditadura, mas a LAI é um instrumento muito mais usado para olhar para o passado recente (como decisões de governo), para o presente

(a partir de dados de cenário atual) e para o futuro breve (sobre medidas que estão em avaliação para entrar em vigor).

Especialistas consultados apontam que, como se trata de uma ferramenta de revelação, em um momento em que muito se tenta esconder, são recorrentes nos últimos anos as críticas aos retrocessos, com aumento de negativas de acesso e transparência cada vez mais opaca.

Mas, para Maria Vitória Ramos, cofundadora e diretora da Fiquem Sabendo, agência de dados independente especializada no acesso à informação, também é o caso de celebrar os avanços representados por uma lei com regras claras, considerada referência

em relação aos parâmetros estabelecidos em outros países.

O pesquisador canadense Gregory Michener, do Massachusetts Institute of Technology (MIT), que conhece bem a realidade da legislação de acesso a informações do seu país de origem, dos Estados Unidos e do Brasil, comenta que os princípios da lei brasileira são adequados, no geral, mas que a implementação enfrentou percalços. Ele também critica a ausência de sanções e supervisão suficientes. Ele também destaca que a lei funciona bem mais em nível federal do que municipal.

Um compilado permite entender a importância dessa legislação e os desafios que a LAI enfrenta atualmente. Confira:



Entrada tardia

■ A Suécia tem leis sobre o tema há mais de 200 anos. A adesão a essas práticas pelo mundo começou a crescer a partir de 1948, no contexto do fim da Segunda Guerra, puxada pela Organização dos Estados Americanos (OEA). Mas, por aqui, o projeto de lei que serviu de base para a LAI só começou a tramitar no Congresso em 2003.

O foco era fazer cumprir o princípio constitucional de que “todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral”, mas faltava estabelecer as regras. Também se discutia o fim do “sigilo eterno” que, até então, impedia a consulta de alguns documentos oficiais. Naquele momento, a Comissão da Verdade cobrava acesso aos registros da ditadura. Enquanto isso, em escala global, o mundo vivia o abalo do WikiLeaks, a divulgação de telegramas trocados por entidades diplomáticas e governamentais, com um amplo debate sobre o que deveria ser sigiloso e o que era de interesse público. Foi nesse contexto que a Associação Bra-

sileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) juntamente com a Transparência Brasil capacitaram o processo, ao lado de outras sete entidades, forçando que o Congresso fizesse andar o projeto de lei, culminando com a aprovação em 2011.

Reportagens de peso

■ Os primeiros efeitos percebidos, assim que a LAI entrou em vigor, foram em forma de reportagens. Ao longo dessa década, centenas de reportagens foram feitas com base na lei de acesso, revelando algumas situações que só puderam ser conhecidas por meio de um instrumento. A série Farra do Fies, que ganhou alguns dos principais prêmios jornalísticos de 2015, foi uma delas.

Em 2021, alguns dos dados conseguidos via lei de acesso pautaram a CPI da Covid-19, como a maior agilidade do governo para comprar hidroxocloroquina do que vacina e também a entrada de um lobista 25 vezes em um prédio público. Ainda por meio da LAI, foi possível saber a listagem completa de pensionistas filhas de militares e seus altos benefícios.

Os assuntos trazidos à

tona são recorrentes, como esses três casos dos últimos dois meses: a revelação de que o programa federal de adoção de florestas não recebeu verbas, a negativa do Ministério da Cidadania para explicar os parâmetros decisórios do Auxílio Brasil e a descoberta de que, por risco político, servidores tentam cercar acesso a dados públicos, principalmente quando sabem que os requerentes são jornalistas.

Vidas salvas

■ Algumas dessas denúncias divulgadas por reportagens via LAI são capazes de impactar diretamente o cotidiano das pessoas. Uma das mais marcantes foi feita pelo O Globo em 2016, sobre 153 recusas da Força Aérea Brasileira (FAB) para transporte de órgãos, inclusive com o registro de mortes em decorrência. Depois da publicação, a questão foi colocada em prioridade e 258 transplantes foram possíveis no ano seguinte, por órgãos transportados pela FAB.

Fabiano Angélico, pesquisador da Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP), lembra de uma cobrança via LAI que levou a

uma mudança de política pública. Uma reportagem mostrou que alguns bairros da capital paulista não tinham a oferta de determinadas especialidades médicas - que foram providenciadas na sequência. Outro exemplo foi a descoberta de que crianças estavam dormindo dentro de vans por falta de espaço em abrigos. A partir da reportagem, a Justiça determinou que medidas fossem tomadas para resolver o problema.

Uma lei para todos

■ Engana-se quem acha que a LAI é uma ferramenta de uso exclusivo da imprensa. É um recurso disponível para qualquer pessoa. Tanto que mais de 1 milhão de pedidos de informação já foram feitos para o Governo Federal - não há um sistema que contabilize as demandas que chegaram para Estados e municípios e para os demais poderes, como Legislativo e Judiciário. Para estimular os brasileiros a usar mais esse recurso cívico, neste dia 18, em comemoração dos 10 anos da lei de acesso, foi lançada a Wikilai, uma plataforma colaborativa com mais

de 90 verbetes e modelos de como fazer pedidos.

Cidades sem LAI

■ Ao contrário do que acontece em outros países, no Brasil a lei de acesso ficou muito focada na esfera federal. Esse ainda é um entrave para o cumprimento pleno da legislação, mesmo 10 anos depois de criada. De cada cinco municípios brasileiros, apenas um regulamentou a lei. Sem essa etapa formal, a legislação não entra plenamente em vigor.

Para tentar diminuir essa barreira, existe a iniciativa Regulamenta LAI, plataforma em que qualquer cidadão pode, seguindo um modelo prévio, entregar à Câmara Municipal da cidade em que mora uma proposta de projeto de lei para provocar a regulamentação. Marina Atoji, gerente de projetos da Transparência Brasil, salienta que o foco sobre o cumprimento da LAI está direcionado para o Governo Federal, deixando de lado o que está acontecendo nos municípios e

também no Legislativo, no Judiciário e no Ministério Público.

Em nível municipal, há ainda uma série de dificuldade técnicas. Em muitos sites de prefeituras, não há nem mesmo onde solicitar informações - e, quando há, geralmente a demanda não foi registrada ou a resposta não é entregue. O Estadão fez pedidos para as 645 prefeituras paulistas, no ano passado, e dois terços não atenderam a LAI.

Fala BR

■ Para tentar minimizar entraves nos municípios menores, o sistema Fala.br, lançado em 2019 pelo Governo Federal, foi disponibilizado para gestores municipais. É uma ferramenta sem custo, mas ainda com baixa adesão. Novamente a falta de regulamentação da LAI é um bloqueio - é uma condição para aderir ao sistema. De acordo com dados da Controladoria-Geral da União (CGU), o sistema concentra as demandas apresentadas a 300 órgãos do Governo Federal e a outros mais de 2 mil órgãos.

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Dia de cuidado, respeito, admiração e cortesia

Neste 21 de novembro comemorase, em cerca de 180 países, o Dia Mundial da Saudação. O ajuste tácito é cada pessoa saudar pelo menos dez seres humanos neste dia. Os mais devotados e fervorosos escolhem pessoas chatas, até inimigos latentes, para cumprimentar. Conforme doutrina o Google, o ato de saudar ou cumprimentar outra pessoa tem um forte significado e é capaz de apaziguar conflitos e criar ambientes saudáveis. Preserva a paz, dê bom dia a cavalo. Aquele freguês inconveniente e grosso que você cumprimenta: “Bom dia!” E ele: “Veio de dia porque quis!” São seres assim que você deve escolher para reverenciar neste dia pacífico.

A proposta traz à memória a figura de um antigo professor, mestre de História e artista visual, além de coronel da briosa Polícia Militar da Paraíba. Um parêntese: por que sempre se qualifica a Polícia com o adjetivo “briosa”? Nunca honrada, valente, altiva. Sempre briosa. Descubro que brioso é um epíteto da Guarda Nacional brasileira. Coisa dos antigos coronéis que jamais assentaram

praça nem guerream. O cronista “maldito” Lima Barreto não cumprimentava essas figuras, membros das oligarquias políticas que dominavam a República Velha, “parasitas donos de imensos latifúndios, vivem nas cidades, com fumaças de aristocratas”. Barreto martelava nas elites do seu tempo, sobrando até para os juízes: “Os maiores ladrões são os que têm por ofício livrarmo-nos de outros ladrões”. Certamente, o mulato Lima Barreto não cumprimentaria o ex-juiz Sérgio Moro. Irascível, o rebelde Lima Barreto não poupou nem o imortal Machado de Assis, para quem também não tirava o chapéu de palhinha. O fundador da Academia Brasileira de Letras, na visão de Lima, escrevia “bonito”, dentro do bom gosto e da norma, desprezando o verdadeiro idioma do Brasil, a fala e o canto de imensa riqueza contidos na arte de Patativa do Assaré, Zé da Luz, Catulo da Paixão Cearense e dos poetas de cordel nordestinos.

Mas eu falava do coronel, pessoa com que mantinha certa reserva. Jovem estudante, assombrado pelo espectro

da ditadura militar dentro das escolas, via naquele marcial diretor de colégio público um representante do anticristo gestado nos quartéis, responsável pela violência monopolizada pelo Estado, a nos violar a cidadania. A par da virtude de mestre de História e bom artista plástico, o coronel sofria de irrefreada obsessão para o autoritarismo. Certo dia, ao passar pelo tal diretor, não o saudei. Mandou o bedel me chamar. Outro parêntese: bedel era a pessoa encarregada de chefiar a disciplina em escolas, o dedo-duro que também fazia as vezes de censor, incluindo a observância das barras das saias das meninas que deveriam estar dentro dos padrões adequados à moral e bons costumes. Na diretoria, o coronel me passou uma descompostura em regra. A bronca porque eu não dei boa noite ao senhor diretor, o que revelava meu caráter subversivo, quem sabe até um comunista agindo para tumultuar a ordem vigente. Sem o devido processo legal, fui inscrito no livro dos alunos advertidos por atitudes mal educadas, rebeldia e resistência

à nova ordem. Repugna registrar que alguns colegas saudavam o coronel com continência militar.

O antigo artista militar já não existe. O rebelde primitivo que fui, hoje cumprimentaria o velho mestre, no Dia Mundial da Saudação. Não por medo, nem por concordar com sua visão de mundo. Em realidade, quem quer ser bom tem que amar o inimigo, conforme Jota Cristo: “Se saudares apenas os vossos amigos, que há nisso de extraordinário?” (Mateus 5, 43).

No Coliseu, anfiteatro da Roma imperial, antes dos combates mortais os gladiadores cumprimentavam César: “Ave, Imperador, os que vão morrer te saúdam”. O povão só queria pão e circo, e o Imperador sustentava sua popularidade com brioche fermentado por sangue. Na cabala, se você sonhou cumprimentando um militar, é sinal de ansiedade, insegurança e trabalho pesado. Deixando aqui minha manifestação de cortesia e respeito aos leitores no Dia Mundial da Saudação. Incluindo os castrenses.

Crianças que são protegidas e orientadas de forma positiva pelos pais têm chances maiores de serem adultos saudáveis e realizados



Por que a parentalidade positiva pode mudar vidas

Proteção, encorajamento de habilidades e monitoramento impactam de forma benéfica o comportamento de crianças

Ana Chalub
Agência Câmara

Milhares de crianças são mortas ou feridas a cada ano por punição física, segundo dados do movimento *End violence against children*. O impacto negativo da punição física pode incluir transtornos mentais, como ansiedade e depressão, além de impactos negativos no desenvolvimento cognitivo, como menor desempenho educacional. O impacto na relação pai-filho pode incluir rejeição e medo. A boa notícia, segundo Elisa Altafim, especialista da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, é que 63 países ao redor do mundo têm legislações contra a punição física de crianças.

No Brasil, em 2014 foi aprovada a chamada Lei Me-

nino Bernardo que, além de proibir a punição física, aponta para o incentivo a políticas públicas como programas de parentalidade. Além disso, em 2016, foi aprovado o Marco Legal da Primeira Infância. Elisa Altafim apresentou estudos mostrando os impactos positivos no comportamento da criança a partir de práticas adotadas por cuidadores que participam de programas de parentalidade. “Mudanças positivas na vida das crianças podem ser alcançadas através de uma maior atenção e fortalecimento de recursos e capacidade dos adultos e cuidadores das crianças”, disse.

Ela foi uma das participantes do Seminário Nacional Primeira Infância, que ocorreu esta semana, na Câmara dos Deputados. Na ocasião,

especialistas defenderam a chamada parentalidade positiva – educação sem punição física ou violência psicológica – e também maior participação dos homens no cuidado. O debate foi promovido pela Comissão Externa de Políticas para a Primeira Infância, coordenada pela deputada Paula Belmonte (Cidadania-DF).

Parentalidade positiva são os comportamentos de mães e pais que visam atender às necessidades das crianças, protegendo e cuidando até que atinjam a maturidade, garantindo sua autonomia e capacidade de fazer escolhas. Entre as práticas parentais positivas estão o monitoramento, a disciplina positiva, o encorajamento de habilidades e o auxílio na

resolução de problemas. As práticas negativas incluem punições físicas, violência psicológica verbal – gritar e humilhar – e sexual.

Elisa citou relatório da Unicef apontando que três entre quatro crianças no mundo vivenciam práticas de disciplina violenta pelos seus cuidadores. Ela também chamou atenção para estudo realizado em 2019 pelo projeto Primeira Infância para Adultos Saudáveis (Pijas), do Ceará, com 7.038 cuidadores, em 16 municípios brasileiros, mostrando que 84% deles adotaram algum tipo de disciplina negativa: 73% colocam de castigo e 49% dão palmada.

Conhecimento

Coordenadora da Frente Parlamentar Mista da Primeira Infância, a deputada

Leandre (PV-PR) ressaltou que não tem como cobrar das famílias aquilo que elas não conhecem e frisou a necessidade de se divulgar para a sociedade a importância dos primeiros anos de vida das crianças. Ela observa que o comportamento parental positivo varia de acordo com a renda familiar. “Na verdade, são menos frequentes em classe menos favorecidas. O Brasil tem legislação, mas a gente sabe a distância entre aquilo que está no papel e aquilo que está na prática. A gente precisa acima de tudo promover uma mudança cultural”, afirmou.

Ao falar da atuação da frente parlamentar, Leandre citou a discussão sobre a proposta de licença parental (PL 1974/21), para garantir a

oportunidade para homens e mulheres dividirem cuidados com recém-nascidos, e a luta para garantir orçamento para políticas para a primeira infância, incluindo a proibição, na Lei de Diretrizes Orçamentárias LDO para 2022, do contingenciamento de recursos para a primeira infância.

A deputada Angela Amin (PP-SC) defendeu a criação de indicadores que acompanhem a parentalidade e sua relação com o desenvolvimento infantil, o que pode auxiliar numa gestão dos riscos para as crianças. “Saber onde a criança está, como ela se comporta, como é a família, como é o ambiente escolar”, esclareceu. A parlamentar disse que esses indicadores devem ser aplicados às políticas públicas.

+ Crianças com pais encarcerados têm maior vulnerabilidade social

A deputada Carla Dickson (Pros-RN), por sua vez, defendeu o direito à maternidade das mães encarceradas, incluindo o pré-natal e a amamentação. A Constituição Brasileira determina que às presidiárias serão asseguradas condições para que possam permanecer com seus filhos durante o período de amamentação.

A advogada Ana Cifali, do Instituto Alana, lembrou que o Supremo Tribunal Federal (STF) concedeu habeas corpus coletivo para determinar a substituição da prisão preven-

tiva por domiciliar de mulheres presas gestantes, puérperas ou mães de crianças de até 12 anos ou de pessoas com deficiência. O PL 3644/19, que tramita na Câmara, prevê a substituição, a critério do juiz, da prisão preventiva pela prisão domiciliar para mães que amamentam.

Segundo Ana Cifali, somente 14% dos estabelecimentos penais têm espaços reservados para gestantes e lactantes e que as prisões não são espaços adequados nem para elas nem para crianças em geral.

De acordo com Ana Cifali, crianças com pais encarcerados têm maior vulnerabilidade social e devem ser objeto de políticas públicas específicas para diminuir os efeitos da situação.

Efeito devastador

“Em pesquisa realizada pela Fiocruz, é possível verificar que a prisão especialmente da mãe tem efeito devastador sobre os filhos. Metade das mulheres presas não tinham companheiros. E muitas das que têm companheiros são abandonadas após o cárcere.

Segundo o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), 90% dessas mulheres são responsáveis pelo sustento da casa. Sem elas, é muito comum que as crianças sejam encaminhadas ao acolhimento institucional e sejam privadas de vínculos familiares e comunitários”, informou.

População carcerária

Diretora do Departamento de Promoção da Dignidade da Mulher da Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres do Ministério da Mulher, da Família e dos

Direitos Humanos, Elizabeth Ferreira apresentou dados de 2019 mostrando que existem 36 mil mulheres encarceradas no Brasil, o que representa 5% da população prisional.

Das presas que cumpriam penas provisórias em 2019, 77 eram grávidas, 20 puérperas, e 3.136 mães de crianças até 12 anos. “A secretaria vê como muito importante trabalhar políticas públicas para que mulheres privadas de liberdade possam ter espaço mais acolhedor, com dignidade e humanidade para ter contato com seus filhos”, disse.

Licença paternidade atual desfavorece criação de vínculos

O deputado Zacharias Calil (DEM-GO) acredita que a licença paternidade atual desfavorece o vínculo inicial da criança com o pai e reforça que a responsabilidade com a criança é da mãe. “Cinco dias atendem basicamente aqueles aspectos burocráticos do pós-parto, como registro da criança, a primeira vacina, algum suporte para a mãe em casa. Não é um período

suficiente para um tempo de qualidade e contato afetivo com essa criança”, disse. Na visão do deputado, mesmo os 20 dias previstos no Programa Empresa Cidadão são insuficientes. Ele defendeu que o governo promova campanhas sobre a paternidade.

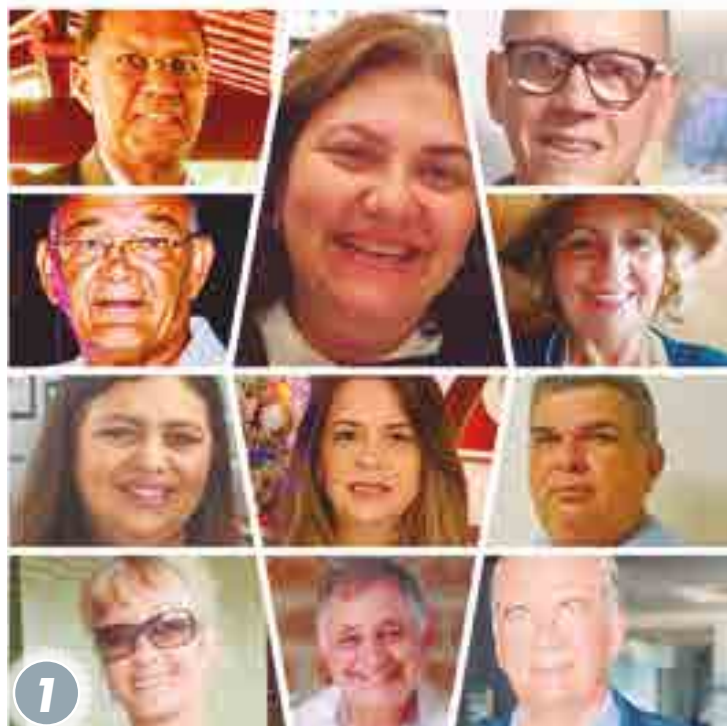
O empreendedor social Leandro Ziotto, fundador da empresa 4daddy - que produz conteúdo

sobre o papel dos homens na educação dos filhos -, observou que o Programa Empresa Cidadão só tem hoje 30 mil empresas inscritas, num universo de 200 mil que poderiam participar. Ele ressaltou ainda que os homens são protagonistas da violência contra crianças e adolescentes e que, como parte do problema, podem ser parte da solução. Na opinião dele, políticas

públicas devem estimular e proporcionar a inclusão dos homens no cuidado já a partir do pré-natal. Ele falou ainda da importância de fraldários no banheiro masculino e de banheiros familiares, para que homens possam sair sozinhos com seus filhos pequenos. “As mulheres não ocuparão o espaço público se o homem não ocupar o espaço doméstico”, apontou.

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.



1 Pessoa Júnior, Donato Henrique, Marina Palmeira, Lúcia Palitot, Neto Franca, Moema Reis, Vitória Lima Carneiro, Rosana Bezerra, Anchieta Maia, Romero Rodrigues e Acrísio Toscano são os aniversariantes da semana.

2 As amigas Divani Brasil, Maria Helena, Lúcia Gouveia, Marluce Almeida, Aninha e Conceição de Maria, dentre outras, festejaram a nova idade da querida Ana Acioly, durante chá da tarde na Doceria Briand.

3 Antonino Pinguim (na foto com os empresários Elízia Lopes e Joilton Batista), que tem se revelado um grande comunicador, realizou animado evento cervejeiro no quiosque Tororó, empreendimento localizado na beira-mar da praia do Cabo Branco.

4 No dia 3 de dezembro próximo, o Museu do Artesanato Paraibano Janete Costa vai ser palco de dois grandes eventos: o lançamento da Agenda do Governo da Paraíba 2022 e a abertura da exposição do artista plástico Wilson Figueiredo (na foto com a presidente de honra do Programa de Artesanato, Ana Maria Lins) de "Vínculos da Memória".

5 O Mosteiro de São Bento, na capital paraibana, foi palco da cerimônia de casamento dos jovens Camila Sales e Luiz Rosendo. Os pais da noiva, Jandir e Regina Nóbrega de Santana e a mãe do noivo, Maria da Penha, se encantaram com a magnífica organização oferecida pelo Sonho Doce Recepções, local da festa oferecida pelos noivos.

6 O Cariri paraibano, e especialmente a cidade de Monteiro, terá um espaço dedicado a nossa rica e bela da renascença: o Centro de Referência da Renda Renascença (Crença). O novo equipamento, com inauguração confirmada para o próximo dia 25, será gerenciado de forma compartilhada entre a Associações das Rendeiras do Cariri, Sebrae, Prefeitura de Monteiro e Governo do Estado da Paraíba através de dois Programas: Procace e PAP.

7 Hermes Alvarenga e Val Nascimento passaram momentos especiais na Terra da Garoa. Na capital paulistana o casal, além de conferir a corrida da Fórmula 1, ainda degustou as delícias do Fasano, um dos restaurantes mais famosos do mundo.

8 Por meio de Assembleia-Geral, realizada na sede do Clube dos Oficiais da Polícia e Bombeiro Militar da Paraíba, em João Pessoa, na última terça-feira (16), o coronel Francisco de Assis, Na foto entre esta colunista, e advogado Márcio Garcia, Advogado e o jornalista Marcelo José foi reconduzido ao cargo de presidente da agremiação.

9 O Sindicato dos Jornalistas da Paraíba, por meio de seu presidente Land Seixas (foto) e associados, realiza live em homenagem a profissionais da imprensa, vítimas da covid-19, na próxima terça-feira (23), em parceria com Coordenadoria de Comunicação da UEPB.

10 A loja de acessórios finos Murion vai promover desfile para apresentar a coleção Alto Verão 2022, durante evento a realizar-se na casa de recepções Versailles. Quem convida é a empresária Érika Abrantes. Show!



Regras de importação exigem maior atenção do consumidor

Compras acima de US\$ 3 mil são consideradas para pessoa jurídica e sujeitas aos impostos e taxas previstos no país

Wellton Máximo
Agência Brasil

A tecnologia que possibilitou o contato entre pessoas em qualquer parte do mundo também facilitou o comércio. Com um clique é possível comprar produtos do outro lado do planeta. O consumidor, no entanto, deve estar atento aos impostos e a eventuais taxas de entrega para evitar atraso na chegada das mercadorias.

Atualmente, as importações por pessoas físicas não podem ultrapassar US\$ 3 mil por operação. Até US\$ 500, o imposto é simplificado e corresponde a 60% da compra, incluindo o valor do produto e de eventuais taxas de frete e de seguro. De US\$ 500 a US\$ 3 mil, também incide o Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), administrado pelos estados, e uma taxa de despacho aduaneiro de R\$ 150.

Acima de US\$ 3 mil, a compra passa a ser considerada de pessoa jurídica. Cada produto é tarifado conforme o Imposto de Importação e são acrescidos outros tributos como Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), Programa de Integração Social (PIS) e Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins).

A Receita Federal monitora empresas que abusam do artifício para se passarem por pessoas físicas. Quem faz compras repetidas próximas desse valor costuma ser investigado. Caso a compra seja feita em outra moeda estrangeira, a Receita Federal apura o cumprimento do limite convertendo o valor da compra para dólares pela cotação do dia em que a mercadoria passa pela fiscalização.

O consumidor pode pagar os tributos pelo site dos Correios, por



Receita Federal investiga transações que envolvem valores acima do limite estipulado pelo órgão e fiscaliza as mercadorias que chegam ao Brasil

meio de boleto bancário ou cartão de crédito. Algumas transportadoras privadas cobram os impostos no momento da entrega na casa do comprador. Algumas lojas virtuais cobram uma estimativa de imposto no momento da compra e devolvem a diferença no mês seguinte no cartão de crédito. O prazo de pagamento do imposto corresponde a 30 dias para encomendas transportadas pelos Correios e 20 dias para transportadoras privadas, a partir da liberação da mercadoria pela Receita Federal.

ISENÇÕES

- Atualmente, o Imposto de Importação não é cobrado em duas situações. A primeira é a isenção estabelecida por lei para livros, revistas (e demais publicações periódicas) e remédios. No caso dos medicamentos, compras por pessoas físicas de até US\$ 10 mil são isentas, com o produto liberado somente se cumprir os padrões da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).
- Também não pagam imposto encomendas de até US\$ 50. No entanto, o benefício só é concedido se a remessa ocorrer entre duas pessoas físicas, sem fins comerciais. Um decreto de 1980 isentava encomendas de até US\$ 100 quando o destinatário era pessoa física. Em 1999, o limite foi reduzido pela metade por uma portaria do antigo Ministério da Fazenda, com o acréscimo da exigência de que o remetente também seja pessoa física. Essa é a orientação seguida pela Receita Federal.

Correios disponibilizam sistema de rastreamento das mercadorias

Mesmo que consiga escapar dos impostos, o cliente não conseguirá escapar das taxas postais. Os Correios cobram R\$ 15 por entrega. O dinheiro cobre custos de transporte e de fiscalização. O cliente deve entrar no sistema de rastreamento de objetos, no site da estatal, e consultar se a página traz a informação “Aguardando pagamento do despacho postal”.

Normalmente, os Correios também enviam uma carta ao comprador avisando que a mercadoria está parada em um dos centros de processamento de encomendas internacionais, nos aeroportos internacionais de Guarulhos (SP), do Galeão (RJ) e de Curitiba, onde passam por raio-X e por cães farejadores.

Eventualmente, os Correios pedem esclarecimentos, como provas de valor e de conteúdo, receitas médicas e autorização de importação. Mercadorias suspeitas ou com conteúdo que ofereça risco biológico, sanitário, físico ou de algum outro tipo são enviadas para os fiscais do Ministério da Agricultura, do Exército, da Anvisa e de demais órgãos. A lista de mercadorias proibidas de entrarem no país está no site dos Correios (<https://www.correios.com.br/>).

Para clientes de transportadoras privadas, o valor normalmente vem embutido no frete. Caso não esteja incluído, como ocorre com

pequenas transportadoras, também costumam ser cobrados R\$ 15.

Multas e devoluções

Caso a Receita Federal constate erros ou tentativas de fraude nas notas fiscais, o comprador deverá pagar o imposto devido, com multa. As multas variam conforme a situação.

Quando o valor declarado é diferente do valor real da mercadoria apurado pelo Fisco, duas multas são cobradas: uma administrativa, equivalente a 100% da diferença, e outra tributária, de 37,5% sobre a mesma diferença. Nesse caso, o comprador terá de pagar o imposto, mais a multa de 100% e a multa de 37,5%.

Se algum produto no pacote não foi declarado na nota fiscal, a multa equivale a 75% da diferença do imposto devido, com o consumidor também pagando o imposto sobre o item não declarado. Caso a compra entre no país com declaração de isenta, e a Receita não aceite a isenção, o comprador terá de desembolsar o imposto devido mais multa de 37,5%.

Caso um produto importado venha com danos e precise ser devolvido para reparos ou troca, o consumidor pode recorrer à Exportação Temporária. Nesse caso é necessário emitir uma guia especial, disponível no site dos Correios. A página traz explicações de todos os procedimentos a serem seguidos.

Como recorrer dos valores cobrados?

- Quem discordar do imposto ou da multa pode recorrer. Nesse caso, é necessário preencher um formulário oferecido pelos Correios ou pela transportadora privada dentro do prazo de pagamento dos encargos, 30 dias para as encomendas transportadas pela estatal e 20 dias para as empresas privadas.
- Nos Correios, a revisão pode ser pedida no ambiente “Minhas Importações”, no site da companhia. O próprio sistema permite o envio de documentos para embasar o recurso.
- A Receita Federal analisa a reclamação em instância única (apenas uma vez) e comunica a decisão por meio dos Correios ou da transportadora privada. Quem se sentir insatisfeito pode recorrer à Justiça Federal, com a possibilidade de entrar com ação em Juizados Especiais Federais se o valor total questionado equivaler a até 60 salários mínimos (R\$ 66 mil, atualmente).



Correios disponibilizam a lista completa de produtos com entrada proibida no Brasil em sua página na internet

Instituto Federal da Paraíba prepara centro de inovação

Complexo reunirá a Diretoria de Inovação Tecnológica do IFPB, Unidade de Educação a Distância e Lâmpião Maker

Márcia Dementshuk e Renato Félix
Assessoria da SEC&T

Mais uma artéria de inovação irá pulsar na região central de João Pessoa. Além do espaço planejado para o Parque Tecnológico Horizontes de Inovação, localizado na área onde fica a Catedral Basílica, a Avenida Getúlio Vargas, em frente ao Liceu Paraibano, receberá o centro de inovação do Instituto Federal da Paraíba. A sede será no antigo casarão onde até recentemente operava a Advocacia Geral da União na Paraíba.

Ainda sem um nome definido, o complexo reunirá a Diretoria de Inovação Tecnológica do IFPB, a Unidade de Educação a Distância voltada para inovação, o Polo de Inovação e o Laboratório Modelo de Ideação, Prototipação e Aprendizagem, batizado como Lâmpião Maker.

Na visão das 26 pessoas envolvidas nessa construção – 20 professores e servidores, mais seis estudantes –, a mobilização é resultado da certeza de sucesso ao ocupar prédios carregados de história com o desenvolvimento de projetos inovadores, com o uso de tecnologia, criatividade e

a cultura maker – o “faça você mesmo”, agregando os conceitos de sustentabilidade.

A professora Nadja da Nóbrega Rodrigues, coordenadora do Lâmpião Maker junto com Marcéu Oliveira Adissi, mostra que a instituição pôs de lado o comodismo para inaugurar uma etapa marcada justamente pela cultura de fazer o que é preciso, solucionando os problemas comunitários, criando os próprios meios para isso. “Há uma estrutura pronta dentro do campus João Pessoa, do IFPB, sem nenhum problema estrutural, com luz, água, ar-condicionado... Mas aceitamos o desafio de vir para cá, conduzir esse processo complexo de receber um prédio tombado pelo Patrimônio Histórico (foi uma doação do Ministério Público Federal ao IFPB). É necessário resgatar a consciência de que temos uma história. O que o Centro já foi, o que ele pode vir a ser, faz parte da nossa história. É uma caminhada, um passo depois do outro. O que você é hoje é o resultado do que você pensou e fez ontem”, disse a professora Nadja.

Coordenadores de outros projetos, como os professores Michel Coura Dias, Fábio Lucena e

Ramon Medeiros, Claudio Natividade, as professoras Dione, Jocicleide e Anna Paola compartilham e sintonizam com a mesma percepção.

“O contraste do antigo com o novo num ambiente como esse vai despertar a atenção. Além disso, há muitas escolas no entorno sendo um local de grande frequência de estudantes. Esse renascer do Centro de João Pessoa propõe essa cultura maker. Estamos olhando para um ‘copo meio cheio’, um local com potencial para termos mais agilidade para dar andamento aos projetos”, diz Marcéu Adissi. “Vivemos um momento complexo na nossa sociedade e precisamos voltar a ter respeito ao antigo, ao velho, ao que um dia já foi bom e hoje está ultrapassado.”

Na visão das 26 pessoas envolvidas nessa construção, a mobilização é resultado da certeza de sucesso ao ocupar prédios carregados de história com o desenvolvimento de projetos inovadores



Fotos: Divulgação

Sede do centro de inovação do IFPB será no casarão onde até recentemente funcionava a Advocacia Geral da União na PB



“Aqui vai ser porta de entrada para alunos”

Existem 12 polos de inovação nos Institutos Federais de Educação espalhados pelo país e um deles é este, do campus João Pessoa. A instalação do polo é uma decorrência do trabalho que já é realizado no campus com a Embrapii, a Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial, em que pesquisas e projetos são desenvolvidos com empresas do mercado.

“O polo de inovação tem status de campus”, explica o professor Michel Coura. Mas não há aulas formais no centro que ocupa três edificações contíguas – duas de fachadas históricas, lado a lado na Getúlio Vargas, e um por trás. Um dos prédios será administrativo, outro o laboratório maker e o de trás, o polo de inovação, com projetos que precisam do apoio ou suporte do campus de Inovação. “A gente se posiciona como uma unidade tática de execução de projetos, digamos assim. Nossa especialidade é executar projetos. O prédio de trás será todo dedicado a isso”.

A previsão é de que o centro de inovação seja inaugurado em janeiro. Atualmente, o polo segue funcionando no campus, com oito projetos em andamento, a maioria com empresas multinacionais e que voltam a trabalhar com o IFPB. “A ideia é que o centro de inovação se integre ao ecossistema de inovação da Paraíba”, diz ele.

Os alunos que circularem pelo local estarão integrados a algum dos projetos em desenvolvimento – muitos deles com grande preocupação com a confidencialidade, incluindo a exigência de

biometria para o acesso à sala correspondente.

“Aqui vai ser uma porta de entrada para os alunos”, afirma Adissi. Para ele, o ambiente vai despertar no estudante o interesse pela inovação. “O aluno chega aqui e desperta o gosto pela inovação, pela cultura maker”, completa Coura. “Aí, como o polo vai estar aqui pertinho, vão aparecendo oportunidades – a gente tem um edital de fluxo contínuo para credenciamento de estudantes. Ele se credencia, participa de um processo seletivo e integra um projeto”.

Como no espírito do Polo Horizontes de Inovação, o centro do IFPB vai procurar reunir os aspectos do instituto em relação ao tema no mesmo lugar e facilitar o trânsito dessas informações e desses trâmites. “A tendência é aglutinar as forças de inovação. A ideia é que o ciclo seja fechado por completo e que quem entre aqui respire o ambiente de inovação. E possa passar sua vida toda por aqui”, completa, brincando.

O Lâmpião não é o único laboratório maker na rede do IF na Paraíba, outros campi também dispõem desse equipamento. “Acho que o diferencial do Lâmpião é que ele é um laboratório multicampi”, lembra Nadja Rodrigues. “A expectativa é da soma de expertises”. Ou seja: que os laboratórios se ajudem quando necessário. “Se outros campi precisarem de ajuda, a gente vai estar lá”, afirma Coura. “Não somos competidores”.

Colaborando também com a biotecnologia

Um exemplo da integração multidisciplinar que poderá ocorrer no Lâmpião Maker é a proposta de projeto apresentada pela bióloga marinha Karina Massei, pós-doutoranda pela UFPB. Sua pesquisa trata de aplicar a biotecnologia como estratégia de conservação dos ambientes recifais.

“Trata-se de um projeto de pesquisa que objetiva implementar um programa de restauração ecológica de corais no Litoral da Paraíba, através do uso da biotecnologia marinha”, explica Massei. A proposta de parceria com

o Lâmpião Maker envolve o desenvolvimento de protótipos que auxiliarão na recomposição dos corais que vêm sofrendo com as mudanças climáticas.

Esses protótipos seriam montados em módulos construídos em impressoras 3D, um equipamento de que o Lâmpião Maker dispõe. “Estamos evoluindo com estudos acerca dos materiais que devemos empregar, que correspondam às exigências de sustentabilidade para o oceano”, diz a bióloga.

Professores do IFPB, Marcéu Oliveira Adissi e Nadja da Nóbrega Rodrigues, do Lâmpião Maker





Fotos: Roberto Guedes

Cenário em cinza e preto: verde perde espaço em JP

Grandes corredores da cidade estão hoje sem vegetação, o que impacta o meio ambiente e a saúde da população

Alexsandra Tavares
lekaip@hotmail.com

Apesar de receber títulos como “Cidade Jardim”, ou “Cidade das Acácias”, e apresentar a maior reserva urbana de Mata Atlântica do país, é notório que João Pessoa já perdeu parte do seu verde nas últimas décadas. Há ruas, inclusive, corredores principais da capital, que são verdadeiros tapetes de concreto e asfalto. Isso pode ser visto na avenida Flávio Ribeiro Coutinho, conhecida como Retão de Manaíra; na rua principal do bairro dos Bancários; Avenida Josefa Tavaeira, em Mangabeira; ou em alguns trechos da Avenida Cruz das Armas. Essa realidade traz inúmeros prejuízos ao meio ambiente e à população.

A bióloga e ecóloga Anne Falcão de Freitas afirmou que a carência de

vegetação na zona urbana, somada ao adensamento das construções, pode ter impacto no solo, nos cursos hídricos, na atmosfera, na fauna, na flora e também na saúde pública.

Um dos problemas acarretados pela falta de arborização nos centros urbanos são as chamadas ilhas de calor. Trata-se de um fenômeno térmico constituído pela concentração de materiais como concreto, ferro e asfalto presentes nas cidades, aliado à ausência de vegetação e outros ambientes naturais, como áreas abertas mais ventiladas.

Esses ambientes formados por materiais da construção civil impermeabilizam o solo e evitam a livre circulação dos ventos. Com isso, não é difícil sentir uma temperatura mais alta nesses locais, que tornam-se mais abafadas se compara-

das a trechos bem arborizados e sem grandes volumes de prédios.

Segundo a ecóloga, vale salientar que a formação das ilhas de calor depende das condicionantes urbanas e geoambientais (geologia, geomorfologia, solo, vegetação e clima). “Estudos realizados em nossa cidade (João Pessoa) demonstram que a intensidade da ilha de calor varia de acordo com os diferentes usos e cobertura do solo. Durante o dia é mais intensa, formada pela incidência dos raios solares sobre o material e geometria do ambiente urbano. Enquanto a noturna é menos intensa. Forma-se pela troca de calor entre o material e geometria do uso e cobertura do solo urbano, com o céu”, declarou.

Anne Falcão ressaltou que a alteração do campo térmico e a formação da

ilha de calor contribuem diretamente para alterações no balanço da radiação, diminuição da umidade, aumento do calor nas cidades, ou seja, a degradação das condições naturais, gerando consequências no que se refere à interferência nas dinâmicas ambientais. “Por exemplo: maior evaporação da água do solo e uma possível mudança no regime de chuvas”.

Riscos à saúde

As interferências também se dão sobre a vida das pessoas, animais e plantas. “As altas temperaturas podem influenciar no ciclo reprodutivo e na saúde da população, podendo dar origem a problemas respiratórios e no desconforto térmico dos indivíduos”, completou.

De acordo com ela, esse processo pode ser ameniza-

do com o estabelecimento de políticas eficientes de planejamento urbano e de legislação de uso e ocupação do solo, conservação da vegetação nativa das áreas urbanas e criação de áreas verdes nas cidade”, frisou.

Outro problema trazido pela falta de plantas no solo dos centros urbanos é o surgimento de um processo chamado lixiviamento, ou seja, com o período chuvoso, as águas acumuladas vão “lavando” a terra que, sem ter vegetação para reter seus nutrientes, vão ficando inférteis.

Quando a carência de vegetação ocorre às margens de rios urbanos pode resultar no aumento da velocidade do curso das águas, trazendo assoreamento (a terra é arrastada para dentro do rio), desbarrancamento (escavações profundas); interrupção do ciclo

da evaporação natural da água retida em folhas e solo; e o aumento da temperatura das águas dos corpos hídricos inseridos nas cidades. Anne ainda cita a formação de bolsões aquecidos que recebem água vinda dos calçamentos, que são prejudiciais à vida aquática, fomentando a proliferação de bactérias desses rios e lagos.

Calor

A alta concentração de prédios e asfalto leva à formação de ilhas com temperaturas altas e mais abafadas

+ Cidade ganhará novas árvores

O engenheiro agrônomo e diretor de Controle Ambiental da Secretaria do Meio Ambiente de João Pessoa, Anderson Fontes, explicou que não há como quantificar as perdas de árvores viárias (situadas nas vias públicas) na capital paraibana, mas concorda que, ao longo dos anos, as principais artérias da cidade vêm enfrentando perda de algumas espécies. Os motivos para essa ausência vão desde a infestação de fungos, desprendimento do solo (queda de árvore) até abaloamento.

A quantidade de verde nos bairros da capital, porém, deverá aumentar. Segundo Anderson, há um projeto para se plantar mais de cinco mil árvores em diversas ruas da cidade. “Existe um programa da atual gestão em que as atuais ruas que estão sendo pavimentadas vão receber uma unidade arbórea na calçada, de forma disciplinada. Vão ser mais de 500 ruas e um universo que vai de cinco mil a sete mil árvores a serem plantadas dentro desses espaços públicos”, revelou.

Quando se refere especificamente à Avenida Eptácio Pessoa, a qual ele chama de “avenida shopping”, pelo volume de estabelecimento comercial existente na rua, Anderson lembrou que no planejamento inicial da avenida, na década de 1960, a ideia era se plantar árvores de grande porte. Segundo ele, a Prefeitura vem tentando mantê-las até os dias atuais. “Temos hoje 232 árvores no local. E existe um projeto de reposição de 80 árvores somente na Eptácio Pessoa”.

Já com relação ao bairro de Manaíra, (onde está o Retão de Manaíra), ele salientou que este é o bairro onde tem o menor índice arbóreo em vias públicas da capital. “O planejamento para a vegetação do Retão foi voltado para o bosque que há vizinho ao canal, próximo à UPA, e às pistas de rolamento”.

Em outras áreas da cidade, ele salientou que, mesmo com a campanha da prefeitura de incentivo ao plantio de árvores, alguns moradores resistem em não plantar.

Fala Povo

Nas ruas de João Pessoa, as pessoas reafirmam a necessidade de se plantar árvores em algumas ruas:



“Há cinco anos trabalho nesse ponto no conjunto dos Bancários, e sempre foi assim, sem árvore. Se os canteiros centrais tivessem mais plantas seria mais bonito e agradável”, afirmou, com relação à Rua Walfredo Macedo Brandão, avenida principal do bairro. //

Maria Auxiliadora
Comerciante



“Nessa parte dos Bancários não tem quase árvore. E quando plantam, colocam palmeiras, que não dão sombra. Se alguém precisar de um local mais arejado, tem de ir para a pracinha que, aliás, está precisando de mais cuidado por parte da gestão pública”, reclamou, se referindo à Rua Walfredo Macedo Brandão. //

Ilma Macedo
Comerciária



“Moro na Avenida Cruz das Armas há mais de 40 anos e antigamente tinha mais árvore. Hoje há trechos que não têm nenhuma, e o calor está muito grande. Como a gente não encontra sombra na rua, tem hora que dá muito desconforto por causa do calor”, declarou. //

João Martins da Silva
Pedreiro



Foto: Instagram/Auto Esporte

RANIELLE RIBEIRO

COMANDANTE DAS CONQUISTAS

Técnico do Campinense tira “leite de pedra” no título do Campeonato Paraibano e no acesso à Série C do Brasileiro



Foto: Samy Oliveira/Campinense

Ranielle Ribeiro fez um grande trabalho em 34 jogos pela Raposa com 14 vitórias, 16 empates e apenas quatro derrotas

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

A temporada 2021 do Campinense será sempre lembrada pelo torcedor, pelas conquistas que surpreenderam até os mais otimistas. Desacreditado e cheio de dívidas, o clube soube superar todos os obstáculos técnicos e financeiros, surpreendendo os adversários tidos como favoritos. A caminhada de sucesso começou logo no Campeonato Paraibano com a conquista do título de 2021, uma bela campanha com apenas uma única derrota. Veio a Série D e com ela a realização de um sonho, que já durava 10 anos, o do acesso à Série C. Por muito pouco, a Raposa não foi campeã da Série D.

Todo esse sucesso fez com que o rubro-negro ganhasse um calendário completo em 2022, com a participação em quatro competições: Campeonato Paraibano, Copa do Brasil, Copa do Nordeste e Brasileiro da Série C. Um dos principais responsáveis por essa brilhante temporada foi o técnico Ranielle Ribeiro, que desde sua chegada, transformou inteiramente a forma de jogar da equipe, que tinha um elenco limitado tecnicamente. Sob o seu comando, foram 34 jogos, com apenas quatro derrotas, 16 empates e 14 vitórias.

Esta semana, o treinador renovou o seu contrato até o final do próximo ano. Ele não escondeu a alegria e a satisfação por ter seu trabalho reconhecido pela diretoria do clube. Em entrevista à reportagem de **A União**, ele fez uma análise da temporada e falou sobre as perspectivas para 2022.

Formação da equipe

“Quando cheguei aqui, o elenco já estava formado. Eu apenas trouxe para o Paraibano Ítalo e Mauro. Graças a Deus, os jogadores eram de grande qualidade. O elenco era muito forte com jogadores inteligentes, que logo assimilaram a nossa filosofia de jogo e o sucesso veio logo no Campeonato Paraibano”.

Dificuldades

“As principais dificuldades nessa nossa caminhada em 2021 foram às condições da maioria dos estádios e os desgastes com muitas viagens. Com exceção da Arena das Dunas, do Frasequeirão e do Amigão, pegamos gramados muito ruins, que dificultaram muito a parte técnica do nosso time. Além do mais, alguns jogos foram disputados sob altas temperaturas, que aliada às viagens, desgastaram muito o elenco, sobretudo nas disputas da Série D”.

União com o elenco

“Eu tive o elenco na mão, como se diz por aí, porque sou um cara que milito no futebol há mais de 20 anos e tive o prazer de pegar expe-

// A torcida do Campinense foi sempre fantástica. Mesmo nos tempos de pandemia, quando os torcedores não podiam comparecer aos estádios, eles nos motivavam nas redes sociais **//**

riência com grandes treinadores, como Geninho, Givanildo Oliveira e Ferdinando Teixeira. A receita foi falar a linguagem deles, falar sempre a verdade e tratar todos os jogadores da melhor forma possível e da mesma forma, sem privilégios”.

A torcida

“A torcida do Campinense foi sempre fantástica. Mesmo nos tempos de pandemia, quando os torcedores não podiam comparecer aos estádios, eles nos motivavam nas redes sociais e essa energia nos contaminava. Depois, quando a coisa melhorou, eram constantes os corredores deles com muito incentivo, uma verdadeira festa nas nossas chegadas ao estádio e na saída da cidade, quando fomos jogar fora. E quando os estádios foram liberados para o público, eles compareceram em grande número e empurraram o time para cima dos adversários. Os torcedores foram parte desse sucesso”.

O valor das conquistas

“Não tem preço. Foi maravilhoso contribuir junto com todos que fazem o clube e a torcida, para as conquistas de 2021. Ver o torcedor, que andava triste, vibrando com a realização de um sonho, que já durava 10 anos, foi demais, muito emocionante”.

Perspectivas para 2022

“Olha, com as conquistas de 2021, o Campinense terá quatro competições para disputar no próximo ano. Será muita pauleira, temos que ter um elenco forte para tentar repetir o mesmo sucesso, ou ir ainda mais longe do que fomos este ano. Sei que será muito difícil, mas pode ter certeza que não vai faltar trabalho e dedicação, e sabemos que a pressão será maior do que a desse ano”.

Fora dos gramados

“Quando não estou treinando, viajando ou trabalhando em casa, porque levo muito trabalho para fazer em casa também, gosto de me dedicar à família. Passo tanto tempo longe deles, que quando tenho uma oportunidade, gosto de me dedicar a eles. Um dos meus hobbies favoritos é ir à praia com a família, comer caranguejo, tomar uma cervejinha. Sou potiguar, nasci no Litoral, e adoro praias. Gosto também de treinar, e treino sempre todos os dias”.

Grandes eventos esportivos se consolidam em João Pessoa

Prefeitura da capital programa grandes competições em diversas modalidades nos últimos meses do ano

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

João Pessoa tem se consolidado como a capital dos grandes eventos esportivos e para os últimos meses do ano o calendário de atividades segue a todo o vapor. Na segunda quinzena de novembro segue a programação da Copa João Pessoa de Futebol, prevista para encerrar dia 5 de dezembro. O campeonato, que movimentou o futebol amador da capital, reuniu 64 times com disputas em vários bairros. Também no último mês do ano acontece a Corrida Natal do Sentimentos, marcada para o dia 11, com largada às 20h do Parque Solon de Lucena e chegada no Busto de Tamandaré.

Mas não é só isso. Para encerrar 2021 com o ritmo que será mantido no próximo ano, a Secretaria de Juventude, Esporte e Recreação de João Pessoa (Sejer-JP) realizará competições referentes ao projeto Campeões do Amanhã, que atua na capital com o objetivo de fomentar o esporte em suas mais diversas modalidades. Também haverá competições aquáticas e passeio ciclístico, como detalha o secretário Kaio Márcio. “Futebol, vôlei de praia, handebol de areia, ginásticas artística e rítmica, canoagem olímpica. A princípio são esses eventos para finalizar o ano. Vamos ter também um passeio ciclístico natalino no dia 14 de dezembro”.

Mesmo com todas as limitações impostas pela pandemia, principalmente nos primeiros meses de 2021, João Pessoa tem vivido um ano importante no que diz respeito às atividades esportivas. Com a flexibiliza-



Eventos importantes têm acontecido em João Pessoa, e até com a participação do prefeito Cícero Lucena nas maratonas

ção gradativa, decorrente da vacinação contra a covid-19, a capital do Estado tem sediado competições nacionais e internacionais, entrando no circuito dos grandes eventos.

A Copa Brasil de Paraciclismo, realizada pela primeira vez na capital paraibana; o Gran fondo, sucesso na Europa e com edições tradicionais em grandes cidades brasileiras; e a 1ª Maratona Internacional Cidade de João Pessoa, que teve a 1ª edição realizada este ano, mas já

entrou para o ranking das melhores provas de corrida de rua do Brasil; são alguns exemplos de competições que geraram visibilidade dentro e fora do país, reunindo número significativo de atletas e reforçando o talento que a capital do Estado tem para sediar importantes eventos. “Temos um balanço bem positivo. Começamos o nosso calendário praticamente em agosto devido à pandemia. Esse ano ficamos muito restritos às ações. Conseguimos a partir de

agosto colocar alguns eventos em prática. Para 2022, a gente tem boas perspectivas de maiores eventos”.

A etapa da Stock Car, principal categoria do automobilismo brasileiro, já anunciada pela gestão municipal, deve acontecer em setembro de 2022. Algo inédito, que promete movimentar a capital e acelerar os corações dos amantes da velocidade. “É um grande evento que estamos buscando trazer para cá ano que vem. Outros eventos vamos divulgar em breve

no nosso calendário”, pontuou o secretário.

Capital das Maratonas

É como já está sendo conhecida João Pessoa entre os que praticam e costumam participar de maratonas. A última, a Meia Maratona Internacional de João Pessoa, aconteceu no domingo, 14, e reuniu milhares de atletas, muitos de fora do Estado. Em outubro foi a 1ª Maratona Internacional que encheu o Centro de Convenções, local de largada e chegada de atletas.

Kaio Márcio conta que a fama que a capital vem adquirindo, como sendo ideal para a prática da corrida, tem sido incentivada pela gestão, que reconhece o potencial da cidade e a disposição dos competidores, sejam profissionais ou até mesmo amadores. “A corrida de rua é muito frequentada. É o primeiro esporte para quem está fazendo atividade física pela primeira vez, por sua facilidade, e a gente vem fazendo esse incentivo. Além de incentivar também todas as outras modalidades”.

Na capital

Inscrições para a Volta Ciclística terminam hoje

A primeira Volta Ciclística de João Pessoa será realizada no dia 12 de dezembro, mais um grande evento da empresa Run na cidade. As inscrições para a prova se encerram neste domingo e podem ser realizadas pelo site da organização. Já existem atletas inscritos da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e São Paulo, sendo de 29 cidades diferentes.

Os participantes podem fazer inscrição solo ou em grupo (com mais de dez participantes) até hoje. Haverá premiação especial para os cinco primeiros colocados e medalha para todos que concluírem o percurso. A expectativa dos organizadores é reunir cerca de mil inscritos.

A Volta Ciclística de João Pessoa terá três modalidades de competição:

MTB, *Speed* e Infantil. A categoria MTB, sigla para *Mountain Bike*, terá um percurso de 36km. Serão três voltas, saindo do Centro de Convenções, seguindo até a Estação Cabo Branco - Ciência, Cultura e Artes e voltando ao Centro de Convenções. A modalidade *Speed* terá 48km no mesmo percurso. Já a categoria Crianças terá duas voltas dentro do Centro de Convenções.

Segundo o diretor da

Run, Olié Martins, o objetivo principal do evento é proporcionar um entretenimento esportivo do mais alto nível para os ciclistas e esportistas amadores, familiares e fãs. “Temos como objetivo tornar a Volta Ciclística de João Pessoa uma das maiores provas de ciclismo do Brasil, trazendo para João Pessoa algo inovador, onde envolva o MTB, *Speed* e o passeio infantil”, disse Olié.



Prova ciclística em João Pessoa será realizada no dia 12 de dezembro

Volta Ciclística de João Pessoa

- Data: 12 de dezembro de 2021, a partir das 6 horas (concentração e aquecimento)
- Concentração e Largadas: Centro de Convenções de João Pessoa, Rodovia PB-008, Km - Polo Turístico Cabo Branco

■ INÍCIO DAS PROVAS:	■ VALORES:
Categoria MTB - 6h30	ADULTO - Kit Gold - R\$ 150,00 (com camisa)
Categoria Speed - 8h	- Kit Básico - R\$ 75,00 (sem camisa)
Categoria Infantil - 9h30	INFANTIL - Kit Gold - R\$ 100,00 (com camisa)
Inscrições: https://www.voltaciclisticajoaoopessoa.com.br/	- Kit Básico - R\$ 30,00 (sem camisa)

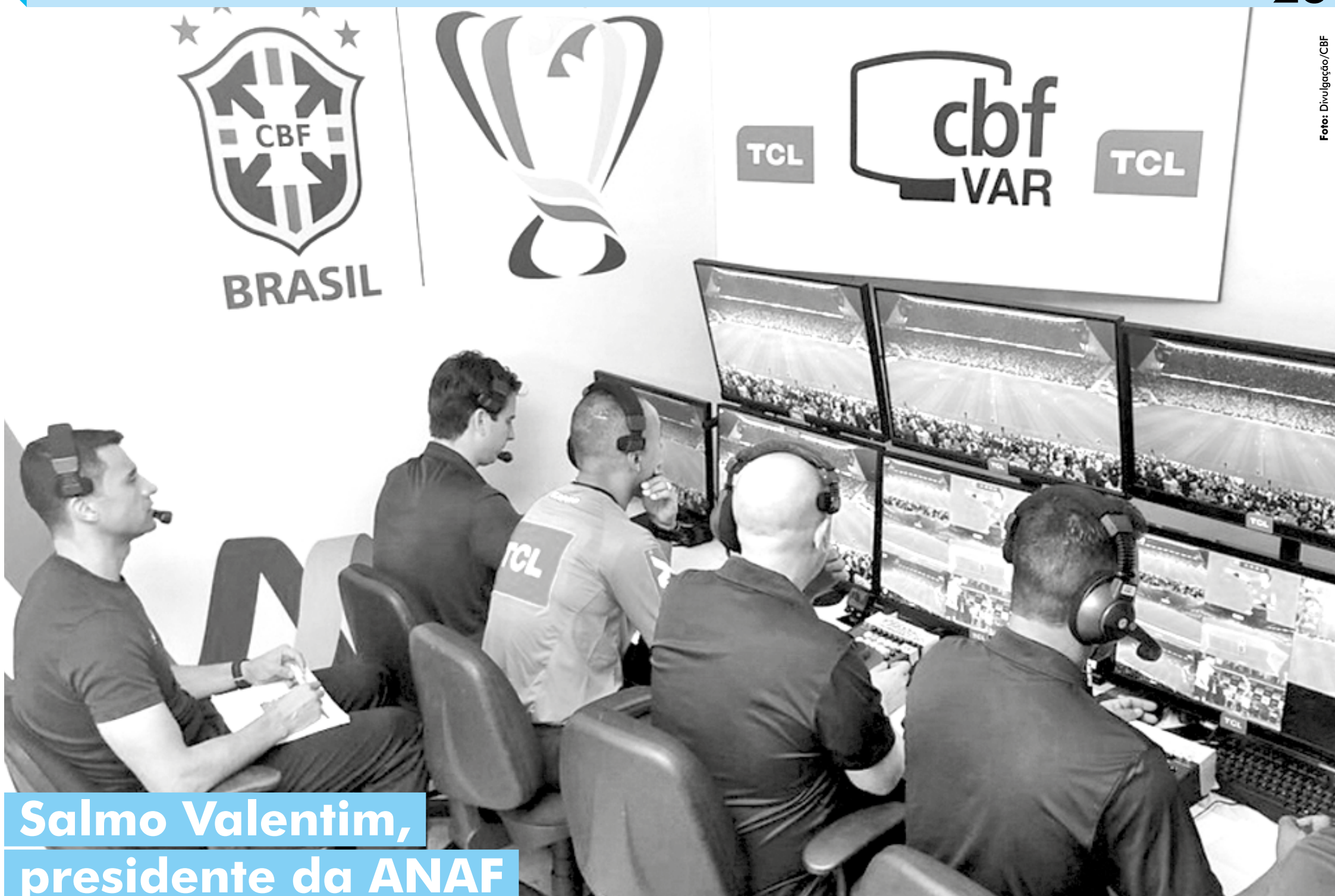


Foto: Divulgação/CBF

Salmo Valentim,
presidente da ANAF

“O VAR está apitando jogos”

Presidente da Associação Nacional dos Árbitros defende uma completa reformulação na arbitragem pela CBF

Eugenio Goussinsky
Agência Estado

Três anos depois de o VAR (árbitro assistente de vídeo) ser introduzido no futebol brasileiro, as polêmicas sobre as decisões da arbitragem continuam a prevalecer. A última, motivada por uma decisão do árbitro Vinícius Gonçalves, que marcou um pênalti para o Flamengo no jogo contra

Salmo considera positiva a saída de Gaciba, que estava sendo muito criticado por não vir a público e dar explicações sobre os problemas com a arbitragem

o Bahia, provocou a demissão de Leonardo Gaciba da presidência da CNA (Comissão Nacional de Arbitragem) da CBF.

Para Salmo Valentim, presidente da Anaf (Associação Nacional dos Árbitros), mais do que os nomes escolhidos para o cargo, agora ocupado interinamente, o mais importante é uma reformulação ampla da arbitragem. “A CBF investiu alto no VAR, mais de R\$ 60 milhões neste período, e, apesar disso, aqueles que preparam os árbitros não estão qualificados. Falta gestão na arbitra-

gem. Quem está tomando a maioria das decisões é o VAR. Os árbitros de vídeo interferem quando não devem e deixam de interferir quando devem. O VAR está apitando os jogos de futebol”, critica.

Tal situação, segundo Valentim, tem ocorrido na grande maioria dos jogos no país e contraria o principal conceito do VAR, a autonomia do árbitro de campo para tomar a decisão. Para ele, há muita intimidação também quando as pessoas que operam os aparelhos de imagem chamam o juiz de campo para a cabine. “Os árbitros brasileiros estão expostos. Até em lances interpretativos, o que não é a recomendação, eles têm sido influenciados por opiniões da cabine. Está faltando autoridade para os árbitros do campo”, diz o especialista, disposto a ajudar caso a CBF precise da associação que preside. “Estão deixando os árbitros muito acuados diante de posturas agressivas dos jogadores,

reclamações, pressão o tempo todo. Os árbitros estão com medo. Quase todas as decisões deles seguem a sugestão do VAR. Temem contrariar o que diz o VAR, com medo de não serem chamados na próxima escala”, observa.

Não ser requisitado na escala implica em perda de dinheiro. Árbitros da Série A, com chancela da Fifa, ganha R\$ 5 mil a cada 90 minutos de trabalho. Têm as despesas de viagem, hotel e alimentação bancadas pela CBF, por exemplo. Quando atuam nos regionais, as contas são pagas pelas federações estaduais. Os que não são cancelados pela Fifa ganham R\$ 3.600 por jogo.

Salmo considera positiva a saída de Gaciba, que estava sendo muito criticado por não vir a público e dar explicações sobre os problemas com a arbitragem. Pior do que isso: ele tinha convicção de que estava tudo bem com a arbitragem brasileira e não estava. Mas ele também não se mostrou satisfeito com a nomeação de Alício

Pena Júnior para ocupar o cargo como interino “A gestão de Gaciba estava causando a execração para todos os árbitros e assistentes brasileiros. Mas essa mudança precisa ser estrutural. Não adianta mudar a cabeça e não mudar o corpo. Esse grupo que está à frente da arbitragem, inclusive a pessoa que vai substituir Gaciba de forma interina, está há quase uma década na comissão nacional sem qualquer resultado significativo para a arbitragem brasileira”, diz.

As mudanças precisam ser mais profundas, segundo ele. “Gaciba não é o único responsável. O cenário é de ‘terra arrasada’ e exige uma oxigenação completa dos quadros da CNA. Com os ‘mesmos de sempre’, as soluções não passarão de paliativas. São urgentes novos nomes, que tenham conhecimento técnico, profundidade em gestão, espírito de liderança e, principalmente, um projeto claro e sólido de desenvolvimento para a arbitragem nacional”, destaca. “Só trocar o chefe não adianta.”

+

Falta de critérios e má condução tem causado inúmeros problemas

Entre as mudanças implementadas em 2020 pela IFAB (International Football Association Board), está a recomendação de que “sempre que o incidente revisado seja suscetível a considerações subjetivas, o árbitro deve revisá-lo no monitor à beira do campo”.

Isso não contraria a determinação inicial, incluída no manual da CBF, de que o VAR somente deve se envolver quando um incidente ou erro do árbitro foi óbvio o suficiente. Ou seja, a recomendação é para que apenas o árbitro tome a iniciativa de consultar o VAR nestes casos. A intervenção dos árbitros da cabine continua a não ser re-

comendada nestas situações interpretativas.

“E o que tem ocorrido é o contrário. As polêmicas da arbitragem deixaram o campo e se transferiram para o VAR. Na Europa isso acontece em um grau muito menor. A falta de orientação e critério na condução do VAR, uma ferramenta que era para ser transformada num alento, se tornou um problema geral. Gerou desconfiância. O papel do VAR é o de menor interferência possível”, destaca Valentim. Para ele, o árbitro de cabine também não deve ser considerado o responsável.

“Trata-se de um árbitro como o do campo. Nenhum

deles é o culpado. O problema está na gestão. A questão não é chamar ou não o árbitro para a revisão. A questão é de onde vêm as instruções para cada situação. É preciso haver capacitação e clareza de critérios na gestão”, observa. Para o árbitro da CBF, Zandick Gondim Alves Júnior, o VAR é um instrumento importante, que dá ao árbitro de campo uma sensação de maior tranquilidade, independentemente de quem comanda o CNA.

“Para a arbitragem continua do mesmo jeito, precisamos entrar no campo e tomar a decisão de qualquer lance dentro dele. A diferença é que, em jogos com o VAR, teremos

uma nova chance em caso de um erro de tomar uma nova decisão para o determinado lance. Isso trás mais segurança para o árbitro, ou deveria, mas o desejo é sempre acertar sem o uso da tecnologia”, diz.

No caso do jogo entre Flamengo e Bahia, o árbitro Vinicius Gonçalves seguiu justamente a determinação de chamar para si a decisão. Interpretou que a bola tocada pelo meia Diego, do Flamengo, resvalou no braço do zagueiro, assinalando o pênalti. Contrariou assim a grande corrente dos que consideraram que a bola tocou apenas no peito do jogador. Mas, para Gonçalves e algumas outras

Trata-se de um árbitro como o do campo. Nenhum deles é o culpado O problema está na gestão. A questão não é chamar ou não o árbitro para a revisão. A questão é de onde vêm as instruções para cada situação. É preciso haver clareza na gestão

pessoas, não. E Gaciba caiu, ironicamente, porque, no VAR do futebol brasileiro, até o óbvio se tornou interpretativo.

Paraíba terá 51 atletas nas Paralimpíadas Escolares

Delegação embarca amanhã para as disputas das competições que acontecem em São Paulo até o próximo dia 27

Iago Sarinho

iagosarinho@gmail.com

A delegação paraibana que disputará as Paralimpíadas Escolares embarca para a cidade de São Paulo amanhã, mesmo dia em que o evento será aberto, este, seguindo até o próximo dia 27. A principal competição do paradesporto escolar no Brasil, retorna esse ano após a última edição ter sido realizada em 2019. Por conta da pandemia da covid-19, o evento não ocorreu no ano passado. A equipe da Paraíba contará com 51 paratletas entre 11 e 18 anos brigando por medalhas.

Na última edição da competição, o Estado obteve a sexta colocação geral da disputa e ficou com a primeira colocação entre todos os entes federativos do Norte e Nordeste do país. Na competição de 2019, a Paraíba conquistou 64 medalhas. Desse total, 35 foram de ouro, 17 de prata e 14 de bronze. O feito anterior não poderá ser alcançado este ano, pois a delegação foi reduzida ainda devido às complicações logísticas e sanitárias ocasionadas pela pandemia.

Por isso, o foco da delegação é buscar superar o resultado no quadro geral, já que a redução no número de atletas por delegação é uma realidade vivida também em outros estados. Nesse sentido, o objetivo a ser ultrapassado não é o resultado de 2019, mas sim o de 2015, ano onde o Estado ficou na 4ª colocação geral, o melhor resultado, até o momento.



Foto: Divulgação/Sejel

A Paraíba vai em busca de novamente se destacar no quadro de medalhas da competição, como nas Paralimpíadas Escolares de 2019, na capital paulista

Paraíba é referência

A Paraíba é uma referência consolidada no âmbito do paradesporto brasileiro. Essa condição foi atingida ao longo dos anos graças ao esforço de técnicos, atletas, pais e professores que enxergam na atividade esportiva uma ferramenta de inclusão social e em prol da saúde. No entanto, no contexto atual, o esforço desses atores citados vem sendo ampliado, assim como os resultados, especialmente, no alto rendimento,

graças ao foco do poder público em investir no desporto paralímpico.

Em parceria com diversos órgãos do governo como a Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência (FUNAD) - estrutura que conta com ginásio, piscina e centro de reabilitação -, assim como organizações da sociedade civil, como o Instituto dos Cegos - que ganhou um novo ginásio construído em parceria com o executivo estadual -, o Governo do Esta-

do reúne uma série de ações e equipamentos públicos voltados para o paradesporto.

Na Secretaria de Juventude, Esporte e Lazer (Sejel), a gerência de paradesporto, atualmente, conta com três programas de grande alcance. O primeiro deles é o Paraíba Paralímpica que conta com 42 polos espalhados por todo o Estado. Nesses locais, há o desenvolvimento de diversas modalidades como a Bocha e o Goalball, por exemplo. O trabalho do programa

é desenvolvido por uma equipe técnica especializada que atua na descoberta e treinamento de novos talentos, mas tendo como principal foco, a melhoria da qualidade de vida das pessoas atendidas.

Além do Paraíba Paralímpica, já no âmbito das competições, os Jogos Paraescolares são o principal celeiro de novos talentos paralímpicos do estado. Foi na competição, por exemplo, que Petrúcio Ferreira, principal paratleta do Brasil, na

atualidade, foi descoberto.

Além do nível competitivo escolar, a Sejel também realiza os Jogos Paralímpicos da Paraíba, competição que reúne disputas para todas as faixas etárias, garantindo a permanência dos paratletas no paradesporto. Por conta da pandemia, nos últimos dois anos a competição não ocorreu, mas ela deve retornar, agora, em 2022.

Por fim, já no alto rendimento, o Estado ainda conta com o Bolsa Esporte, outro programa governamental, onde o foco é o auxílio para competições e treinamentos de atletas que representam o Estado nas grandes competições nacionais e internacionais. O programa também atende atletas olímpicos garantindo que tanto eles quanto os paratletas tenham igualdade na distribuição dos recursos de acordo com o seu rendimento.

Seguindo essa mesma lógica, o governador João Azevêdo sancionou, este mês, a Lei 12.124 de 2021, que determina que competições esportivas e paradesportivas apoiadas, patrocinadas ou realizadas pelo Governo do Estado tenham igualdade nas suas premiações e benefícios para atletas e paratletas. A legislação surge para demarcar a opção já evidente em se buscar uma paridade no investimento público que tem como foco fazer do esporte uma estratégia de saúde, inclusão e dignidade para a população da Paraíba, abraçando a diversidades e as singularidades de cada indivíduo.

Paraibano da 2ª Divisão define os semifinalistas

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

O Campeonato Paraibano da Segunda Divisão prossegue hoje com quatro partidas, quando serão conhecidos os semifinalistas da competição. Alguns clubes saíram na frente na primeira partida das quartas de final, dentre eles, o Auto Esporte, que caminha a passos largos para retornar à elite do futebol paraibano, em 2022. O Clube do Povo foi rebaixado em 2018 e tentou retornar à primeira divisão em 2019, sem sucesso. O ano passado, não houve campeonato, por causa da pandemia do coronavírus.

Auto Esporte fez uma excelente campanha na primeira fase, ficando na segunda colocação do grupo A. Nas quartas de final, o alvirrubro tem como adversário, no mata-mata, a Queimadense, que foi a terceira colocada do grupo B. Na primeira partida, disputada na última quinta-feira, em Alagoinha, o Auto levou a melhor e venceu por 1 a 0. No jogo deste domingo, às 15 horas, no Almeidão, em João Pessoa, o Clube do Povo só precisa de um empate para conquistar a vaga às semifinais da competição, que classificará os três primeiros colocados para a primeira divisão de 2022.

No mesmo horário de Auto Esporte e Queimadense, jogam Sport Lagoa Seca e Desportiva Guarabira, no Estádio Amigão, em Campina Grande. No primeiro jogo entre as duas equipes, deu empate em zero a zero, em partida disputada na última quinta-feira, no Estádio Sílvio Porto, em Guarabira.

A partir das 19 horas, jogam CSP x Sabugy, no Estádio Almeidão, em João Pessoa. No jogo de ida, o Tigre venceu por 2 a 1 e agora precisa apenas de um empate para chegar às semifinais. No quarto jogo da rodada, o Serano recebe o Confiança de Sapé, no mesmo horário, só que no Estádio Amigão, em Campina Grande. No jogo de ida, na Toca do Papão, o Confiança venceu por 2 a 0 e pode até perder por diferença de um gol que se classifica.

Almeidão

terá duas partidas neste domingo para definir clubes semifinalistas do Paraibano da Série B



Foto: Instagram/Auto Esporte

No jogo de ida, o Auto Esporte venceu a Queimadense por 1 a 0 e hoje precisa apenas de um empate para disputar as semifinais



Ilustração: Tônio

Foto: Wikipédia



Foto: Kleide Teixeira - Secom-PMJP



Considerado o maior bloco de arrasto no período pré-carnavalesco realizado na cidade de João Pessoa, o Muriçocas do Miramar alcançou o status de patrimônio cultural e imaterial dos paraibanos no ano de 2012

Um memorial para o Muriçocas do Miramar

Espaço vai reunir elementos que contam a história da agremiação pré-carnavalesca, que completará 36 anos em 2022

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

O maior bloco pré-carnavalesco da Paraíba, o Muriçocas do Miramar, em João Pessoa, poderá ganhar um memorial. O espaço vai reunir elementos que contam a história da agremiação pré-carnavalesca que, em 2012, alcançou o status de patrimônio cultural e imaterial dos paraibanos. O Memorial das Muriçocas deverá atrair pessoenses e turistas amantes da folia, sendo um ponto de fomentação da cultura carnavalesca na capital da Paraíba.

A ideia, assinada pelo cantor e compositor Mestre Fuba – carnavalesco, um dos fundadores e autor do hino oficial do bloco – poderá sair do papel no primeiro semestre de 2022, logo após o Carnaval, como prevê o próprio idealizador do Memorial.

“Março ou abril devo iniciar os trabalhos. No momento estou separando material para fazer um livro”, destaca Fuba. A proposta é apresentar o bloco durante todo o ano, não apenas durante as prévias carnavalescas. O projeto do Memorial das Muriçocas é um dos 29 que atualmente passam por análise no Fundo de Direitos Difusos da Paraíba (FDD-PB), do Ministério Público da Paraíba (MPPB).

De natureza contábil, o Fundo do MPPB é voltado à implementação de projetos sociais e políticas públicas em benefício da sociedade paraibana. Para o atual edital, que deve ter o resultado divulgado ainda este ano, está sendo destinado R\$ 1 milhão, podendo cada projeto aprovado receber até R\$ 200 mil.

A presidente da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur), Ruth Avelino, falou sobre “o quanto é interessante” é a criação do espaço, que será responsável por divulgar o Muriçocas do Miramar, “bloco fundamental para o resgate da autoestima do povo” de João Pessoa. “Qualquer coisa que se faça para resgatar, valorizar, para deixar esse bloco forte e intenso, eu acho fundamental, muito importante”, destaca Ruth Avelino.

Mesmo ainda sem muitos detalhes, a ideia já tem agradado a quem conhece e costuma brincar no bloco que ganha as ruas do Bairro de Miramar na chamada “Quarta-Feira de Fogo”, que antecede o início oficial do Carnaval de cada ano.

A foliã Graça Rolim, por exemplo, sempre acompanhou os trios e as atrações ao longo dos atuais 35 anos de história do bloco Muriçocas do Miramar. Ex-moradora do Miramar, ela lembra como o bloco foi responsável por fortalecer a folia na capital paraibana, fazendo João Pessoa se destacar no cenário nacional. “Merece demais esse espaço, esse reconhecimento. O Muriçocas do Miramar é a verdadeira representação da nossa alegria, da nossa cultura, responsável por nos colocar no roteiro da folia”.



Cidade vazia, uma carroça de burro e 30 foliões

Cerca de trinta pessoas conduzidas por uma carroça de burro, onde um pequeno som tocava frevo. Esse inusitado desfile, ocorrido na semana do Carnaval de 1986, é considerado o primeiro do bloco Muriçocas do Miramar. A ideia surgiu quando os convidados de um aniversário infantil decidiram continuar a festa pelas ruas do bairro. O nome foi uma homenagem dada pelos fundadores, que nos primeiros anos saíram durante o período de Carnaval, quando a cidade estava vazia, “entregue às muriçocas”, insetos famosos no bairro.

A saída do bloco é na Praça Tito Silva, a principal do Bairro de Miramar. O dia é a “Quarta-Feira de Fogo”, justamente a que antecede a Quarta-Feira de Cinzas da Igreja Católica, que marca o fim de cada Carnaval. Mas é ainda na noite da terça-feira que ocorre o ‘Acorde Miramar’, que costuma reunir músicos, artistas e mora-

dores do bairro que, vestidos de pijama, passeiam pelas ruas, anunciando que, no dia seguinte, acontecerá a tão esperada saída do Muriçocas.

Clubes de orquestra, maracatus, ala ursos, trios elétricos, bonecos gigantes, estandartes. O bloco é conhecido por reverenciar a cultura local, com a predominante apresentação de grupos e artistas da região. Outra grande característica do Muriçocas do Miramar é o uso das fantasias, produzidas no capricho pelos milhares de foliões que costumam ser arrastados ao longo da Avenida Epitácio Pessoa, que se transforma no corredor da folia.

Sem festa e sem bloco

Em 2021, chegou a “Quarta-Feira de Fogo” e o bloco Muriçocas do Miramar não foi para a avenida pela primeira vez em seus 35 anos de história. Tanto o Carnaval

quanto o pré-Carnaval deste ano foram diferentes. Aliás, não ocorreram. Não houve festa, nem feriado, apenas a esperança de que em 2022 fosse possível fazer a folia novamente.

A pandemia do novo coronavírus, que provoca a covid-19, tirou o folião das ruas e avenidas da capital paraibana. E só ficaram as saudades do considerado maior bloco das prévias carnavalescas do Estado da Paraíba. O período foi marcado apenas por uma exposição com todos os estandartes e camisetas do bloco na Praça de Eventos do Shopping Sul, no Bairro dos Bancários, em João Pessoa. Mesmo sem ir para a avenida, o estandarte 2021 do Muriçocas do Miramar foi criado por Dann Costa para comemorar o que seriam os 35 anos de festa. E o presidente do bloco, Mestre Fuba, chegou a fazer a composição da música da edição 2021 e um EP foi lançado.

Foto: Rádio Tabajara



Foto: Facebook



Foto: Reprodução



Com a exceção deste ano de 2021, quando o bloco deixou de sair devido à pandemia do novo coronavírus, o Muriçocas do Miramar há 35 anos arrasta uma multidão de foliões

Almanaque

Edição: Jorge Rezende

Editoração: Bhurnno Maranhão

João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 21 de novembro de 2021

27A UNIÃO

João Lélis

Pioneiro na Paraíba como correspondente de guerra

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

O advogado e escritor Osias Nacre Gomes, quando se referia a João Lélis de Luna Freire, dizia que “ele se foi deixando sua grande marca: a história de um humanista que ainda hoje se cultua”. Jornalista e escritor, João Lélis foi, também, prefeito de Taperoá e Mamanguape, na Paraíba, e de Santa Cruz do Inharé, no Rio Grande do Norte, além de deputado estadual e professor.

Tornou-se repórter aos 21 anos e deu conta do serviço nessa área até morrer. No

auge da Guerra de Princesa, estava no Sertão bravo paraibano, enviado pelo Jornal **A União**, para documentar o que seria o maior conflito civil armado já registrado na Paraíba.

Nasceu em Alagoa Nova, no Brejo paraibano, em 4 de abril de 1909, e morreu em João Pessoa, a 24 de julho de 1954. Sua passagem sobre este mundo só durou 45 anos. João Lélis tem seu nome inscrito nos anais do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP) e na Academia Paraibana de Letras (APL).

Casou com Maria de Lordes Costa de Luna Freira, com quem teve seis filhos: Jorge da Costa de Luna Freire (advogado); João Lélis da Costa de Luna Freire Filho (advogado); Ronaldo da Costa de Luna Freire (economista); Roberto da Costa de Luna Feire (advogado); Fernanda da Costa de Luna Freire (advogada); e Alexandre da Costa de Luna Freire (desembargador da Justiça Federal).

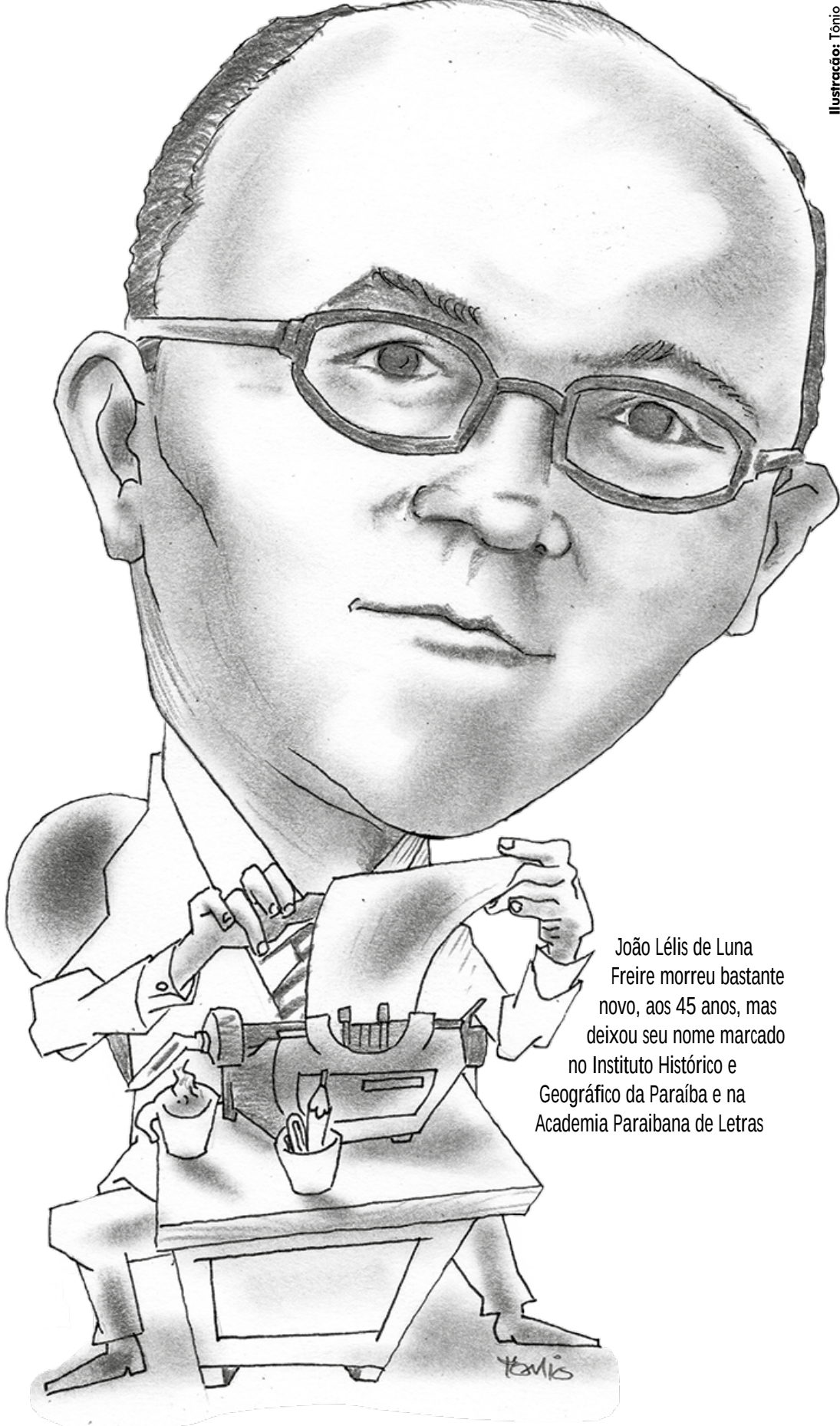
Os biógrafos de João Lélis de Luna Freire, sem titubear, afirmam que ele talvez tenha sido o único jornalista a aventurar-se Sertão

adentro, no início da década de 1930, para noticiar sobre a Guerra de Princesa. Opinião geral assegura que “ele fez um trabalho literário de suma importância, no livro ‘A Campanha de Princesa’, lançado em 1944 e reeditado em 2000, documentando um conflito armado ocorrido entre fevereiro e julho de 1930, que deu o que falar até na imprensa internacional.

Nesse livro, Lélis centraliza detalhes estratégicos do conflito, abordando mais o cerco ao então Distrito de Tavares, episódio que obteve repercussão nacional e considerado precursor da Revolução de 1930, tal qual um escrito que traz seletas informações históricas, além de localizar o leitor no tempo em que se passa a disputa bélica. Acredita-se que sofisticação da narrativa seria mais para o contexto de um diário de guerra, habilmente transformado em livro.

Em suma: muitos estudiosos do assunto apontam o livro como “de leitura indispensável para quem almeja compreender a história de Princesa, da Paraíba e, essencialmente, dos primórdios do movimento revolucionário que derrubou a República Velha, por formar-se dentro de um regime de círculo vicioso, que originou o estilo coronelista da política no Nordeste brasileiro”.

João Lélis era um repórter da imprensa oficial, grande admirador de João Pessoa e, mesmo querendo, não poderia escrever com isenção. Jovem intelectual de 21 anos, jornalista profissionalmente arrojado, na época trabalhava como articulista do órgão de imprensa oficial do estado da Paraíba, **A União**. Voluntariamente, resolveu penetrar no Sertão paraibano, com o objetivo de noticiar o conflito, embora, suponha-se, da forma como seus chefes ordenaram.



João Lélis de Luna Freire morreu bastante novo, aos 45 anos, mas deixou seu nome marcado no Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba e na Academia Paraibana de Letras

Ilustração: Tânia

+

Descrevendo as agruras do maior conflito armado no Estado

Segundo o jornalista Kubitschek Pinheiro, pode-se encontrar no livro ‘A Campanha de Princesa’ “a saga de um repórter de guerra e todas as verdadeiras emoções vividas pelos homens em luta, na mais oportuna campanha de Princesa, sem rastro de espírito aventureiro”. Mostra-se que o autor da obra optou pelo lado da polícia e insistia em descrever os lutadores de Princesa como cangaceiros.

Isso foi estabelecido pela propaganda do governo paraibano, que assim tentava desmerecer os homens do coronel José Pereira Lima. É pura verdade que, no seio da tropa princesense, existiam facinoras. Também é sabido que a maioria dos lutadores de 1930 era formada por trabalhadores e homens de bem, que aderiram à guerra movidos por um sentimento nativista forte, em prol de seus interesses econômicos. Melhor seria denominar os estranhos na luta como voluntários ou mercenários.

Na página 40 do livro, Lélis comenta: “Esse ajuntamento de homens, os mais diversos, pela procedência escusa e pela má conduta, a que não faltava a figura do autêntico cangaceiro, sempre com armas na mão e prontos à execução de ordens mais temerárias, foi logo conhecido das autoridades do Estado. Dai a urgência de medidas que, por sua presteza e eficiência, fizessem voltar à Paraíba à calma e à ordem, que uma tal ameaça transformara em intranquilidade e receio”.

João Lélis descreve José Pereira, o megacoronel de Princesa, desta forma: “Era civil por índole, convivência e atitudes. Um político proselitista e regouante (gritante, áspero) de vaidades, tecido dos defeitos e virtudes de sua gente, de sua época, do seu meio. Egoísta, como quase todo sertanejo, centralizador e abafante, franco, desconfiado, impetuoso e diplomata”.

Sobre João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, Lélis sempre se referia como “o grande presidente” e reforçando o caudal de informações diversas sobre a guerra de Princesa. Alguns episódios inseridos nas páginas 278 e 279 do livro falam do “grande sofrimento” dos policiais integrantes da linha de vanguarda e outras particularidades do conflito.

“As colunas (norte e leste), que formavam as linhas da vanguarda das tropas combatentes em Princesa, viviam num grande isolamento, o que lhes acarretava sofrimento permanente, cheio de atrocidades e delitos” (...) O inimigo era mais poderoso em gente e balas. Não o atrofiava a magrém dos bornais e o seu efetivo atingia a mais do duplo das tropas legais”.

E continua Lélis em seu relato: “Além disso, não deixava ao adversário a iniciativa de avançar sempre que lhe descobria intenções de investir sobre Princesa, fazendo-o gastar a munição que vinha, avaramente, acumulando nos períodos de estacionamento. E isso era uma tortura”.



Foto: Reprodução

O líder da Revolta de Princesa, Zé Pereira, era descrito por Lélis como proselitista e egoísta

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Release não é obra de arte, é peça sem aura mesmo

Outro dia, eu estava em casa e falei para mim mesma: eita, ainda tenho que liberar o release! Meu filho adolescente, que estava ali do lado, ficou rindo e repetindo: “Liberar o release”, “Liberar o release”. Em inglês, release é liberar – ou seja, “liberar o release” pode mesmo soar estranho; em português, é um texto informativo sobre uma instituição privada, órgão público ou personalidade para ser distribuído à mídia.

“Notícia do ponto de vista da instituição”, como registra o Dicionário Rabaça, o release foi considerado rei por muito tempo, mas hoje perdeu um pouco do status – ou melhor, do espaço que antes era todo seu – para outras ferramentas de contato com a imprensa em busca de mídia espontânea.

A lauda informativa com algumas dezenas de linhas ainda cai bem na redação, mas não funciona tanto, por exemplo, com um influenciador digital. Nesse caso, as agências precisam investir em outras ações de relacionamento: um mimo personalizado e um cartãozinho com poucas linhas, destacando os atributos que se deseja enfatizar, terão mais potencial de emplacar o cliente no feed/story da personalidade digital do



Foto: Reprodução

que o textão oficial. É fato. E tem muita agência de comunicação dando show por aí quando o assunto é ir além do nosso conhecido (e antigo) release.

Mas o release não morreu. É usado para informar sobre um novo serviço no hospital, anunciar uma medida administrativa, divulgar um edital de concurso

público e outras muitas pautas que queremos “vender” aos jornalistas. Sim, releases (ou relises como alguns colegas gostam de escrever) ainda funcionam –, mas será letra morta se o seu mailing estiver desatualizado.

Agora, o que fazer quando o release não quer sair do forno? Explico: você

tem todos os dados, gravou a declaração que precisa, todas as informações estão à sua disposição, mas o danado não fica bom de jeito nenhum! Sei que o “meu” release não está pronto quando coloco um parágrafo para cima, outro para baixo, mudo as declarações de posição, troco os verbos dicendi (falar, dizer, declarar, afirmar...) e tudo fica na mesma: ruim. Às vezes, péssimo!

O prazo de envio está quase expirando e eu lá, sofrendo. Leio, releio, e começo a jogar Rummikub de novo com o texto: encaixa essa peça aqui, outra ali, será que agora dá certo? Ainda não! Dou uma volta, bebo um copo d’água, leio o texto novamente, mudo mais um parágrafo outra vez e... voilá! Agora foi. Release pronto, hora de liberar (liberar release, mãe????).

Cá entre nós: quando o release passa por esse processo todo de cozimento, fica pronto, mas longe de estar no ponto! O ideal mesmo seria começar tudo de novo, mas a falta de tempo, a pouca inspiração e o excesso de estresse não ajudam. E quer saber? Release não é obra de arte, é peça sem aura mesmo. E todo assessor tem seu dia de texto ruim também. Às vezes, um atrás do outro.

Tocando em frente

Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

A Jovem Guarda – Parte III

No entorno da tríade – Roberto, Erasmo e Wanderlea –, mas não necessariamente à sombra desses, surgiram muitos intérpretes e conjuntos que, aderindo ou não ao movimento denominado de Jovem Guarda, tiveram vida própria, embora alguns, posteriormente, tenham enveredado por caminhos musicalmente diversos. Não se devem, porém, esquecer, a bem de fazer justiça, as raízes plantadas, lá no início, por George Freedman, Sérgio Murilo, Tony e Celly Campello, que construíram o alicerce de tão consistente movimento musical.

Vamos, então, em busca do resgate desses valores ainda hoje tão presentes em nossa memória afetiva e musical, embora alguns deles já nos tenham deixado ou mesmo rumado em busca de outros roteiros interpretativos no que chamamos de universo musical.

O cenário e a vivência da época nos conduzem à mudança de hábitos e costumes até então não vividos, como, por exemplo, o “advento da pílula”, que fez surgir o badalado slogan “Faça amor, não faça a guerra”, fazendo alusão à liberdade sexual, e protestos contra a Guerra do Vietnã (Vietname), iniciada em 1955 e que, lamentavelmente, se estendeu por sofridas duas décadas. A liberdade sexual da ju-

ventude fez a virgindade deixar de ser um tabu, passando a introduzir nos costumes de antanho as carícias e os beijos mais demorados e em público e não somente “no escurinho do cinema”, como, mais tarde, Rita Lee cantaria em ‘Flagra’ (1982), dela e de Roberto de Carvalho.

Foi nessa época que a juventude cunhou o aforismo “É proibido proibir”, que serviu, inclusive para titular músicas de Roberto Carlos (‘É proibido fumar’, de 1964), e Caetano Veloso (‘É proibido proibir’, de 1968).

Surgem, então, os novos hábitos da chamada juventude rebelde: cabelos compridos (certamente, copiados dos Beatles) e os exibidos anéis e pulseiras masculinas. Paradoxalmente, as letras das criações musicais afastavam-se dos debates políticos e priorizavam vivências subjetivas dos compositores.

Mas voltemos ao nosso universo estritamente musical.

Foi do show de Bill Haley, em Belo Horizonte, de que já lhes falei em coluna anterior, que os irmãos Renato, Edson e Paulo César tiveram a ideia de formar o grupo musical mais badalado da Jovem Guarda, que, no início dos anos de 1960, viria a ser o Renato e seus Blue Caps, e que, ao lado do The Fevers, tornaram os

dias da juventude da época mais alegres, e os dias dos hoje já adultos e setentões, mais nostálgicos.

Já que se falou em bandas, não nos permitimos deixar de citar o grupo Golden Boys, formado mais adiante, em 1965, quarteto vocálico que foi buscar seu estilo no doo-wop norte-americano, baseado no rhythm and blues, dos anos 1950/60, caracterizado pelo backing vocal, cultivado pelos Platters e pelos Beach Boys.

O Golden Boys foi formado em 1965, já advindo de um embrião anterior, o Quarteto Estrela, passando a ter a configuração como o nós conhecemos – os irmãos Roberto, Ronaldo e Renato Corrêa e o amigo Waldir Anunciação, que, numa jogada de marketing, eles chamavam de “primo”. Roberto e Waldir nos deixaram em 2004, mas quem se não há de lembrar as criações musicais do quarteto, como

‘Pensando nela’, versão de Rossini Pinto para a interpretação original de ‘Bus Stop’, do The Hollies (de Graham Gouldman), ou de ‘Alguém na Multidão’, uma criação do espírito-santense Rossini Pinto.

Esses três grupos, expoentes do movimento, serão objeto de colunas futuras.

Sequenciaremos, então, um caminho de volta ao passado com astros e estrelas do incipiente movimento juvenil que deu e continua dando tanto embevecimento a quantos não conseguem desapegar-se daqueles tempos de que se costuma dizer “éramos felizes e não sabíamos”.



Foto: Reprodução



COM O CHEF **WALTER ULYSSES**



Walter Ulysses- Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de televisão e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterhulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Estamos chegando no verão

Estamos chegando no verão e é a época mais esperada para quem tem comércio gastronômico e na parte de hotelaria em geral.

Estamos em uma época diferente e de muita expectativa, até porque o mercado voltou a reagir de maneira muito forte. Com isso tem gerado uma esperança para muitos empresários desta área que tanto sofreu no pico da pandemia. É esquecer o passado e correr atrás de recuperar-se do prejuízo do verão passado.

É sempre esperado um faturamento maior do que qualquer período do ano, até porque

somos uma região de praias, onde recebemos muitos turistas. Mesmo tendo uma época que estamos vivendo ainda todas as normas de segurança, a pandemia ainda assusta o mundo. Tenho visto a cidade muito cheia e passando por bares e restaurantes lotados e os relatos de que os hotéis também estão com suas lotações máxima; e isso é muito bom para a geração de empregos e de renda de maneira geral.

Marinas de barcos voltam a terem seus faturamentos e muitos colocam em dia o que não pagaram durante o ano. Isso já era uma rotina mesmo antes da pandemia.

Além de tudo isso, vemos que os ambulantes que fazem suas vendas de picolé, amendoim, óculos, comidas caseiras... voltam a ter uma renda extra para seu ganha-pão-de-cada-dia, até o comércio do centro da cidade recebe um pouco desse reflexo pelas visitas dos turistas em locais históricos e conhecidos de nosso estado.

Fora os aluguéis de imóveis de verão que passam a ser locados, ou seja, é uma época boa e feliz para todos.

Na espera deste dia mudar, mudou para dias melhores, com fé em Deus.

Esperar que dias e verões melhores virão.

Fotos: Walter Ulysses

PITADAS A GOSTO

O segmento de lavagem de veículos em João Pessoa está ganhando uma nova e moderna opção. Trata-se do Garagem Pub Carwash, instalado na unidade do Casa Tudo, na BR-230, com um conceito de reunir, além do serviço de lavagem, polimento, aspiração, higienização de bancos e cadeirinhas, um espaço para a descontração, com cafeteria e bar temático. O Garagem Pub Carwash tem vários diferenciais, a começar da segurança e da localização, que oferece vários outros serviços e comércio. Os sócios Hermano Lucena, Reginaldo Galdino e Felipe Leite estão investindo num equipamento que vai agregar diversos benefícios, inclusive alguns já fechados, como convênios com empresas que receberão descontos de 10% na lavagem dos veículos. A empresa já articula oferecer planos mensais



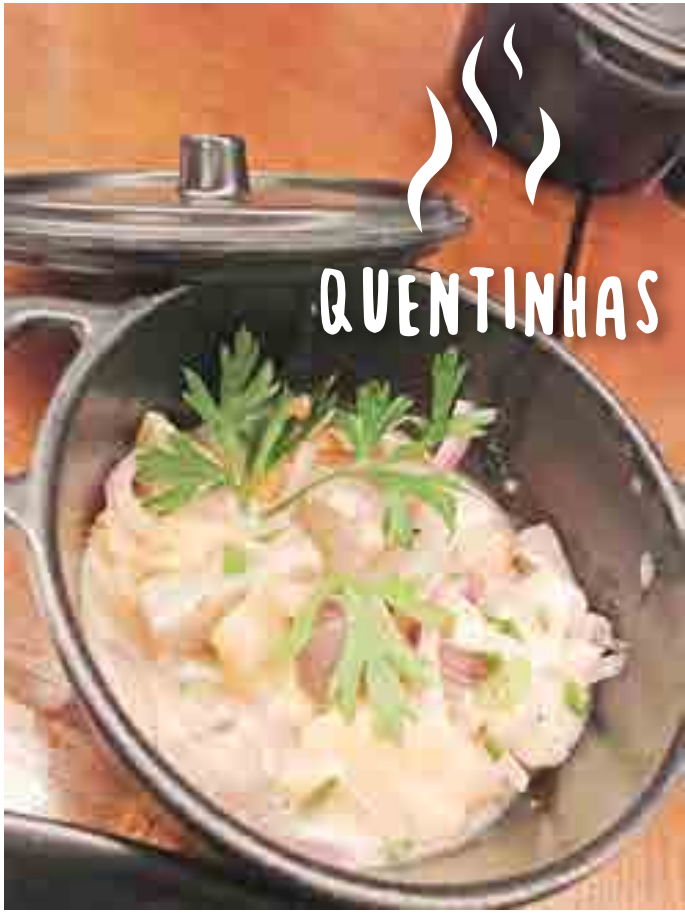
e trimestrais, além de convênios com lojas de veículos. Todo o sistema de água é automatizado – com água de poço –, utilizando um compressor e champuzeira,



produzindo espuma bem densa para lavar melhor o veículo, com mais eficiência e rapidez. Além de lavar o carro, a Garagem vai oferecer lembrancinhas, como tapetes,



chaveirinho, entre outros. Vai atender a todos os tipos de veículos, à exceção dos pesados. Futuramente, bicicletas e motos poderão ser lavadas.



CONHEÇA O HAYTSU, A NOVA EXPERIÊNCIA GASTRONÔMICA ORIENTAL DE JOÃO PESSOA

Imagine poder apreciar uma sequência de pratos refinados em um passeio gastronômico com sabores do Japão. A novidade agrada em cheio a quem gosta da tradicional comida japonesa. A proposta do Haytsu, mais novo restaurante oriental de João Pessoa, é proporcionar essa experiência que envolve sentidos, começando pela visão com a boa apresentação dos pratos, passando pelo olfato e terminando pelo paladar envolto em sabores variados. Idealizado pelos chefs Paulinho e Landão, que fizeram a ponte aérea São Paulo e João Pessoa para encarar esse novo desafio, o menu degustação traz uma viagem na história, tradição e pelos sabores dessa gastronomia tão peculiar. A sequência de treze pratos tem um porquê e um contexto que são apresentados com satisfação pelos chefs. E esse passeio começa com o 'Usuzukuri Suzuki', lâminas finas de peixe branco pincelados com Molho Ponzu. Uma entrada, que além de gostosa, faz a limpeza das papilas gustativas para inicializar os sentidos. A partir daí, vamos mesclando entre pratos quentes e frios, crocantes e macios. 'TempuraKon', 'Chipusu', 'Cevice', 'Uramaki', 'Robata', 'Niguri'. Atenção especial aos 'Ovos Perfeitos' e finalizando com o 'Sashimi'. A experiência encerra com um shot adstringente de limão com gengibre e o doce do chantilly que chega para selar esse passeio surpreendente no Haytsu. Serviço: o menu degustação oferece duas opções; a completa traz uma sequência de treze pratos e 38 peças; a segunda, um pouco menor, traz oito sequências com 28 peças. Há ainda a opção à la carte. O Haytsu está localizado à Rua Coronel José Gomes de Sá Filho, 321, no Jardim Oceania, João Pessoa. Abre todos os dias até as 23h30. Instagram: @haytsujp.

PRATO DO DIA Guacamole

Ingredientes

- 2 abacates amassados
- 1 tomate maduro bem picado
- 1 cebola cortada bem pequena
- 2 colheres de sopa de shoyu
- 3 colheres de azeite de oliva
- Sal e pimenta do reino a gosto
- 2 colheres de sopa de coentro

Modo de preparo:

■ Mistura tudo depois de já cortados e amassado o abacate. É uma comida fácil de preparar, excelente para essa época de calor por se tratar de ser um alimento fresco e acompanha bem tacos, pães integrais, torradas e até uma massa integral.



O guacamole é uma iguaria típica da culinária do México, servida com uma grande variedade de pratos e geralmente acompanhada com pico-de-gallo e nata azeda. É basicamente um purê de abacate bem temperado, que funciona como um complemento da salada, tendo sido exportado para todas as partes do mundo onde existe comida mexicana, mesmo que esta seja alterada de acordo com os gostos locais.

É o estigma social da obesidade, preconceituosa em relação às características de personalidade baseada no julgamento de uma pessoa por ter excesso de peso ou por ser obesa; também conhecida como fat-shaming.

Discriminação antiga agora tem nome: gordofobia

Ofensa naturalizada coloca pessoas gordas sob a constante vigilância alheia

Carol Cassoli
Especial para A União

Há alguns anos, o Instituto Geledés, uma organização que se posiciona em defesa de mulheres e de negros, listou uma série de expressões que, enraizadas na sociedade, permeiam com gordofobia o vocabulário do brasileiro. Dentre os termos de maior destaque estão frases relacionadas à naturalização de brincadeiras ofensivas que, disfarçadas de opinião ou ponto de vista, colocam pessoas gordas sob a constante vigilância alheia.

Antiga, a discriminação baseada no peso hoje tem nome: gordofobia. Do latim, a palavra gordo deriva do termo “gūrdus”, cujo significado dizia respeito às ideias de estupidez, lentidão e peso (nos sentidos próprio e figurado). Já a palavra fobia, derivada de “phóbos”, nasceu da aversão exagerada que, sem limites, causa horror nos indivíduos. Em fusão (de termos e sentidos), a gordofobia traduz o que a sociedade brasileira insiste em tentar, mesmo que com dificuldade, mascarar: o estigma imposto sobre corpos obesos.

Para Ana Maria Veiga, professora do Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no Brasil, o preconceito varia de acordo com o gênero e grau de obesidade da pessoa. Um homem gordo (ou, gordofobicamente, “gordinho”), por exemplo, é visto como charmoso, enquanto uma mulher gorda sofre mais com a carga de cobrança sobre seu corpo. É assim que, aos poucos, pessoas gordas – em especial, mulheres – acabam fadadas ao desprestígio e ao isolamento afetivo.

Pensando nesse estigma, a artista Letícia Costa, explica que, por ser uma gorda menor, não se depara com as mesmas limitações que pessoas maiores. Além de se sentir acolhida em espaços públicos, Letícia relata que também não enfrenta problemas com assentos em aviões ou mesmo nas catracas de ônibus públicos, mas afirma que alguns colegas já passaram por esta situação.

Encomendado há quatros anos pela Skol Diálogos, o levantamento ‘Uma Pesquisa Sobre Preconceito’ demonstrou que sete a cada dez brasileiros já fizeram comentários preconceituosos. Quando postos na balança, os resultados não são positivos. Se confrontados os dados, 92% dos brasileiros dizem já ter sido alvo de gordofobia em algum momento de suas vidas. Por outro lado, no entanto, apenas 10% da população assume ter preconceitos contra pessoas gordas.

Condenados ao descaso da população, os corpos gordos são retratados em tom de chacota na mídia e na rede. Assim como os resultados apontam, majoritariamente, crianças brancas ao pesquisar por “bebê” no campo de busca de um site de imagens gratuitas, as respostas também são especialmente pejorativas quando o termo buscado é “gordo”. Nesse contexto, essas pessoas são retratadas com ironia e escárnio, sempre relacionadas a modelos alimentares repletos de guloseimas ou à falha tentativa de emagrecimento (muitas vezes forçado).



“O corpete, precursor do sutiã, também foi um mecanismo de moldagem do corpo das mulheres a partir de uma silhueta ideal. Desse tipo de aparência dependeria seu sucesso e futuro”
Ana Maria Veiga

Para pensar:

expressões gordofóbicas

- * “Bonita de rosto”: para se referir a mulheres gordas.
- * “Gordice”: para se referir a alimentos com alto valor calórico.
- * “Beleza interior”: para se referir a pessoas gordas.
- * “Acima do peso”: para se referir a pessoas que engordaram.
- * “Listra engorda”: para se referir a um padrão de vestimenta.
- * “Olho gordo”: para se referir a inveja e cobiça.
- * “Cheinha”: para se referir a pessoas que estão engordando.
- * “Gosto de ter onde pegar”: para se referir a relacionamentos com pessoas gordas.



Na sociedade, o ideal de sucesso é branco, magro e masculino



De acordo com Ana Maria Veiga, mais que um problema estrutural, a gordofobia é resultado da obsessão por um padrão historicamente construído: a magreza. Ao observar os padrões que cercam a sociedade brasileira, Ana afirma que o ideal de sucesso é branco, magro e masculino e que, inseridas nesse contexto, as mulheres se viram fadadas a investir alto para conquistar um lugar social.

Em retrospecto, Ana lembra que as mulheres sempre se valem de subterfúgios para o afinamento de suas silhuetas. Tanto na França quanto na Inglaterra, a sociedade burguesa utilizava a magreza como um dispositivo

para a distinção das pessoas. Assim, o espartilho passou a assumir, desde o final da Renascença até o século vinte, um papel fundamental na modelagem do corpo feminino. “O corpete, precursor do sutiã, também foi um mecanismo de moldagem do corpo das mulheres a partir de uma silhueta ideal. Desse tipo de aparência dependeria seu sucesso e futuro”, explica a historiadora.

Ana, que também é líder do grupo de pesquisa ProjetAH (voltado à história das mulheres, gênero, imagens e sertões), explica que se a população ampliar seu olhar, será possível encontrar manifestações distintas em muitas obras de arte, por exemplo. Segundo a professora, ao

analisar as obras do Renascimento, é possível perceber outros tipos de mulheres, muitas até cultuadas pela exuberância arredondada de seus corpos.

Partindo dessa observação, Ana arrisca dizer que o processo civilizador carrega um ideal cortês ao qual as mulheres são submetidas e que reverbera cruelmente até os dias de hoje, em especial nos últimos vinte anos. “A obesidade vira foco de um discurso médico, portanto de autoridade, que a toma como doença. Essa visão passa a sobrecarregar principalmente as mulheres, na dupla encruzilhada entre a estética burguesa branca e certo higienismo ainda acobertado pela área da saúde”, avalia a historiadora.

Preconceito não tem limites, mas os impõe

Carol Cassoli
Especial para A União

Para Letícia Costa que, além de cantora e atriz, é também modelo, o mercado da moda ainda precisa passar por grandes mudanças e reinvenções. Aos 28 anos, a jovem nota que, aos poucos, as marcas têm oferecido numerações para públicos maiores, mas, em avaliação geral, essa realidade ainda é utopia. “O mercado da moda

tem que se desconstruir muito para atender às necessidades de todos. Muitas lojas não oferecem uma grade de tamanhos completa. Em lojas de departamento, os números vão de 36 a 48, no máximo”, relata. Frustrante. É assim que a modelo descreve a experiência de ir até a uma loja em busca de uma roupa da moda e só encontrar peças para pessoas magras. Em um país em que, segun-

do o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), uma a cada quatro pessoas é obesa, a procura por roupas de tamanhos adequados nas principais lojas de departamento se torna um desgaste emocional para Letícia. “Você vê pessoas magras usando uma roupa e sabe que não fabricam seu tamanho por gordofobia. Aham que o corpo gordo tem que ser escondido, disfarçado”.

Quanto menor, “melhor”

Além de apontar que, no Nordeste, 28% das pessoas já discriminaram alguém com base em seu peso, a ‘Pesquisa Sobre Preconceito’ – da Skol Diálogos – constatou que 25% das pessoas já falaram que, mesmo “gordinho”, alguém era bonito. E a gordofobia não se restringe aos espaços de descontração ou manifestação de afeto. Segundo a pesquisa ‘A Contratação, a Demissão e a Carreira dos Executivos Brasileiros’, realizada pelo Grupo Catho de classificados on-line, 65% dos contratadores demonstram alguma restrição na hora

de efetivar pessoas gordas. O levantamento também demonstrou que o mercado melhor remunera pessoas magras. Durante a decisão do salário de um funcionário, cada ponto no Índice de Massa Corpórea (IMC) da pessoa diz respeito a uma diminuição mensal de, aproximadamente, R\$ 90,00 em comparação com a folha de pagamento de pessoas mais magras exercendo a mesma função. Esses resultados são reflexos de uma sociedade que, para Ana Veiga, não está preparada para lidar com o diferente. “Me refiro a pessoas gordas,

negras, deficientes etc. Esse discurso de padronização se reproduz e reitera as posições do eu e do outro sendo o outro o anormal, a anomalia social”, explica. Hoje, vestindo tamanho 44, Letícia percebe que é melhor atendida do que quando apenas o 46 lhe servia. Além de observar que as lojas oferecem modelagens com numerações que não condizem com o tamanho real das roupas, a modelo também nota que é mais contemplada quando busca pelo 44 que, de um jeito ou de outro, serve à lógica do “quanto menor, melhor”.



Letícia Costa, modelo, cantora e atriz, ressalta que o mercado da moda precisa passar por mudanças e reinvenções

Gordo, uma palavra vazia de afeto, uma existência cheia de desafios

Foto: Arquivo pessoal



Letícia Costa venceu o Miss Paraíba Plus Size 2019, mas faz uma ressalva: “Todo padrão oprime”

Como resultado da soma dos fatores que contribuem para a exclusão de gordos, a privação de afeto surge na vida de grande parte dessas pessoas. Isso quando a baixa autoestima não interrompe, antes, a relação de pessoas gordas com relacionamentos amorosos e a consequente descoberta de sua própria sexualidade. No último dia 5, a morte da cantora e compositora de músicas sertanejas Marília Mendonça suscitou o debate, ainda incipiente, sobre a gordofobia ainda ser um desafio prevalente sobre corpos femininos. Após a queda do bimotor que levou à morte da cantora, uma série de comentários ofensivos foram publicados nas redes sociais, todos relacionados ao peso da cantora. Parte deles sugerindo que o acidente tenha sido causado pelo peso da artista, que era a maior voz feminina do Brasil na atualidade. Além disso, a constante luta de Marília contra a balança também foi retomada pela mídia após sua morte, chamando a atenção para a sobrecarga que, invisível, paira sobre as costas de inúmeras mulheres (tanto as que já são gordas, quanto as que estão engordando ou mesmo aquelas que se esforçam para não engordarem). Na visão de Ana Veiga, esse tipo de discurso e seu foco no corpo da artista é uma crítica aberta não apenas à artista mor-

ta, mas a todas as mulheres que ousam romper com padrões, estéticos ou comportamentais; uma tentativa de controlar seus corpos. “A fala é usada como forma de intimidar outras irrupções de talentos rebeldes entre as mulheres. Elas sempre necessitam de tutela, ao menos nesse tipo de visão”, explica a professora. Ana observa que, se por um lado as mulheres gordas passam por toda essa pressão, por outro elas começam a enfrentar isso e descobrir um caminho próprio e autêntico, que inclui o ativismo gordo e a transformação da visão gordofóbica, ao expor esse modo de pensar e agir como um limite, “uma pequenez social, diante de um momento em que a equidade e a força das mulheres se fazem sentir cada vez mais”. A historiadora alerta para

o fato de que brincadeiras tão comuns na sociedade parecem inofensivas, mas ganham grande dimensão ao encontrarem terreno fértil diante da baixa autoestima de alguém. Segundo ela, na verdade, esse preconceito velado ajuda a construir a baixa autoestima, pois, ao contrário de incentivarem o autoamor e a autovalorização das crianças e jovens gordas, as famílias são ensinadas a tratar desse “mal” e a enquadrar a pessoa em um padrão. Nesses casos, Ana ressalta que, já dentro de casa, não há compreensão ou diálogo. “Brincadeiras e piadas podem perseguir a pessoa gorda até a vida adulta, e muitas delas não irão passar perto de movimentos sociais como o ativismo gordo, que milita pelos direitos dos gordos e gordas ao próprio prazer e a uma existência sem barreiras e cerceamentos corpó-

reos”, diz. Para Ana, os exemplos de pessoas que ainda sofrem com a gordofobia na vida adulta são inúmeros, mas a historiadora não se esquece da visão pejorativa que recaiu sobre a ex-presidente Dilma Rousseff (PT), durante a cerimônia de posse em seu primeiro mandato. A privação afetiva a mulheres gordas não se encerra apenas no plano midiático. Na indústria pornográfica, a sigla BBW (abreviação de Big Beautiful Woman ou, em português, “mulher grande e bonita”) é utilizada para a fetichização de corpos que, socialmente, não são aceitos. Diante de todos os desafios que cercam a vida de pessoas gordas, Letícia Costa resolveu se arriscar e, ao perceber que era desinibida, resolveu competir em um concurso de modelos. De lá, a jovem saiu vitoriosa e se tornou a Miss Paraíba Plus Size 2019. “Essa experiência foi algo que abriu minha cabeça. Eu nunca imaginei que pudesse ser modelo, miss. Nunca tive esse ideal, porque, desde criança, não me via representada nas novelas, nas revistas ou nos anúncios”. Mesmo tendo vencido o concurso em nível estadual e tendo representado a Paraíba no patamar nacional da competição, a modelo ainda tem ressalvas quanto às competições de beleza que, segundo ela, “são permeadas por situações fúteis e repletas de padrões; e todo padrão oprime”.

Educação: um caminho possível

“Pensar as salas de aula e seus conflitos é pensar na contracorrente de um caminho percorrido rumo à aprendizagem dos preconceitos”, afirma Ana Veiga. A professora enfatiza que, nas relações ensino-aprendizagem, os preconceitos emergem e lidar com eles é um grande desafio, uma vez que os mesmos são aprendidos cotidianamente nas casas, nas ruas, nas atividades em grupo e por meio das redes sociais. Segundo a historiadora, são as próprias pessoas gordas e sua mobilização que podem reverter essa situação, tal qual o movimento negro educador. Parafraseando a obra da pedagoga Nilma Lino Gomes, Ana afirma que o ativismo gordo (negro ou não) é o elemento surpresa que pode ao mesmo tempo trazer informação sobre a temática, evidenciando preconceitos e apontando os limites, não das pessoas gordas, mas das que performatizam atitudes e discursos gordofóbicos. “O que a gente precisa é desconfiar desse normal e de tanta perfeição”. É por isso que, frente à sociedade, Letícia busca se impor, já que, nesse contexto, uma pessoa gorda se amar é, também, um ato disruptivo. “Eu me posiciono tentando mostrar para as pessoas que não sou menos que ninguém por eu vestir um número maior”, finaliza.

Beatriz de Alcântara
alcantarabriz@gmail.com

A cantora sertaneja Marília Mendonça, de 26 anos, morreu no início do mês de novembro, vítima de um acidente de avião no interior de Minas Gerais. Dentre todas as escolhas editoriais que podiam envolver a notícia de seu falecimento, houve quem acreditasse que seria prudente falar sobre seu corpo, seu peso e sua possível “briga com a balança”, mesmo em uma situação como essa. Esse é apenas um dos inúmeros exemplos de como a gordofobia ainda encontra lugar para soar com naturalidade dentro da sociedade, atingindo a todos, mas principalmente as mulheres.

O conceito de gordofobia surgiu junto com o ativismo gordo e os estudos relacionados às corporalidades gordas, ainda nos Estados Unidos, em meados da década de 1970, intitulados de fat studies. Ao longo dos anos, desde então, a palavra gordofobia entrou para o vocabulário da Língua Portuguesa, nos dicionários, e se espalha pelo mundo e pelos campos sociais de forma gradual, mas avançando.

De acordo com a psicóloga clínica, Stephany Mendes, a gordofobia é a aversão à gordura e o preconceito direcionado a pessoas gordas, que pode ser identificado em, basicamente, todos os campos sociais. Para Malu Jimenez, doutora em Estudos de Cultura Contemporânea, idealizadora do projeto ‘Lute Como Uma Gorda’, ativista, pesquisadora e filósofa sob a perspectiva da Filosofia Gorda, a estigmatização das pessoas gordas é estrutural e cultural, transmitida em muitos e diversos espaços e contextos sociais.

Os ataques gordofóbicos, por exemplo, podem assumir diversas formas, que vão desde a ridicularização, exposição e violação do corpo do outro até a segregação e exclusão de um indivíduo devido ao seu corpo e peso. Uma forma muito comum de atacar uma pessoa gorda é usando o artifício do “humor” para ridicularizar e estigmatizar o corpo do outro, “podendo desencadear vários gatilhos emocionais para o indivíduo”, completou a psicóloga. O julgamento, a exposição, a repulsa, a segregação, o bullying e a intolerância contra os corpos gordos são algumas das faces da gordofobia e dos principais ataques gordofóbicos.

Contudo, ainda há casos em que o discurso de ódio surge velado de um falso cuidado e preocupação ou de um suposto elogio. “[Quando] um elogio a alguma parte do corpo da pessoa vem seguido de uma sugestão ao emagrecimento, reforçando



Malu Jimenez, ativista, pesquisadora e filósofa

essa pressão estética (em alguns casos, sugerindo até cirurgias plásticas) ou uma fala sobre a preocupação associando o peso à saúde”, exemplifica Mendes.

“A crueldade que existe na gordofobia é que ela é difícil de ser detectada, já que vem sempre disfarçada em amor, cuidado e saúde”, observou Jimenez. Segundo a pesquisadora, esse tipo de atitude reforça o preconceito e cria uma marginalização da pessoa gorda. São comportamen-

tos que acontecem na família, na escola ou no trabalho, nas mídias, na internet, em ambientes como hospitais, baladas, transportes, praias, academias, dentre outros.

Os comentários negativos e maldosos gerados pela gordofobia podem impactar diretamente a vida da pessoa gorda, gerando consequências tanto físicas quanto emocionais. A psicóloga Stephany Mendes afirma que as ofensas gordofóbicas podem ser responsáveis por gerar ansieda-

“[É de suma importância] ter pessoas que ocupem esse lugar de fala, para irem na contramão dos estigmas e dos estereótipos sociais que padronizam os corpos, representando e ampliando a reflexão e o diálogo no combate à gordofobia

Stephany Mendes

de, baixa autoestima, inferiorização, além de poder desencadear transtornos alimentares, como a bulimia e a anorexia.

A autoria do livro ‘Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos’, Malu Jimenez, reforça que os impactos são muitos e que é impossível pontuar todos, visto que cada pessoa gorda é um universo e vai depender de uma série de fatores, como tamanho, cultura, vivências e acessos, por exemplo. Contudo, “é importante notar que uma pessoa gorda sofre gordofobia desde sua infância até sua fase adulta, sistematicamente e quase todos os dias de sua vida em lugares e de pessoas que deveriam ser seguros e afetivos”, observou Jimenez.

Como trouxe Malu, há muita crueldade na perpetuação da gordofobia, principalmente quando ela parte de um lugar que deveria ser de amparo. “Desde que chegamos ao mundo, a nossa saúde é associada à preocupação com a gordura e à busca feroz pela magreza, um pilar que contribui fortemente para a estigmatização do corpo gordo em sociedade. A construção do discurso biomédico, midiático e normatizado do que é ser saudável não leva em consideração todos os corpos, subjetividades, afetos, histórias de vidas e dimensões culturais”, observou a ativista.

Esse suposto entendimento de que só existem dois tipos de corpos, aqueles com saúde e os com doença, impulsiona a estigmatização contrária ao que seria um corpo com saúde e separa os corpos considerados padrões, mas que são ideais irreais, como os normais e saudáveis e os flácidos e acima do peso como doentes. “Entender essa dualidade e os conceitos de doença e normalidade, patologia e anormalidade, através da Filosofia da Ciência, poderá nos dar pistas de como essa concepção biomédica do corpo é profunda e marcada por muitas construções socioculturais”, enfatizou Malu Jimenez.

Conforme explicou a ativista e pesquisadora, o filósofo e médico francês Canguilhem constatou que “a ideia de patologia e anormalidade ou doença e normalidade não pode estar desassociada do organismo e do ambiente em que se encontra. A investigação analítica desse conceito não pode deixar de levar em conta os valores e construções sociais, isto é, essa análise deve estar marcada por estudos socioculturais”. Ou seja, para o filósofo, o ficar ou estar doente não está relacionado a fenômenos biológicos ou objetivos, “porque o que se considera saudável ou doente sempre estará submerso nas subjetividades”, elucidou Jimenez.

Os caminhos para combater a gordofobia



“

Xingamentos, comentários depreciativos ou piadas insultuosas podem ser enquadradas na lei (...) mas a pessoa ofendida terá que alegar que sofreu injúria e não gordofobia, já que a expressão ainda não é tipificada em lei

Sheyner Asfora

Dissociar essa ideia de corpo gordo igual a corpo adoecido é um dos principais caminhos para o combate à gor-

dofobia, mas não somente. Stephany Mendes, psicóloga clínica, ressalta que é necessária uma luta diária, dentro do cotidiano, em atos e também em palavras, “seja trazendo a reflexão acerca das expressões gordofóbicas, na inclusão dos espaços e produtos adaptados ou pensados que atendam pessoas gordas, empregando pessoas gordas (não praticando a segregação por meio da gordofobia institucionalizada), ou trazendo a informação de que o excesso de peso não está necessariamente associado à falta de saúde”.

A representatividade é outro lugar de combate à gordofobia, assim como em relação a outros preconceitos e estigmas sociais. Para a psicóloga Stephany Mendes, essa representatividade contribui para a construção da “alteridade, subjetividade, para identificação e aceitação do próprio corpo”. Além disso, a especialista em saúde mental comenta que é de suma importância “ter pessoas que ocupem esse lugar de fala, para irem na contramão dos estigmas e dos estereótipos sociais que padronizam os corpos, representando e ampliando a reflexão

e o diálogo no combate à gordofobia”, completou Mendes.

Contudo, é necessário que haja responsabilidade diante do uso da imagem de corpos e pessoas gordas, que haja uma verdadeira inclusão, sem que acabe perpetuando estereótipos que deveriam ser combatidos. A exemplo disso está a novela ‘Amor à Vida’, exibida em 2013 pela Rede Globo, em que a personagem da atriz Fabiana Karla, Perséfone, deveria trazer luz à temática.

No decorrer da trama, depois de cerca de 100 capítulos, a enfermeira continuava com seus dilemas referentes à vida amorosa e sexual, que não se encaminhavam devido ao seu peso. Na internet, os fãs da atriz se reuniram em um abaixo-assinado para que o rumo da história fosse modificado, pois estava reiterando ataques gordofóbicos comuns na vida real de pessoas gordas. A representação, repleta de boas intenções, também podia ser considerada como gatilho para outras pessoas.

Assim como mencionado anteriormente, em relação ao caso da cantora Marília Mendonça, a atriz norte-ame-

ricana Melissa McCarthy também foi vítima de gordofobia em uma resenha de um crítico também norte-americano sobre o filme ‘Uma Ladra Sem Limites’. Dentre as frases e adjetivos escolhidos por ele para descrever a atriz estavam: hipopótamo fêmea, do tamanho de um trator e assustadoramente nojenta. Na ocasião, McCarthy respondeu: “Sinto pena de quem está nadando em tanto ódio”. Mas a situação não deixa de demonstrar como muitas pessoas ainda enxergam pessoas gordas, independente de sua classe social.

Em casos como os citados, quando a informação e o conhecimento não são suficientes para o enfrentamento da gordofobia, existe amparo legal para as vítimas. De acordo com o presidente da Associação Brasileira de Advogados Criminalistas (Abracrim), Sheyner Asfora, apesar da gordofobia em si não ser enquadrada como crime, os comentários depreciativos contra o corpo de outra pessoa podem levar à prisão, enquadrados enquanto crimes de injúria. “Julgamentos que ferem a dignidade e inferiorizam ou humilham a vítima, de alguma forma, podem ser enquadrados

neste tipo de crime”, observou Asfora.

Para o advogado, existe uma naturalização de brincadeiras ofensivas, mas expor alguém a uma situação vexatória ou discriminatória é crime. “O crime de injúria está entre os crimes contra a honra e é previsto no Código Penal, artigo 140. ele é praticado ao atribuir palavras ou qualidades ofensivas a alguém, expor defeitos ou opinião que desqualifique a pessoa. Xingamentos, comentários depreciativos ou piadas insultuosas podem ser enquadradas na lei”, explicou. Dentre as penalidades previstas para o crime de injúrias, estão multa e detenção de até um ano.

Segundo Asfora, é possível acionar a Justiça pela ridicularização e estigmatização do corpo, mas “a pessoa ofendida terá que alegar que sofreu injúria e não gordofobia, já que a expressão ainda não é tipificada em lei”, lembrou. A primeira coisa a ser feita é ir a uma delegacia para prestar um boletim de ocorrência (BO). Para casos em que será movido um processo-crime, Sheyner afirma que é necessário contratar um advogado para dar início à ação penal, também denominada de queixa-crime.

Beatriz de Alcântara
alcantarabtriz@gmail.com

A gordofobia, de uma maneira muito cruel, está presente em diversos espaços da sociedade, principalmente aqueles que foram construídos ao longo dos anos sobre padrões de beleza considerados, hoje, como inalcançáveis. Indo muito além de palavras e ofensas, os ataques gordofóbicos podem perpassar as vivências de pessoas gordas em transportes, espaços de sociabilidade, hospitais e consultórios e nas vestimentas, por exemplo. A indústria da moda e todo o universo que a contempla é constantemente associada ao glamour e sucesso que, em contrapartida, estão ligados ao padrão que fomenta o ataque aos corpos gordos.

A roupa se constitui como uma das muitas formas que uma pessoa pode se expressar em sociedade, demonstrando sua personalidade, crenças, ideais, entre outras coisas. Nesse cenário, o universo fashion também se apresenta como uma maneira de alguém se sentir aceito e incluído – o que pode acabar não acontecendo quando a pessoa não se encaixa nos padrões estabelecidos de cor, corpo e estilo.

Por mais plural que seja, em estilos, cores e texturas, a indústria da moda ainda se ergue sob uma premissa magra que acaba desencadeando uma série de problemas, todos eles, de certa forma, condicionados à gordofobia. “Como é comum as vestimentas serem de até uma determinada numeração, cria-se uma necessidade dos corpos se encaixarem dentro dos moldes de uma roupa. Visto que, a moda como um todo, ainda produz e reproduz tamanhos de roupas até uma certa numeração, os cortes de roupas acabam se limitando. Junto a isso, os corpos a fim de se encaixar nesses padrões são limitados a um determinado formato”, observou Patrícia Assuf, professora e doutora em Comunicação e Semiótica, especialista em Corpo e Moda Plus Size.

Dentro da questão da numeração das roupas, um dos principais reflexos da gordofobia enraizada no mundo da moda é o “tamanho único”. Essa numeração “U” leva as pessoas a crerem que existe um tipo de corpo padrão que cabe ali e essa concepção atinge não apenas as pessoas gordas, mas todos os corpos diferentes são afetados nessa ideia de padrão.

Contudo, vale ressaltar, que a ideia de corpo padrão não foi desenvolvida em sua totalidade pela moda – a considerar que, em diversos momentos, ela é apenas mais um reflexo da vida em sociedade. Segundo Assuf, existem diversas variedades de costumes que foram

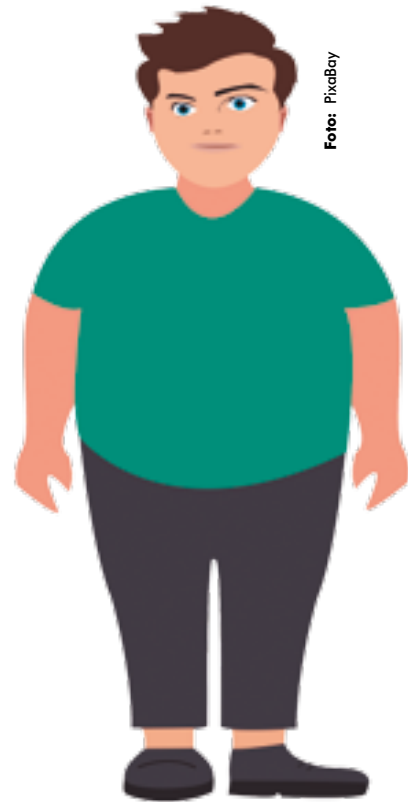


Gordofóbico: uma maneira cruel de ser



“
Com as calças saint-tropez, as pessoas tinham que possuir um corpo magro para acompanhar as novas tendências. E assim a moda, junto à grande mídia, passa a influenciar pessoas a caberem em um padrão de roupa

Patrícia Assuf



aos desfiles de moda e o acesso do público às roupas, e, mesmo com o desejo de mudança em algum deles, a reação precisa ser em cadeia para surtir efeito. “Existe [gordofobia] em todo o processo que inclui a moda. Desde as dificuldades de se conseguir prensas de cortes de tamanhos grandes à compreensão dos designs de desenhar modelos de tamanhos grandes”, exemplificou Assuf.

Há gordofobia na moda plus size também quando as empresas se negam a colocar tamanhos maiores com medo de retaliação ou má-interpretção. Há também quando os desfiles em semanas de moda, por exemplo, querem ser inclusivos, mas acabam pondo um padrão sob o corpo gordo também. “Ser uma mulher curvilínea, sem barriga, sem celulite, sem flacidez. Mesmo as gordas maiores também sofrem com esse padrão. Elas precisam ter uma gordura bem distribuída pelo corpo todo. Por exemplo, um busto muito grande ou um corpo com pernas finas e dorso muito largo também estão fora das passarelas”, enfatizou a especialista em Moda e Corpo Plus Size.

Espaços públicos excluem corpos gordos

Indo além do contexto da moda, a crueldade presente na gordofobia está, também, ligada ao fato de que por muitas vezes sua condição estrutural dificulta a percepção e, com isso, o combate. Nos espaços públicos, por exemplo, os ambientes em sua maioria não foram pensados para receberem corpos gordos.

A infraestrutura dos transportes públicos, tanto os bancos de passageiros quanto a catraca presente na maioria dos veículos, pode ser cau-

sadora de constrangimento e ridicularização. Bares, restaurantes e praças de alimentação que, a depender do tamanho e material, possuem cadeiras que não comportam uma diversidade de peso. A mesma coisa pode ser aplicada em consultórios e hospitais, seja nas salas de espera ou na estrutura das macas, por exemplo.

Assim como outros preconceitos e comportamentos, como racismo, homofobia e machismo, a gordofobia possui uma raiz social complexa

que deve ser combatida com informação, principalmente. Entretanto, a inclusão de pessoas gordas na sociedade se faz mais do que necessária, seja garantindo a elas conforto e comodidade em todos os espaços, que é um direito garantido por lei, considerando que todo indivíduo tem direito à lazer, acesso, saúde e demais condições básicas da humanidade; seja na contramão da gordofobia institucionalizada, garantindo empregabilidade a essas pessoas.

O que não é visto não é lembrado

“Nenhum corpo é invisível. Os corpos diferenciados incomodam porque as pessoas não sabem lidar com as diferenças. Um corpo diferente incomoda”, destacou Patrícia Assuf em relação à invisibilização dos corpos gordos. Para a pesquisadora, a sociedade está habituada a querer ver apenas corpos glamourosos, jovens, os influenciadores de perfil “malhado” e pessoas consideradas “bem-sucedidas” por conta de seus atributos. “Algo ou alguém que foge desse imaginário social incomoda. Chama-se de invisível aquilo que de uma forma ou de outra não queremos ver, mas esse ‘algo’ está latente, pulsando em nossa sociedade”, completou a pesquisadora.

Para reeducar a sociedade que prefere não ver, volta-se a falar na importância da representatividade e inclusão. Ter corpos gordos em todos os espaços, tanto no cotidiano, quanto na mídia – nos programas de televisão, nos filmes e nas séries, por exemplo. É necessário

que as pessoas gordas se enxerguem, com a naturalidade que deveria ter, em todos esses espaços e que a sociedade aprenda que todo mundo deve ocupar todos os lugares, se assim quiserem.

Segundo Malu Jimenez, ativista e pesquisadora de corporalidades gordas no Brasil, as pessoas ainda possuem uma ideia sobre corpos gordos que está ligada à alimentação, preguiça, dentre outros estereótipos. “Somos gordas por inúmeros fatores. As pessoas gordas são pessoas como qualquer outra, casam, trabalham, estudam, passeiam, mesmo sendo odiadas socialmente”, enfatizou.

A série ‘My Mad Fat Diary’ é um exemplo de representatividade responsável que aborda a vivência de uma adolescente gorda com naturalidade, sem deixar de tratar de assuntos pertinentes como bullying e gordofobia. A produção original do Reino Unido estreou em 2013 e foi finalizada dois anos depois. Foi baseada em fatos reais.

A premissa do seriado britânico é falar sobre a vida de Rae, uma jovem de 16 anos que passa por problemas psicológicos devido a sua baixa autoestima. Nos livros, a escritora traz suas experiências: desde a adolescência até o período em que entrou na faculdade.

Em 2018, o filme ‘Dumplin’ da plataforma Netflix, trouxe um debate em relação aos diferentes formatos e tamanhos de corpos também na adolescência colegial, mas também com o foco nos concursos de beleza. O filme vai de encontro ao padrão convencional, trazendo uma protagonista gorda que vence um campeonato de beleza enquanto concorre com uma dezena de mulheres magras – e ela ganha pelos critérios e não como reparação de algo ou pena, por exemplo. A mesma questão é tratada no filme ‘Pequena Miss Sunshine’ (2006), dessa vez, mesmo sem a vitória, a produção consegue conversar com o telespectador sobre gordofobia e

aceitação de corpos diferentes (principalmente autoaceitação e autoestima).

No cenário da moda, a mudança pode ir além de incluir corpos gordos nas vitrines e passarelas. Ela precisa, inclusive, ser anterior a isso para que garanta esses espaços. Para Patrícia Assuf, é preciso repensar essa indústria. “Existe uma conveniência em produzir e reproduzir os mesmos padrões de tamanhos ao longo dos anos. Isso envolve indústria têxtil, mãos de obra, insumos, outras variantes, ou seja, um custo alto e, quanto menores esses custos, mais vantajosos para a venda”, observou.

Logo, o caminho que prevê a necessidade de “produzir moldes de tamanhos diferentes, repensar e refazer peças que não atendem a um padrão estipulado a todos é mais custoso para essa indústria”, mas “quanto mais entendermos as diversidades de corpos, mais esse imaginário social vai se reconfigurando para acolher esses corpos”.